

Diário de Lisboa

DIRECTOR — NORBERTO LOPES
DIRECTOR-ADJUNTO — MARIO NEVES

TELEF.: 320271 a 320273, 321154 e 321155
ENDEREÇO TELEGRÁFICO: D I B O A

REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOA

PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA
ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.º

EDITOR — J. CHRISOSTOMO DE SA
NÚMERO AVULSO: UM ESCUDO

NÃO HOUE INCIDENTES DURANTE A HORA QUE SE SEGUIU AO CESSAR-FOGO NA ARGÉLIA

A tragédia da França

O acordo para o cessar-fogo na Argélia é um acontecimento capital da história do nosso tempo, o qual avultará à medida que se revelarem as suas consequências. Os acontecimentos que naquele país se desenvolveram desde que, em 1 de Novembro de 1954, estalou a rebelião, e as suas repercussões na metrópole paralisaram o povo francês, afectaram as suas faculdades, impediram-no de desempenhar, num momento decisivo para o seu futuro, o papel eminente que lhe estava reservado. Aos olhos do Mundo, a França, desfigurada pela guerra civil, debilitada, desde então, numa agonia agitada pelos espectros do crime e da violência, sem norte e sem cons-

PORTUGAL e o Mercado Comum

— uma carta do prof. Daniel Barbosa

A propósito da carta do sr. embaixador de Inglaterra, que inserimos anteontem, pedimos o nosso ilustre colaborador, prof. eng. Daniel Barbosa, a publicação da carta que se segue:

«Senhor Director do «Diário de Lisboa» — Publicou, anteontem, o «Diário de Lisboa» uma carta de S. Ex.ª o senhor embaixador da Inglaterra que me obriga a solicitar de V., também, o favor de tornar publicos alguns reparos que essa carta, por sua vez, me merece.

Não o faço, evidentemente, no intuito de abrir polémica mas, sim, no fito de contribuir para aquela objectividade que, tal qual como eu, Sua Ex.ª reconhece no jornal que V. tão superiormente dirige.

1) Todos aqueles que, através da imprensa, seguem com relativa atenção o que se passa no Parlamento inglês, não desconhecem a maneira compreensível e calma com que, frequentemente, um ministro do Governo de Sua Majestade responde a qualquer parlamentar que lhe peça esclarecimentos sobre determinada frase que al-

(Continua na página seguinte)

ciência das suas responsabilidades e do seu passado. Nunca ela ofereceu, mesmo nas horas ardentes da revolução e do Terror, da derrota e da Comuna, um tal espectáculo. A grandeza das causas que então perturbavam a sua consciência explicava o sangue que corria. E' impossível invocar hoje essa explicação mesmo para os seus amigos mais devotados.

O episódio argelino não se insere no quadro da descolonização nem esta se relaciona com a sua génese e vicissitudes. Surgiu e espalhou-se como um fenómeno epiléptico que só pode interpretar-se, com fundamento e verdade, tendo em conta o processo de guerra civil — larvada ou aberta — em que a França vive desde que, na arena da controvérsia política e dos debates doutrina-rios, alguns dos seus filhos lançaram o archote do incitamento ao

(Continua na 12.ª página)

UM «NAVIO COM CONTRABANDO» foi «interceptado» pela G. F. graças ao novo sistema de telecomunicações num exercício a que assistiu o subsecretário do Orçamento

No prosseguimento do programa de reapetrechamento da Guarda Fiscal, entrou, esta manhã, em fun-

ARGEL, 19. — Ao meio-dia, hora francesa (11 horas T. M. G.), o cessar-fogo entrou em vigor na Argélia, após quase sete anos e meio de luta.

Segundo as autoridades militares francesas, a primeira hora após o cessar-fogo passou-se sem incidentes.

Ontem, o general Aillerer, comandante-chefe na Argélia, tinha dirigido aos três corpos de Exército, 4.ª Região Aérea e aos elementos da Marinha o seguinte telegrama: «Cessar-fogo segunda-feira 19 stop inspecção para aplicação cessar-fogo executória mesmo dia mesma hora».

Entre as várias disposições tomadas figura o plano «Super-Valentine» destinado, sobretudo, a prevenir eventuais tentativas, parciais ou globais, de subversão e colocando

um dispositivo forte principalmente em Argel e Oran.

AS ESTAÇÕES DE RADIO TRANSMITEM CONTINUAMENTE A NOTICIA DO CESSAR-FOGO

As tropas francesas suspenderam todas as operações militares precisamente ao meio-dia, mas permanecem em estado de alerta a fim de evitarem quaisquer conflitos entre muçulmanos e europeus.

Por todo o país, as estações de rádio transmitem continuamente, em

(Continua na ultima página)

O GOVERNO FRANCÊS reuniu-se esta tarde para ratificar o acordo

PARIS, 19. — O presidente de Gaulle reuniu-se esta tarde com os membros do seu Governo, a fim de aprovar, oficialmente, o acordo do cessar-fogo firmado em Evian. Além disso, o Governo aprovou uma série de decretos des-

tinuados a por em prática disposições tendentes à independência da Argélia.

Por outro lado, está marcada, para amanhã de manhã, a sessão extraordinária da Assembleia Nacional, durante a qual será lida a mensagem do presidente da República e o comunicado do Governo, seguindo-se debate sem votação. No discurso à nação, radiodifundido ontem, de Gaulle salientou que buscará directamente a sua aprovação num «referendum», a realizar provavelmente em 8 do próximo mês ou pouco depois dessa data.

Às 19 horas (H. M. G.) o ministro dos Assuntos Argelinos, Louis

(Continua na ultima página)

Presidência do Conselho

Com o sr. Presidente do Conselho trabalhou, esta manhã, o ministro do Estado, sr. dr. Corrêa de Oliveira.

Substanciais ganhos do movimento peronista nas eleições argentinas

BUENOS AIRES, 19 — Boatos de uma crise no Gabinete e a possível criação de um Governo militar circularam às primeiras horas de hoje em Buenos Aires, nos círculos governamentais, quando resultados das eleições de ontem confirmaram o êxito dos partidários do ditador deposto Juan Perón.

As atitudes baseavam-se em notícias de que muitos chefes militares não permitiriam que governadores peronistas eleitos ocupassem os seus cargos.

VISADO PELA CENSURA



Louis Joxe e Krim Belkacem, os chefes das delegações francesa e argelina que negociaram em Evian o acordo para o cessar-fogo

A ARGÉLIA PODERÁ SER EM BREVE

ADMITIDA NA O.N.U.

NOVA YORK, 19. — A conclusão do acordo de Evian permite que a Argélia seja em breve admitida na O. N. U. como membro da organização.

Por outro lado, deixará de figurar na agenda da Assembleia Geral o caso da Argélia, anualmente debatido desde 1954.

Não se sabe ainda se será a França, como é da tradição, a propor a admissão da Argélia.

Quando há pouco esteve em Nova York, o ministro da Informação do Governo rebelde declarou que a Argélia pediria a sua admissão logo que acesse a independência. — (A. N. I.)

(Continua na ultima página)

HOJE 24
Suplemento desportivo PÁGINAS



O major Ferreira Lemos, explicando ao subsecretário do Orçamento, na presença do general Costa Lopes e do coronel Patrício Calado o desenrolar do exercício

(Continua na 13.ª página)

TRANSPORTADO PARA O PORTO NOS AVIÕES DA T. A. P.

AS ÁRVORES DO PASSEIO

Bastaram dois breves dias de sol para que tudo se desentranhasse nesta força prodigiosa de vida, de tal maneira deslumbrante que chega a parecer milagre. O céu, ainda com ameigos de nuvens, pôs-se de uma claridade radiante e fresca, transparente de luz, colorido deste inacreditável azul lavado e puro. As coisas dir-se-iam tocadas por uma varinha de condão, pois foi de repente que tudo ressurgiu, numa explosão de alegria, delicada e radiosa ao mesmo tempo. Há nisto o quer que seja de sortilégio, tamanha é a sua maravilha!

A ameixeira do nosso quintal, que andava já a deixar antever uns tímidos rebentos verdes, surgindo a custo dos troncos negros, cobriu-se subitamente de flor, vestiu-se de um branco imaculado, e lembra uma noiva envolta em seus véus. Que vida encantadora esta, que em cada ano oferece a juventude, atinge a maturidade e dá no Outono a morte de que se renasce! São velhinhas já, estas árvores, e mal sorri a Primavera, e-las outra vez raparigas, floridas, prontas para amar. Está como uma noiva, senhores, a nossa ameixeira!

Os dias sombrios continuam o irromper desta energia, que se abre agora com um suspiro bom de peito de sopro, sorridente e feliz, a radiar quantas esperanças podem caber num fecundo raio de sol. Ficam-nos os olhos deslumbrados, presos no en-

cantamento de tão adorável beleza. Não há tempo que traga consigo tamanhas promessas. E' muito possível que ainda chova, o céu se turve na sua limpidez, porque a Primavera é como as crianças — ora ri, ora chora. No entanto, quanto não vale já esta calidez do Sol, que não há ser vivo que da alma não agradeça! Será sempre abençoado o milagre que em cada ano dá renovo à vida, assim rejuvenesce a Natureza.

O que mais comove, porém, são as árvores das ruas, a crescerem do empedrado dos passeios, a subsistirem neste humus seco, artificial, dir-se-iam enjauladas entre as muralhas dos prédios, onde às vezes mal chega a luz do Sol. Sempre me pareceram pobres exiladas, a sofrer no seu deserto. E como ao olho com compreensão e piedade, pesado da sua tristeza, notei já há tempos, ainda naqueles dias em que o Inverno teimosamente persistia, que as árvores que sobem nesta rua estreita, com as paredes cobertas de anúncios luminosos, estavam mais cedo do que as outras a rebentar. Os dias eram negros, mas, à noite, aquela ilusão de sol, a luz e porventura o calor que vinha dos tubos de néon, como numa estufa, lhes proporcionava uma Primavera precoce. E isto deu-me consolo, fiquei acaso a confiar ainda mais no que pode a força da vida.

MANUEL MENDES

PEQUENAS NOTÍCIAS

Pela Polícia

TRÊS VIGARISTAS PRESOS EM FLAGRANTE — Uma brigada móvel da Polícia Judiciária prendeu três vigaristas quando estes se preparavam para lesar um indivíduo natural da Torreira — Murtosa — que viera a Lisboa a fim de embarcar para a Venezuela. Os presos são João Ferreira Bessa, José da Silva e Belarmino dos Anjos Gonçalves, os dois primeiros já com largo cadastro.

Pelos hospitais

DESASTRE MORTAL — Faleceu na sala de observações do Hospital de S. José, para onde entrara ontem, à noite, o empregado comercial sr. Fernando Gomes Coelho, de 33 anos, residente no largo do Mercado Novo, 9-3., em Queluz, que fora vítima do choque do automóvel que conduzia com um poste, na Avenida Duarte Pacheco.

Quem perdeu?

Relação dos achados anteontem e ontem em Lisboa e entregues na P. S. P. (Governo Civil): um relógio de pulso para senhora; uma carteira de plástico com cartões de visita em nome de Manuel Ernesto de Sousa Felgueiras e documentos no mesmo nome; um relógio de pulso para homem; uma carteira de plástico dentro de um pano de flanela; um porta-moedas de plástico com determinada quantia; o bilhete de identidade de Mário Sérgio Robalo Romão Peres; a licença internacional de condução e título de propriedade do veículo I F 19-08, pertencente a Joseph Thompson; o cartão da Escola Técnica em nome de José Alexandre Salgueiro Fidalgo; o bilhete de identidade em nome de João Dinis Botelho; um sapatinho de lã para bebé; uma embalagem com etiqueta do Instituto Pasteur de Lisboa; um bidé com a respectiva armação; uma bomba de bicicleta; luvas desirmadas; diversas chaves; uma mala de senhora; dois tampões de depósito de gasolina; um distintivo de automóvel; um par de luvas para senhora; um saco de plástico com laranjas; um saco de praia com lições uma corda e diversas argolas com chaves.

gio de pulso para senhora; uma carteira de plástico com cartões de visita em nome de Manuel Ernesto de Sousa Felgueiras e documentos no mesmo nome; um relógio de pulso para homem; uma carteira de plástico dentro de um pano de flanela; um porta-moedas de plástico com determinada quantia; o bilhete de identidade de Mário Sérgio Robalo Romão Peres; a licença internacional de condução e título de propriedade do veículo I F 19-08, pertencente a Joseph Thompson; o cartão da Escola Técnica em nome de José Alexandre Salgueiro Fidalgo; o bilhete de identidade em nome de João Dinis Botelho; um sapatinho de lã para bebé; uma embalagem com etiqueta do Instituto Pasteur de Lisboa; um bidé com a respectiva armação; uma bomba de bicicleta; luvas desirmadas; diversas chaves; uma mala de senhora; dois tampões de depósito de gasolina; um distintivo de automóvel; um par de luvas para senhora; um saco de plástico com laranjas; um saco de praia com lições uma corda e diversas argolas com chaves.

Tigide APRESENTA
A mais elevada expressão
do Fado
na voz inconfundível de
ESTELA ALVES
Todo o encanto e magia dos ritmos brasileiros com
BRASIL SHOW
A atracção de folclore nacional
TRIO CRISTAL
(M/ 17 anos)

Portugal e o Mercado Comum

(Continuação da página anterior)

guém, estranho ou não à Comunidade Britânica, porventura pronunciou: «o Governo aguarda o conhecimento do texto completo do discurso» — se, por exemplo, de um discurso de trata — «para esclarecer a Câmara de qual a sua posição perante o facto».

Quer dizer: reconhece-se, com essa prática tão judiciosa e louvável, que não é pertinente, nem lógico, tomar posição em face de uma frase solta, dado que, muitas vezes, o conteúdo do todo em que se integra é que lhe dá significado, propriedade e sentido.

Suponhamos que eu tivesse escrito — e só por mera hipótese demonstrativa o admito — «se no futuro a Inglaterra puser sempre acima de tudo os seus interesses, e só desejar considerar os outros povos para efeito de a servirem, a nenhum país interessa aliar-se à Grã-Bretanha». Pergunto: acharia justo o meu ilustre contraditor que se esquecessem as palavras que traduzem o pressuposto de partida, para se destacarem unicamente as que traduzem a conclusão?

Isto é: seria razoável dizer-se que eu fizera a afirmação pura e simples de que «a nenhum país interessa aliar-se à Grã-Bretanha» sem se referir às circunstâncias — muito embora hipotéticas, claro — em que me parecia lícito fazer publicamente tão grave como tão peremptória afirmação?

Presumo que a resposta é só uma, e está, naturalmente, implícita em face do absurdo do inegável da própria preposição.

E' ao abrigo dela, portanto, que não posso deixar de lamentar o facto de S. Ex.ª buscar, para apoiar as suas considerações, uma afirmação que fiz, mas que não só desliga do texto como até a separa das palavras que, começá-la e a terminá-la, com ela constituíam um «período», cuja análise já condicionaria de outro modo a sua interpretação.

De facto, mostrou-se S. Ex.ª chocado perante o comentário que fiz de que a Inglaterra «lançou para a História dos Tratados efémeros e sem interesse a Organização, já sem futuro, da E. F. T. A., a que outros países confiadamente acorreram...», quando, na realidade, o que escrevi foi o seguinte:

A Inglaterra, «tomando posição aberta para rápido ingresso nas três Comunidades europeias que os «Seis» constituiriam, lançou para a História dos Tratados efémeros e sem interesse a Organização, já sem futuro, da E. F. T. A., a que outros países confiadamente acorreram no desejo de constituírem, com ela, um bloco capaz de enfrentar, para uma adesão ou para uma concorrência de exterior, o do Mercado Comum».

Vai em «tipo» diferente exactamente aquilo que faltou.

Inferia-se desde logo, também, pelo próprio texto dos artigos já publicados, que um Tratado como o de Estocolmo teria, na realidade, interesse para efeito da reestruturação económico-social da Europa, conforme os fins que procurasse, ou fosse capaz de atingir; quanto ao auxílio que, cada país, nela pudesse encontrar em face da situação actual, nenhuma medida melhor se poderia pretender do que aquela que permitisse avaliar de uma melhoria de posição para a hipótese de uma adesão, ou de um isolamento, em relação à Comunidade Económica Europeia.

Esta, a tese que poderia estar em discussão.

Poderá negar-se que o facto da maior parte dos países signatários da E. F. T. A. manifestarem — muito embora da forma mais diversa — o desejo de directamente definirem posições de ligação com o Mercado Comum, se constituiu num reconhecimento, por parte dos próprios, do pouco interesse que lhes oferecia um Tratado como o da «Associação Europeia de Comércio Livre»?

Poderá afirmar-se que não foi a Inglaterra quem, praticamente, deu, em tal sentido, o primeiro passo?

Poderá pretender-se que, em tais circunstâncias, e olhando à valorização que tais atitudes conferem ao Tratado de Roma, a Organização da E. F. T. A. é, já, uma Organização sem futuro e que, consequentemente, foi efémera quanto à sua duração?

2) E' da velha ciência diplomática que, tanto para assumir compromissos como para se definirem situações, as «palavras» são de uma importância extrema, e há que tomar toda a cautela em usá-las no exacto significado que, na realidade, têm.

Por isso mesmo, quando aparecem textos a considerar em idiomas diferentes, é corrente que só

um deles se tome em linha de conta para efeito de «interpretação».

Tudo isto vem a propósito da palavra «informação» com que S. Ex.ª classificou o meu já referido comentário.

Pondo uma tese, como pus, á base de uma série de princípios, analisando factos, aludindo a circunstâncias, limitei-me a formular uma simples «opinião»; e, sendo assim, não creio que S. Ex.ª pudesse, em boa verdade, apelidá-la de «menos exacta», mas sim, e quando muito, manifestar a sua concordância ou discordância com ela.

E' evidente que, pela consideração que o sr. embaixador de Inglaterra me merece, muito me penalizaria a segunda hipótese. Mas que fazer, se já antes de Cristo se dizia «Quot homines tot sententiae»?

Ter-me-ia, simplesmente, dispensado de vir importunar V. e tomar tanto espaço no seu conceituado jornal.

3) O mais curioso é o facto de ser na carta a V. dirigida pelo sr. embaixador de Inglaterra que, na realidade, uma «informação» se contém; essa, sim, dá-nos notícias de factos que — nem de longe — me atreveria a refutar.

Basta que S. Ex.ª diga que são estas ou aquelas as intenções do Governo Britânico, para que me não atreva a considerar como «menos exacta» tão abalizada informação.

Simplesmente, uma dúvida surge no meu espírito acerca dela, ou melhor, da interpretação que S. Ex.ª lhe dá: que adianta para a nossa posição — pelo menos tal como a considere nos meus artigos do «Diário de Lisboa» — a declaração do Lorde do Selo Privado, sr. Edward Heath, feita aos ministros do Mercado Comum, em 10 de Outubro do ano findo, e que S. Ex.ª referiu como argumento principal das suas alegações?

Por outras palavras: muito embora destacando, e louvando, a intenção, que tranquilidade nos oferece o facto de se substituir uma acção que se esperava fosse feita em bloco, pela afirmação de que a Grã-Bretanha não deverá ser possível ingressar na Comunidade Económica Europeia se não depois dos legítimos interesses dos restantes países da E. F. T. A. serem devidamente salvaguardados no momento de definirem a sua posição perante o Mercado Comum?

Dá-nos a Grã-Bretanha a certeza de extrapolar a este caso, que a Convenção não prevê especialmente, o preceituado na alínea 5 do artigo 32.º do Tratado de Estocolmo? Isto é: passará a admitir-se o princípio de que Portugal poderá usar de um «direito de veto» para evitar que os países seus parceiros da E. F. T. A. adiram ao Mercado Comum enquanto que aquilo que ele considere como seus legítimos interesses — e só ele, como é óbvio, pode ser juiz na causa — não estejam salvaguardados de facto?

Se não pode garantir-nos tal certeza, cabe-nos perguntar: quem vai ser, então, o juiz desses interesses? Ou melhor: quem vai ponderar se eles se encontram, na verdade, salvaguardados ou não?

E a pergunta justifica-se, se nos lembrarmos de que temos ultimamente tido uma dura e dolorosa experiência do modo como os nossos interesses — mesmo que coincidam com interesses do Ocidente a que estamos ligados — se encontram «salvaguardados» por países a que sempre prestamos devotada colaboração e lealíssima amizade. E na E. F. T. A. não está só Portugal e a Grã-Bretanha.

E' o sangue que corre pela terra portuguesa, as dificuldades enormes que certas atitudes nos criaram, a violência da usurpação que já sofremos que tornam inteiramente ilícita toda a dúvida a tal respeito.

Muito embora não duvide das boas intenções da Grã-Bretanha, de que o seu ilustre Embaixador, de modo tão simpático para nós, veio a público proclamar, o certo é que continuo pensando que temos de contar, sobretudo, com nós próprios, perdida como está a possibilidade de a E. F. T. A. actuar em bloco perante o Mercado Comum.

Creio, portanto, que há-de ser o mérito da nossa vontade própria, a certeza de que sempre soubemos ser fortes na adversidade, que nos deve ajudar muito mais «no estudo e na consideração dos problemas com que o país se defronta» do que todas as informações que o Governo de Sua Majestade venha a prestar ao Governo português acerca das negociações que mantêm com o Conselho dos «Seis».

Isto não quer dizer, como é evidente, que elas sejam de desprezar; pelo contrário, admito, até, que elas nos sejam úteis: simplesmente devemos recebê-las como simples indicativo daquilo que podemos eventualmente contar.

Ao terminar, senhor director, desejaria deixar a afirmação duma certeza. Pelo que sei da amizade que o sr. Embaixador de Inglaterra — sem dúvida um dos mais ilustres que têm estado em Portugal — devotadamente nos dedica, não duvido de que há entre nós uma inteira concordância quanto a um ponto de muito maior interesse do que aqueles que, mau grado meu, nos obrigaram a manifestar em público uma discordância: que ambos sinceramente desejamos, num momento em que Portugal enfrenta uma das mais graves crises que até agora atravessou, e dentro da qual tem de resolver um dos problemas mais graves que lhe foi dado enfrentar, a Inglaterra saiba cumprir para conosco as obrigações que lhe advêm, não de Tratados, que não contam, sequer, três anos de existência, mas de uma Aliança que tem já consigo quase seis séculos de História.

De V. etc.

a) Daniel Barbosa

O director das construções das Obras Públicas do Iraque visitou Alvalade e os Olivais e segue amanhã para o Porto

A convite da Fundação Gulbenkian, e como o patrocínio do Laboratório Nacional de Engenharia Civil, encontra-se em Portugal, como temos anunciado, em visita a planos de urbanização, o sr. dr. Nouradeen Muhyadeen, director-geral do gabinete de construções do Ministério das Obras Públicas do Iraque.

Acompanhado do sr. Avelar Socioir, «public relations» do L. N. E. C., aquele convidado apreciou esta manhã do Instituto Superior Técnico, a Alameda D. Afonso Henriques, admirando o seu traçado

«Diário de Lisboa»

Do director do Instituto Superior Técnico recebemos uma amável carta na qual se agradece o apoio e carinho que o «Diário de Lisboa» tem dispensado às actividades curriculares daquele estabelecimento de ensino, particularmente as que se relacionam com a difusão da cultura musical.

estético e funcional. O edifício do Instituto, admirado sómente do exterior, mereceu também a atenção do sr. dr. Muhyadeen.

As zonas de Alvalade e Areeiro, desafogadas e de impecável urbanização, foram igualmente dadas a conhecer ao visitante iraquiano — o qual, mais tarde, no Gabinete Técnico de Habitação da Câmara Municipal de Lisboa, ao Campo Grande, teve oportunidade de ponderar o que urbanisticamente se projecta fazer na zona dos Olivais. Todas as indicações aí lhe foram prestadas pelo sr. arquitecto Carlos Duarte — indicações concretamente apoiadas em gráficos, mapas e maquetas.

De tarde, o sr. dr. Nouradeen Muhyadeen visitou nos Olivais duas escolas primárias — e estendeu também a sua atenção pela zona industrial do Poço do Bispo.

Amanhã, o sr. dr. Muhyadeen segue para o norte, em visita à Barragem do Castelo de Bode. Quart-feira, pelas 10 horas, apreciará as obras da Ponte da Arrábida e será recebido na Câmara Municipal do Porto.

VAI SER CONCLUÍDA A OBRA DO COLECTOR DO BREJO NA COVA DA PIEDADE

Nos Serviços Municipalizados de Almada, efectuou-se o concurso publico para adjudicação da importante obra da montagem do colector do Brejo, tendo sido apresentada uma proposta da Agro-Mecânica, Lda., no valor de cerca de 1 830 000 escudos, que vai ser submetida a estudo no Ministério das Obras Publicas.

Trata-se de um melhoramento de muito interesse para a freguesia da Cova da Piedade, pois permitirá evitar as constantes e aborrecidas inundações que, frequentemente, se verificam naquela populosa área, causando prejuizos sem conta e impedindo, até, o transito de viaturas e peões.

A obra já em tempo havia sido confiada a outro empreiteiro, mas por dificuldades técnicas, não pôde ser concluída, com enorme desapontamento dos seus mais directos beneficiários.

O «Diário de Lisboa», por mais de uma vez, tem-se feito eco dos protestos dos moradores da Cova da Piedade, duramente atingidos, há muitos anos, pelo flagelo das inundações. Aguarda-se, portanto, com natural expectativa, o desenvolvimento dos trabalhos agora anunciados.

Para dar uma nota expressiva da importância da empreitada referida, bastará dizer que o seu valor representa cerca do dobro do rendimento do imposto de saneamento, durante o ultimo ano, dos Serviços Municipalizados de Almada.



O sr. engenheiro-agrônomo António Antunes da Silva prestou hoje, no auditório da Estação Agronómica Nacional, as suas provas práticas do concurso de nomeação para preenchimento de uma vaga de investigador do Grupo de Serviços de Solo daquela estação. O candidato, perante o juri presidido pelo director-geral dos Serviços Agrícolas, apresentou uma tese sobre «Condicionamento físico dos «barros» — Estudo laboratorial em castanho-avermelhado do basalto»

CASINO

APRESENTA

UM DOS MAIORES INTERPRETES DA MÚSICA POPULAR BRASILEIRA

NELSON FERRAZ

A VOZ DE OIRO DE «BRASILIANA»

MARIA CANDAL

a expressiva cançonetista portuguesa

E

Rosita and Lamar

em momentos de rara beleza coreográfica

(Maiores 17 anos)

ESTORIL

DEMITIU-SE o presidente do Município de Almada

Pediu a exoneração do cargo de presidente da Camara Municipal de Almada o sr. dr. Emílio Aquiles Monteverde, que, durante quase oito anos, desempenhou o seu mandato com inegável proficiência, desenvolvendo uma extraordinária obra de fomento, designadamente nos sectores cultural e turístico.

No sábado, efectuou-se no gabinete da presidência, uma breve cerimónia de despedida, tendo o dr. Aquiles Monteverde recebido todo o funcionalismo municipal, a quem agradeceu a boa colaboração dispensada. Em resposta, usou da palavra o dr. Mário Bento, director dos Serviços Municipalizados, que, em nome dos funcionários, pôs em relevo a obra realizada pelo presidente cessante do Município.

Cinemas

ALMADA — *Incrível Almadense* — As 21 e 15: «Os 11 do Oceano» (12 anos); *Academia* — As 21 e 15: «O milagre de Malaquias» (17 anos).

COVA DA PIEDADE — *Clube Recreativo* — As 21 e 15: «Serviço ao domicílio» e «Anibal e os elefantes» (12 anos).

SETUBAL — *Casino* — As 16 e 21: «Em busca do amanhã» e «Docas de Nova York» (17 anos).

Farmácias de serviço

ALCOCHETE — *Nunes* — L. Coronel Ramos da Costa, 10 (Tel. 034137).

ALMADA — *Magalhães* — P. Luís de Camões, 10 (Tel. 070242).

BARREIRO — *Soares* — Av. da Republica, 1 (Tel. 023023).

COVA DA PIEDADE — *Castro Rodrigues* — P. 5 de Outubro, 62 (Tel. 070121).

MOITA — *Silva Rocha* — P. da Republica, 16 (Tel. 039029).

MONTIJO — *Giraldes* — R. Almirante Reis, 45 (Tel. 030008).

SESIMBRA — *Leão* — Av. Salazar (Tel. 029025).

SETUBAL — *Leão Soromenho* — P. Machado Santos, 24 (Tel. 22691); *Alice* — P. do Quebedo, 6 (Tel. 23743).

De ontem para hoje

TRADIÇÃO E CULTURA EM COIMBRA

Os que passaram por Coimbra, como estudantes da Universidade, ficam presos por uma nostalgia vicejante áquele ambiente de inexprimíveis enlevos da alma que Eça de Queiroz, nas contemplativas deambulações com Antero de Quental, o Santo Antero, definia como «a saudade da fantástica e encantada Coimbra». A Associação dos Antigos Estudantes mantém ali o culto das tradições, exercendo, também, uma acção que visa o prestígio da Universidade e na qual se incluem preocupações de auxilio social e de valorização do escolar, com os estímulos ao estudo e ao aperfeiçoamento de extensão universitária. Foram agora atribuídos por uma comissão presidida pelo reitor da Universidade, prof. dr. Guilherme Braga da Cruz, os prémios pecuniários que a Associação instituiu para os estudantes, cujos cursos terminaram no ano lectivo findo com as melhores classificações e são filhos de antigos estudantes. Foram distinguidos os seguintes recém-licenciados, drs. D. Maria da Luz Monteiro Videira, da Faculdade de Letras; José Manuel Sampaio Cabral, da Faculdade de Direito; Henrique João Carmona da Mota, da Faculdade de Medicina; D. Hortense Deolinda Quinteira de Matos, da Faculdade de Ciências, e D. Maria do Carmo Monteiro Videira, da Escola Superior de Farmácia.

O FIO DA NAVALHA

Parece que isto de um facinora dar uma facada em alguém já não devia causar grande impressão, quando, todos os dias, morre tanta gente em monstruosas carnificinas sem que o Mundo estreme de indignação ou core de vergonha. Mas ficar uma mulher às portas da morte, anavilhada por um rufia, depois de a infamar pelo furto de trinta escudos, isso não deixa de espantar—precisamente pelo insignificante motivo da ignóbil e traiçoeira agressão. A vítima, Maria da Conceição Monteiro, de 41 anos, solteira, de Montemor-o-Velho, moradora na Travessa da Guarda-Mor, 22, 3.ª, estava numa casa de hóspedes da Travessa da Agua de Flor, 29, 1.ª, com José António Simões, de 41, ajudante de padeiro, residente na Rua do Norte, 123, 1.ª, Esq.ª. Ao separarem-se, ele deu por falta do dinheiro e acusou-a de lho ter furtado. Como a mulher negasse, puxou da arripante navalha e rasgou-lhe o ventre.

A LISTA NEGRA

Entre a série de desastres de viação que ontem acrescentaram algumas vítimas á lista negra, incluindo quatro feridos em dois acidentes na Avenida Duarte Pacheco e em Algés e mais cinco (quatro estudantes e uma senhora) nas estradas do Norte, e excepcionalmente movimentadas pelo desafio de futebol Porto - Académica, apontam-se um morto e mais três feridos, um deles em estado grave. Foi o resultado do choque de um automóvel com uma camioneta na estrada de Sintra para a Ericeira, no sítio de Árvores de Odrinhas, freguesia de São João das Lampas. O primeiro veículo era conduzido por António José de Sousa, cabeleireiro, de 31 anos, morador em Algueirão, na Rua Serras de Baixo, 53, que perdeu a vida. Os que o acompanhavam, sua esposa, D. Joana de Sousa; seu pai, Alberto de Sousa, também cabeleireiro em Vila Franca de Xira, e a esposa deste e madrastra do primeiro, D. Eu-

O FEITIÇO DO JOGO DA BOLA

O futebol exerce tão poderosa atracção sobre as multidões subjugadas por um estranho fascínio, que alguns entusiastas não resistem, por vezes, á emotividade da competição e tombam nos estádios fulminados pelo choque cardíaco. Outros, nesse delírio turbador, esquecem-se de tudo o mais, até do transcendente da existência, como se neles se quebrassem os liames a prendê-los ao mundo dos seus afectivos sentimentos. Ainda ontem devia casar-se na igreja de Solnado (Valongo), José Gonçalves Freire, o «Zépi», de 22 anos, do lugar de Coche, freguesia de Campo, da quele concelho. A hora marcada para a cerimónia, a noiva, Sofia dos Santos Oliveira, de 20 anos, operária fabril, lá estava á porta do templo, num ansioso jubilo de todas as promissoras esperanças na risonha primavera conjugal, acompanhada pelos padrinhos e convidados. Não aparecia o noivo, e o tempo ia passando num enervamento perturbador. Foi longa a espera e começaram a formular-se as mais singulares e sombrias hipóteses. Que seria, que não seria!... Aconteceria ao pobre rapaz a tremenda infelicidade de entrar no atro abismo da funérea desesperança, quando chegava ás portas do Paraíso?... De repente alguém se lembrou da desvairada paixão do «Zépi» pela bola. Estaria ele no futebol? E lá foram até ao campo de jogo, onde o noivo andava, em camisola e calção, metido num encarniçado desafio — esquecido de que á mesma hora se devia casar...

UM ÉXITO ENORME EM

2.ª SEMANA!

NO

IMPERIO

(ADULTOS)

Baseado na sensacional peça de ARTHUR MILLER

“DO ALTO DA PONTE”

Realização de SIDNEY LUMET

Magistral desempenho de RAF VALLONE

MAUREEN STAPLETON * RAYMOND PELEGRIN * JEAN SOREL
* CAROL LAWRENCE *

São raros os filmes, como este, de que todo o público enaltece não só a inexcelável qualidade cinematográfica, como o escaldante interesse do argumento!

UM EXCLUSIVO DA TEMPORADA DA SONORO FILME

PROVAS PÚBLICAS

para investigadores do Laboratório Nacional de Engenharia Civil

No Laboratório Nacional de Engenharia Civil começaram hoje as provas para promoção de engenheiros a investigadores do quadro permanente daquele departamento científico.

Perante o júri, presidido pelo sr. eng. Manuel Rocha, director do L. N. E. C., e composto pelos srs. eng. Julio Ferry do Espírito Santo Borges, Ulpio do Nascimento, Laginha Serafim, Afonso Rodrigues, Jorge Fernandes, Gonçalves Pereira, Inocência de Sousa Coutinho, todos funcionários do L. N. E. C. e ainda, como agregados, os srs. eng. Edgar Cardoso, professor catedrático do Instituto Superior Técnico, Armando de Campos e Matos e Joaquim Sarmento, catedráticos da Faculdade de Engenharia do Porto, Varennes e Mendonça, professor catedrático do Instituto Superior de Agronomia, Luis dos Santos Viegas Seabra, professor do mesmo Instituto, Pedro Arsenio Nunes, director-geral do Porto de Lisboa, e os profs. Leopold Escande, da Universidade de Toulouse, e George Blachère, director do Centre Scientifique et Technique du Batiment, de Paris, prestaram hoje as suas primeiras provas que decorrem no anfiteatro daquele departamento técnico, os srs. engs. José de Brito Folques e Tomás Mateus, que dissertaram sobre temas que lhes couberam no sorteio efectuado no passado sábado. Foram arguentes os professores catedráticos da Faculdade de Engenharia do Porto, srs. engs. Armando de Campos e Matos e Joaquim Augusto Ribeiro Sarmento.

De tarde, prestaram igualmente provas, os srs. engs. Novais Ferreira, director do Laboratório de Engenharia de Angola, e Armando de Lencastre, tendo conduzido as suas provas os srs. profs. Campos e Matos e Varennes e Mendonça, do Instituto Superior de Agronomia. As provas prosseguem amanhã com dissertações dos srs. engs. António da Silveira e Fernando Abecasis.

EM 3 LINHAS

O Governo, ouvida a Câmara Corporativa, apresentou à Assembleia Nacional a proposta de lei n.º 11, relativa ao «Regime jurídico da colonização interna».

Foi publicado um decreto que promulga a organica dos serviços da administração civil do ultramar e introduz alterações em várias disposições do Estatuto do Funcionalismo Ultramarino, aprovado pelo decreto n.º 40 708.

O general da Força Aérea Martinião Alexandre Pizarra Homem de Figueiredo foi agraciado com a Grã-Cruz da Ordem Militar de Avis.

Foi nomeado delegado do Governo junto da Companhia Colonial de Navegação o capitão-de-fragata da reserva da Armada José Soares de Oliveira.

Foi nomeado presidente da Câmara Municipal de Arruda dos Vinhos o sr. João Manuel Vaz Monteiro de Carvalho.

Linha de SINTRA

Cinemas

AMADORA — *Recreios Desportivos* — As 21 e 15: «A ameaça do outro mundo» e «A lei da violência» (17 anos).

Farmácias de serviço

AMADORA — *Carmelo* — Rua Elias Garcia, Lote 28 (Tel. 931303); *Helénica* — R. Elias Garcia, J. P. L. Loja B (Tel. 930213).

QUELUZ — *André* — Av. Elias Garcia, 151 (Tel. 950043).

SINTRA — *Marrages* — L. Rainha D. Amélia, 20 (Tel. 980155).

S. PEDRO DE SINTRA — *Valentim* (Tel. 980456).

BURACA — *Vaz Martins* — R. António Ferro, M. A. D. (Tel. 931690).

VENDA NOVA — *Nova* — Rua Elias Garcia, 10 (Tel. 930120).

TEATROS E CINEMAS

Ser actor

Exercer eficientemente uma profissão — designadamente artística — só é possível por um acto de amor. Citemos hoje o caso de Humberto Madeira, que ao Teatro e ao publico deu, há poucos dias, uma magnífica demonstração do seu admirável profissionalismo, do seu amor ao palco! do seu respeito pela empresa et pela plateia. Humberto Madeira está ao serviço do Teatro que não cuida de largas e profundas mensagens — o teatro de revista. No palco do Maria Vitória — onde se tem conservado mais tempo —, conheceu momentos inolvidáveis, noites de êxito, de aplausos calorosos com que o publico distingue os artistas que mais aprecia. E foi precisamente, também, no palco do Maria Vitória que Humberto soube demonstrar, de maneira expressiva e eloquente, impressionante na sua grandeza e significado, autêntica consciência de actor — actor na mais plena e justa expressão do termo. O pai de Humberto Madeira morreu poucas horas antes de começar a primeira sessão. O artista, conhecendo perfeitamente a importância da sua contribuição para o espectáculo — não faltou à cena! Os seus «tipos» foram criados com o mesmo recorte grotescamente humano, as suas falas proferidas com as mesmas intenções de todas as outras noites. Fora de cena, Humberto Madeira — o homem —, tinha o coração dilacerado pela angustia. No palco, o actor Humberto Madeira continuou em mais uma noite a sua carreira de grande artista. A empresa do Maria Vitória não ficou indiferente — não podia ficar indiferente! — a esta admirável atitude de profissionalismo, tão rara, infelizmente, nesta época de egoísmos cada vez mais fortes em almas cada vez mais fracas. Na «tabela» foi afixado um agradecimento em que se enaltece o sacrificio de Humberto Madeira e toda a companhia disso teve conhecimento. Diz-se que só no palco cabe a vida e a morte do actor. E acrescentamos: com as grandes alegrias e os maiores desgostos.

Atrás do reposteiro

- O cómico brasileiro Nick Nicola, que recentemente actuou entre nós e já regressou ao Rio de Janeiro, endereçou um convite à jovem actriz Florbela Queirós para que esta artista se desloque ao Brasil.
- Amanhã, em Vigo, António Vilar avistar-se-á com o dramaturgo Perez Pardella, a fim de tratarem de assuntos que se ligam com a película «Poncio Pilatos», a primeira co-produção luso-argentina a realizar por Artur Duarte.
- Fernanda Baptista reúne, no mesmo disco, dois êxitos separados por uma distancia de quinze anos: o «Fado do Candeiro», de uma das ultimas revistas do ABC e «Fui ao Baile», além de uma selecção dos seus êxitos antigos que compreende o famoso «Fado da Carta», de João Nobre.
- O declamador Carlos Pinho realiza amanhã, em Rádio Clube Português, um recital de poesia, interpretando algumas obras mais representativas de poetas contemporâneos.
- Humberto Madeira fará o «compère» do primeiro acto da nova revista do Maria Vitória.

No S. Carlos

Volta a cantar-se a ópera «A Favorita», de Donizzetti

A temporada de ópera do S. Carlos vai prosseguir, na próxima quarta-feira, com a representação da ópera «A favorita», uma obra muito representativa de Donizzetti.

Um elenco de artistas de reputação consagrada terá a seu cargo a interpretação desta tão bela ópera: Rita Gorr, Sesto Bruscantini, Alfredo Krauss, Paulo Washington, Mariano Caruso e, ainda, a distinta cantora portuguesa Maria Cristina

CAMPO PEQUENO

Nas condições já vindas a público está aberta a bilheteira dos Restaurantes, 7, até 26 do corrente, para o direito de marcação referente à época de 1962, que se inaugura no Domingo de Páscoa.

Castro. O maestro Carlo Felice Cillario dirigirá a Orquestra Sinfónica da Emissora Nacional e colaboram no espectáculo o Coro do Teatro de S. Carlos, ensaiado pelos maestros Mario Pellegrini e Carlo Pasquali e os Bailados do S. N. I., dirigidos por Margarida de Abreu e Fernando Lima.

Coliseu

Récita popular com a ópera «Simão Boccanegra», de Verdi

Dentro do programa de divulgação musical e artística, o S. Carlos vai apresentar, no Coliseu, um espectáculo acessível a todas as camadas do publico, proporcionando uma série de récitas populares de ópera. A primeira destas realiza-se amanhã, às 21 e 15, cantando-se «Simão Boccanegra», de Verdi, uma ópera que é do agrado do grande publico.

O maestro Carlos Felice Cillario dirigirá a Orquestra Sinfónica da E. N. nesta ópera, de que são intérpretes os consagrados cantores Tito Gobbi e Onelia Fineschi, figuras de grande carreira internacional e de primeiro plano; Paulo Washington e Alfonso La Morena, que, apesar da sua juventude, já impuseram os seus nomes através do Mundo; e ainda os reputados cantores Gian Piero Mastromei, Mariano Caruso e os artistas portugueses Alvaro Malta e Andrea Gaspar. Colaboram no espectáculo o Coro do Teatro Nacional de S. Carlos, ensaiado pelos maestros Mario Pellegrini e Carlo Pasquali e o regista Enrico Frigerio. As «maquettes» dos cenários foram desenhadas por mestre Alfredo Furiga.

No Variedades

4.ª semana triunfal com a farsa portuguesa de retumbante êxito «Aqui há fantasmas!...»

Brilhantemente apresentado por Ribeirinho e Henrique Santana, entra hoje na sua 4.ª e triunfal semana de representações e encheites no Teatro Variedades, às 21 e 45 horas, a irresistível farsa portuguesa «Aqui há fantasmas!...», sem sombra de duvida, o maior êxito no género dos ultimos anos em Lisboa.

Espectáculo brilhantíssimo, onde a graça ressalta a todo o instante, quer no seu diálogo esfuizante como nas suas acreditáveis e engraçadas situações, «Aqui há fantasmas!...», que o publico, delirantemente, aplaude, impõe-se pela excepcional categoria dos seus intérpretes, entre os quais se contam: Ribeirinho, Henrique Santana, Costinha e António Silva, brilhantemente acompanhados por: Luisa Durão, Carmen Mendes, Lili Neves, Luis de Campos, Henrique Santos, Carlos Alves e Henrique Viana.

Espectáculo para adultos, maiores de 17 anos.

No Trindade

preços especiais para estudantes

Em virtude de se não realizarem espectáculos á tarde com a obra-prima de Strindberg, «O Pai», resolveu a Companhia Nacional de Teatro conceder, para os seus espectáculos da noite, a todos os estudantes, o preço especial, para os lugares de plateia e 1.º balcão, de 10\$00.

Continua assim a empresa António Manuel Couto Viana a dar as maiores facilidades a todos os estudantes para que possam assistir aos magníficos espectáculos que no Trindade são levados á cena.

«O Pai», obra fundamental da moderna dramaturgia, tem, no Trindade, uma perfeita transposição cénica que se fica a dever á excelente encenação de Couto Viana e ás brilhantes interpretações de Alves da Costa, no protagonista, Brunilde Judice, Augusto Figueiredo, Maria Albergaria, Carlos Wallenstein, Mário Pereira, Irene Cruz e Francisco Nicholson.

Todas as noites, ás 21 e 45, no Trindade, «O Pai» de Strindberg com preços especiais para estudantes e preços populares para o restante publico.

No Monumental

grande êxito da comédia «O Sedutor», com Igrejas Caeiro

Com grande interesse, continuando a levantar a mais viva polémica, mantem-se com êxito, no palco do Teatro Monumental, num sumptuoso e grande espectáculo de Vasco Morgado, uma das comédias de Diego Fabbri, na versão portuguesa de Jerónimo Bragança, «O Sedutor».

Trata-se de uma peça do mais vivo tema, sobre o amor de um homem por três lindas mulheres, que a todo o custo procura viver com todas as três ao mesmo tempo, e levantando esta pergunta a todos os espectadores: — Poderá um homem, em 24 horas que tem o dia, viver com três lindas mulheres e dispensar-lhes igual carinho? — Tudo isto é explicado por uma excepcional criação de Igrejas Caeiro que em boa hora reapareceu nos nossos palcos, ao lado de um elenco notável de que fazem parte Madalena Sotto, Mariana Vilar e Isabel de Castro.

«O Sedutor» representa-se em 5.ª semana triunfal, todas as noites, ás 21 e 45, a preços acessíveis.

José de Vasconcelos

partiu para Angola

O artista brasileiro José de Vasconcelos partiu ontem á noite para Luanda. O grande fantasta vai apresentar o seu «show» «Eu sou o espectáculo» numa cadeia de cinemas de Angola.

A estreia de hoje

No Olimpia

Título — «O kimono misterioso». Produção — Norte-americana. Intérpretes — Victoria Shaw, Glenn Corbett e James Shigeta. Argumento — História de «gan-

sters» na «pequena Tóquio» da cidade de Los Angeles.

Classificação — 17 anos.

Sessão de cinema

na Biblioteca Americana

Devido ao êxito alcançado pela anterior sessão, a Biblioteca Americana repetirá o seu ultimo espectáculo de cinema, amanhã, pelas 13 horas, na sua sede. Serão novamente passados os filmes «O voo orbital de Glenn» e «Desportos».

Cinema educativo

Integrada na sua acção cultural, a Sociedade Portuguesa de Naturallgia promove hoje, ás 21 e 30, na Rua de Vitor Cordon, 14-2.ª, a exibição publica de filmes educativos seleccionados, cedidos pela Embaixada da Holanda e pelo Turismo francês.

«Music-hall»

As artistas «Del Rúbio Triplets» na Tágide

Uma sensacional embaixada da Broadway chegará a Lisboa na próxima quarta-feira, para vir exhibir-se na «Tágide», durante alguns breves dias. Trata-se das famosíssimas «Del Rúbio Triplets», três gémeas louras, capitosas e dotadas de excelentes vozes, de quem, o ano passado, se venderam mais de um milhão de discos no seu país.

Netas do grande presidente Woodrow Wilson, o homem que criou a Sociedade das Nações, as gémeas Del Rúbio estão a fazer uma longa «tourné» por todo o Mundo, e ultimamente estiveram a exhibir-se com o maior êxito, no «Olympia», de Paris.

«Contagiantes em classe e espírito» — assim as definiu o crítico da revista «Variety»; e nos Estados Unidos são vulgarmente conhecidas pelas «sing-sensationalits», o que bem explica os enormes triunfos que vêm obtendo.

RESTAURANTE FOLCLORE



PORTUGAL

DANÇA DE RODA EM RODA DE BOA MESA

R. Nova da Trindade, 22-A
Telefones 324005 e 35007

4.ª SEMANA TRIUNFAL

NO VARIEDADES

COM A IRRESISTÍVEL FARSA PORTUGUESA

AQUI HÁ

FANTASMAS!...

com RIBEIRINHO - HENRIQUE SANTANA - LUISA DU-RAO - CARMEN MENDES - LILI NEVES - LUIS DE CAMPOS - HENRIQUE SANTOS - CARLOS ALVES - HENRIQUE VIANA e ainda COSTINHA e ANTONIO SILVA
ADULTOS
M/ 17 ANOS

NO MONUMENTAL
Adultos
M/17 anos

5.ª SEMANA TRIUNFAL
a célebre comédia de DIEGO FABBRI
O SEDUTOR
com IGREJAS CAEIRO - MADALENA SOTTO - MARIANA VILAR - ISABEL DE CASTRO
Uma grande montagem num sumptuoso espectáculo de Vasco Morgado

TRINDADE

A's 21.45 h. Adultos

ALVES DA COSTA
BRUNILDE JUDICE
em

O PAI

de STRINDBERG
AUGUSTO FIGUEIREDO - MARIA ALBERGARIA - CARLOS WALLENSTEIN - MARIO PEREIRA - IRENE CRUZ - FRANCISCO NICHOLSON
Encenação de COUTO VIANA

IMPERIO

A's 18.30 (Adultos)
Grande êxito do

TEATRO MODERNO DE LISBOA
na peça de Chazak
HUMILHADOS E OFENDIDOS

segundo o romance de DOSTOIEWSKI

SINTRA ESPERA-O
Para a sua deslocação utilize os COMBOIOS ELECTRICOS

AGORA NO THEATRO
MARIA VITÓRIA

PREÇOS POPULARES!

NÚMEROS NOVOS!

AMPLIFICAÇÃO SONORA PHILIPS

JOSÉ MIGUEL
Apresenta
As 20.45 e 22.45
A GRANDE E POPULAR REVISTA

SAÚDE E TOTOBOLA!

com JOSÉ VIANA, LEONIA MENDES, HELENA TAVARES, VICTOR LIMA, BARROSO LOPES e PAULO RENATO

NO THEATRO
ABC
(ADULTOS)

HOJE no OLYMPIA
SENSACIONAL ESTREIA

UM FILME
ADULTOS M-17 anos
DE LOS ANGELES A TÓQUIO ESTENDIA-SE A SINISTRA REDE DOS TRAFICANTES DE ÓPIO!

QUIMONO MISTERIOSO
(THE CRIMSON KIMONO)

VICTORIA SHAW - GLENN CORBETT - JAMES SHIGETA
ARGUMENTO, PRODUÇÃO e REALIZAÇÃO DE SAMUEL FULLER
UMA PRODUÇÃO GLOBE ENTERPRISES

EM COMPLEMENTO: VICTOR MATURE
KASIM, O BANDIDO
CINEMASCOPE TECHNICOLOR

75.893 ESPECTADORES JÁ APLAUDIRAM

BADAROSCOPE

FALTA APENAS VOCÊ!
ESTREIA AMANHÃ ÀS 21.45 H.

ATRAÇÃO CONJUNTO

6 ÚNICOS DIAS

M/ 12 ANOS

CEDIDO PELA BOITE CARPA

HELDER MARTINS

Cartaz dos Cinemas

TIVOLI
A's 3 da tarde e 9.30 da noite (M. 17 anos)
2.ª SEMANA
O maior êxito do ano e do Mundo
OS CANHÕES DE NAVARONE
Em Cinemascope e Eastmancolor
c/ Gregory Peck, David Niven e Anthony Quinn
A's 6.30 — CONCERTO.

SÃO JORGE
A's 15, 18 e 21.30 (M. 17 anos)
2.ª SEMANA
Marlon Brando
Anna Magnani
Joanne Woodward
O HOMEM NA PELE DA SERPENTE
O mais escaldante drama de Tennessee Williams!
O filme principal começa a ser exibido, respectivamente, às 15.30 — 18.30 — 22 horas.

SÃO LUIZ
A's 15.15, 18.15 (p. red.) e 21.30
2.ª SEMANA
O PRESIDENTE
JEAN GABIN, o maior actor do Cinema Francês no seu melhor filme, de sempre!

EDEN
A's 15.30, 18.30 e 21.45 (M. 17 anos)
O filme excepcional em Technicolor
CARNE DA MINHA CARNE
com Troy Donahue e Connie Stevens
Uma rapariga que aprendeu a ter medo do amor...

CONDES
A's 14.45, 18.15 (p. red.) e 21.45 (M. 12 anos)
da mais emocionante história de todos os tempos
Em Dyaliscope e Eastmancolor
O CONDE DE MONTE CRISTO
Louis Jourdan — Yvonne Furneaux
Pierre Mondy

ATENÇÃO — Devido à sua metragem, o filme será projectado sem complementos.
ALVALADE
A's 15.15 (p. red.) e 21.45
2.ª SEMANA (M. 17 anos)
O PRESIDENTE
Um espectáculo humano, diferente, onde o drama e a comédia se fundem.
C/ Jean Gabin, Bernard Blier, e Renée Faure

CAPITULO
A's 15.30 e 21.30 (M. 12 anos)
Telefone 327493
TODOS MORRERAM CALÇADOS
Jamais a coragem dos pioneiros do Oeste americano foi abordada com tanta magnificência e emoção.
Com Errol Flynn — Anthony Quinn — Olivia de Havilland

CINEMA IDEAL
As 21 horas (M. 17 anos)
OS ESPIÕES
Telefone 324194
TARANTULA

RESTELO
A's 21.15 (M. 12 anos)
O MILAGRE DOS LOBOS
Telefone 610373
com Jean Marais — Rossana Schiaffino

CASINO ESTORIL
A's 21.30 (M. 17 anos)
O MUNDO DE NOITE
As maiores vedetas dos cabarés nocturnos de todo o mundo!

NA SEVERA
TODA A GENTE CANTA

Transporte
RESTAURANTE PASTELARIA
TODOS OS PRODUTOS ALIMENTARES
AV. DE ROMA, 46-A TELEF. 77 65 97

MARCIA CONDESSA
RESTAURANTE TÍPICO
Promovida por um grupo de amigos, realiza-se hoje, neste Restaurante, uma ceia de homenagem a Neves da Costa e Serras Fernandes, repórteres da R. T. P., chegados, recentemente, de Goa.
Praça da Alegria, 38 — Tel. 367093

ODEON
15.15, 18.15 (p. red.) e 21.30
2.ª SEMANA!
SEMPRE LOTAS-ÇÕES ESGOTADAS!
UM ÊXITO QUE NÃO PODE SER MAIOR!

A NOIVA
com Elsa Daniel e António Prieto
Um filme inspirado na mais famosa canção do ano: «A NOIVA».

IMPERIO
A's 15.15 e 21.30 (Adultos)
2.ª SEMANA
do grande exclusivo da temporada
DO ALTO DA PONTE
com RAF VALLONE e Jean Sorel

MONUMENTAL
A's 15.15 e 21.30 (M. 12 anos)
O DIÁLOGO DAS CARMELITAS
Isoladas do Mundo pelos muros do Carmelo... Elas viviam à parte da revolução que ensanguentava a França... com Jeanne Moreau — Alida Vali

POLITEAMA
A's 15 e 21.30 e 21.30
EM 2.ª SEMANA
O FILME DE MAIOR ÊXITO DO ANO EM TODO O MUNDO!
OS CANHÕES DE NAVARONE
com Gregory Peck, David Niven, Anthony Quinn, Gia Scala e Irene Pappas
CINEMASCOPE TECHNICOLOR (Maiores de 17 anos)

ROMA
A's 15.30 e 21.45 (M. 12 anos)
Um filme empolgante
O CONDE DE MONTE CRISTO
Um filme prodigioso de inextinguível grandiosidade
Com Louis Jourdan — Yvonne Furneaux — Pierre Mondy

AVIS
A's 15.30 e 21.45 (M. 17 anos)
As grandezas e misérias de uma grande civilização
A AMÉRICA VISTA POR UM EUROPEU
Alguma coisa de novo na história do espectáculo cinematográfico.

ROYAL
A's 21 horas (M. 17 anos)
Telefone 465037
CONVERSA DE TRAVESEIRO MISTER CORY

LIZ
A's 21 horas (M. 17 anos)
Telefone 48560
OS INOCENTES A LOIRA EXPLOSIVA

GERRASSE
A's 21 (M. 17 anos)
telefone 320917
A S SUECAS FUGA PRECIPITADA

PEQUENO MAGAZINE

CAMAS ESPECIAIS

para vítimas de acidentes

Foi uma enfermeira de um hospital do Reino Unido que idealizou uma cama que pode acompanhar uma vítima de acidente em todas as fases do seu tratamento.

A cama tem armação metálica com uma base em fibra de vidro, em lugar do usual colchão de arame. A firmeza da fibra de vidro serve como tábua para fracturas com a vantagem de não ser opaca aos Raios X.

A irmã Phyllis Farmer — a enfermeira que concebeu a cama — teve por objectivo conseguir uma cama para o sinistrado que entra na enfermaria ou sala de urgência e precisa de ser levado ao gabinete de Raios X, ao laboratório de análises, à sala de espera do consultório e, muitas vezes, à sala de operações sem ter de ser movido da maca para a cama ou vice-versa, de ser posto na mesa do Raio X ou das operações, o que significa incômodo, dores e demora.

A cama tem um assento metálico para as chapas do Raio X que seja preciso colocar do lado de baixo e a cabeça e pés da cama podem ser retirados se houver necessidade de o cirurgião ou enfermeira se aproximarem mais do doente para tratamentos, lavagens e outros actos de enfermagem.

= X =

O sábio distraído

— Minha senhora: posso saber porque se deitou na minha cama?

— Em primeiro lugar, porque gosto da casa; em segundo, porque gosto da cama; e em terceiro, porque sou tua mulher.



DEZ POR CENTO

da colheita de cereais

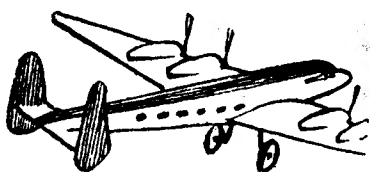
é para os roedores

Segundo um relatório da F. A. O., a colheita mundial de cereais, excluindo a U.R.S.S. e a China, é da ordem dos 756 milhões de toneladas por ano. As estimativas dizem ainda que 10% desta produção é destruída pelos roedores, insectos e fungos. Considerando que uma ração média diária de 800 gramas chega para um indivíduo, o que se perde daquela forma alimentaria 255 milhões de habitantes por ano.

= X =

25 674 870 PESSOAS VIAJARAM

em 1961 nas carreiras aéreas internacionais



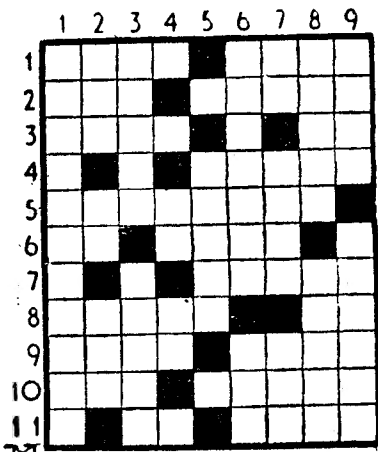
A I. C. A. O. publicou os dados estatísticos referentes ao movimento aéreo em 1961, e segundo as informações dos seus actuais 90 países membros. Verifica-se, assim, que viajaram em carreiras internacionais 25 674 870 pessoas contra 23 232 096, em 1960, e em carreiras nacionais ou regionais, 85 859 825 contra 82 657 077, em 1960.

Nos voos internacionais, o numero de passageiros nas carreiras dos Estados Unidos foi de 5 769 320; seguidos do Reino Unido — 4 528 950 França — 1 852 255, Holanda — 1 314 650, Canadá — 1 072 685 Suíça — 1 046 855; os restantes países ficaram abaixo do milhão. No que se refere a Portugal, o numero de passageiros foi de 105 830, contra 84 552, em 1960.

O total de quilómetros voados foi de 1 106 865 milhares, tendo sido transportadas, além dos passageiros, 5 951 310 milhares de toneladas-quilómetro.

PALAVRAS CRUZADAS

(COM PROVÉRBIOS)
Problema n.º 2614



HORIZONTAIS: 1 — Cá. Ressudar. 2 — Ponto cardeal. Vagar. 3 — Vila do distrito da Guarda. Artigo (pl.). 4 — Impedida. 5 — Entusiástico. 6 — Pertences. Leste. 7 — Touca. 8 — Retesa. Símbolo químico do alumínio. 9 — Com preferência. Tem valor. 10 — Olé! Guardar silêncio. 11 — Imperfeita. Grande deserto da África setentrional, que se estende do Egipto ao Atlântico.

VERTICAIS: 1 — Garantimos. 2 — O qual. Fazes parte. Imperfeitamente. 3 — Inflamação das gengivas. Desmoronavam-se. 4 — A mim. Réis (abrev.). 5 — Percebe. 6 — Untuoso. Sigas. 7 — Certo. Amar-

rei. Fileira. 8 — Sem pés. Dizer. 9 — Nome de flor. Amparará.

Resolveu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

Solução do problema n.º 2613

HORIZONTAIS: 1 — Prendara. 2 — Um. Icor. 3 — Bom. Uvula. 4 — As. Cria. 5 — Arad. Pó. 6 — Acold. Ré. 7 — PROMESSAS. 7 — Ris. An. 9 — Aldo. Alta. 10 — NAO. PAGAM. 11 — Osso. Rara.

VERTICAIS: 1 — Abas. Piano. 2 — Os. Ar. Lás. 3 — Rum. Acordos. 4 — Em. Crómio. 5 — Urales. 6 — DIVIDAS. Aar. 7 — Acua. Salga. 8 — Rol. Prantar. 9 — Aragoês. Ama.

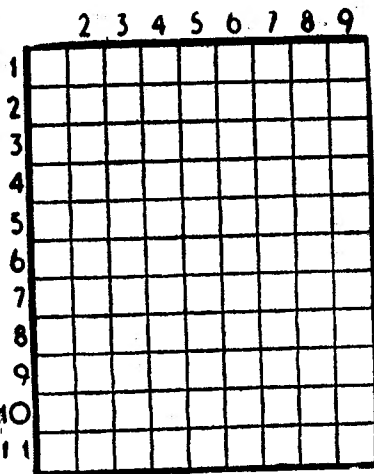
(Provérbio: PROMESSAS NAO PAGAM DIVIDAS).

NOVA MODALIDADE

Problema n.º 4659

HORIZONTAIS: 1 — Condução de presos. Tramei. 2 — Caminhar. Caminhai. O mais. 3 — Óxido de cálcio. Rio que nasce na serra da Cabreira 4 — Estimar. Aves pernaltas. 5 — Peça de ferro em que se apoia o couro da lança. 6 — Pronome possessivo. 7 — Nome de mulher. Ergue. 8 — Estreito que liga o Mediterraneo ao Atlantico. 9 — Pronome pessoal. Pega. 10 — Oferece. Antes de Cristo. 11 — Canal que liga o Mediterraneo ao Mar Vermelho. Casta.

VERTICAIS: 1 — Leitura. Destras. 2 — Estavam. Substancia que tinge de azul. 3 — Pátria. Pároco. 4 — Nesse lugar. Troças. Esquadrão. 5 — Oferece

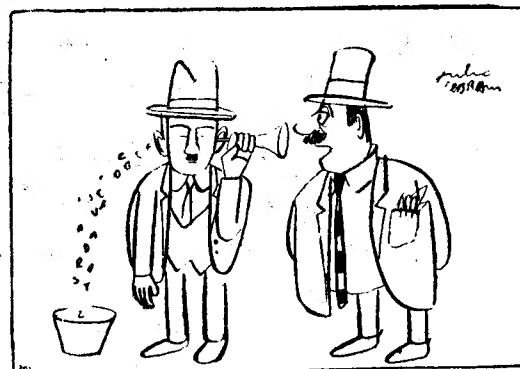


O mesmo que Nigricia. 6 — Pronome pessoal. Letra grega. Atmosfera. 7 — Estime. Uma das ilhas Jónias onde Ulisses reinou antes da partida para Troia. 8 — Fosso. Ergues. 9 — Incólume. Rezara.

Solução do problema n.º 4658

HORIZONTAIS: 1 — Lua. Bera. 2 — Mobília. 3 — TV. Soca. 4 — Oil. Lã. Má. 5 — Urano. São. 6 — Ivo. Pôr. 7 — Vão. Marte. 8 — Em. Pó. Ais. 9 — Vier. Rs. 10 — Usamos. 11 — Soia. Ais.

VERTICAIS: 1 — Atou. Venus. 2 — Viriam. Só. 3 — Um. Lavo. Vai. 4 — Aos. Nó. Pira. 5 — Bolo. Moem. 6 — Bica. Pá. Roa. 7 — Ela. Sora. Si. 8 — Ri. Mártir. 9 — Aarão. Essa.



Surdez cómoda

JORNALISTAS BRANCOS e JORNALISTAS NEGROS

Pela primeira vez na história da Imprensa da Republica da Africa do Sul, foi criado um organismo profissional aberto a individuos de todas as raças. Trata-se da «União Nacional dos Jornalistas Sul-africanos», que tem a sua sede na cidade de Johannesburg.

Recordemos, a propósito, que «Associação Sul-Africana dos Jornalistas» era o unico organismo do género que existia no país até agora, e não admite na sua massa associativa senão elementos de raça branca.



Porque, na nossa arte temos necessidade de bem conhecer todos os tecidos, quando os nossos clientes exigem

QUALIDADE
BOM GOSTO
DISTINÇÃO e
MODA

indicamos sem hesitar
a marca verdadeira-
mente especializada



Montigre

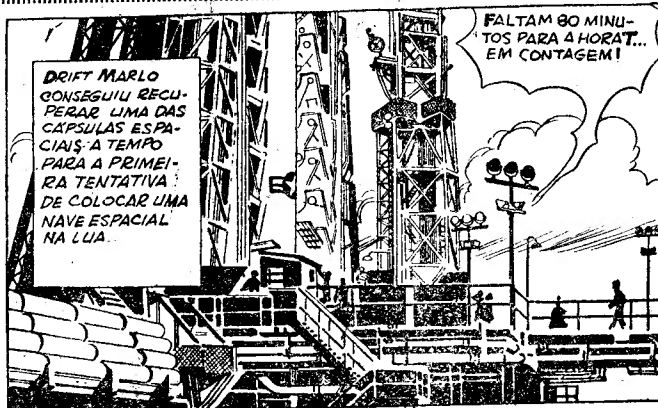
MARLO

O HOMEM DO ESPAÇO

Por PHIL EVANS e TOM COOKE

sob a orientação científica
do dr. F. M. LEVITT

139



EMBALAGEM COM UM CRIME

por FRANK KANE



FOLHETIM SEMANAL DO
Diário de Lisboa

1

CAPÍTULO I

Johnny Liddell saiu do «Park Avenue» e virou para Leste. O nevoeiro fazia-lhe lembrar a nuvem de fumo do «bar» de onde acabava de sair. Os transeuntes eram como sombras fantasmagóricas, vistas atrás de uma cortina, os candeeiros da rua, simples borrões amarelos suspensos na noite cor de enxofre.

O seu apartamento ficava numa velha casa de tijolo, a meio do quarteirão. Ao chegar aos degraus que subiam para o átrio da entrada, uma rapariga materializou-se na escuridão, e agarrou-lhe a manga do casaco.

— Receei que nunca mais chegasse. Liddell vislumbrou um pequeno rosto bem desenhado, cabelos louros, cor de cinza e olhos azuis, muito abertos. A moça olhava constantemente por cima do ombro, como se receasse os dedos sombrios do nevoeiro.

— Se eu adivinhasse que estava aqui á minha espera, teria voado — disse ele, com um sorriso. — Mas o caso é que parti a minha bola de cristal.

Sentiu os dedos apertarem-lhe com mais força a manga do casaco.

— Preciso de ajuda, Liddell. Urgentemente. Não sabia quem devia procurar além de você.

Consciente da fama que granjeara como investigador privado, Johnny não se admirou de que os seus serviços pudessem ser solicitados daquela maneira misteriosa, por uma desconhecida.

Podia ver-lhe mais claramente o rosto, agora, á luz do vestíbulo e o terror patente que se evolava daqueles olhos voltados para si. Segurou-a pelo cotovelo e tentou fazê-la subir os degraus.

— Suba a minha casa e conte-me tudo. A rapariga libertou-se, porém.

— Não posso. Tenho de voltar. — Meteu-lhe na

2

mão um pequeno embrulho rectangular. — Guarde-me isto, por favor. É muito importante. Eles matam-me se lançam mão deste embrulho.

Liddell enfiou o embrulho no bolso do casaco.

— Se quiser, posso acompanhá-la e...

A rapariga abanou a cabeça.

— Eles não devem saber que me avistei consigo. Isso só poderia piorar as coisas. — Tornou a segurá-lo pela manga do casaco. — Tudo quanto lhe peço é que me guarde isso até amanhã á noite.

— E depois?

— Terei o resto que preciso. Telefonar-lhe-ei a dizer onde me pode encontrar. — De subito, empertigou-se e o seu olhar desviado percorreu as sombras que se avolumavam nas costas do rapaz. — Creio que fui seguida... Sim, reconheço-o! Fui uma parva... Disse a uma rapariga, em quem julgava poder confiar, que viria falar consigo. — A sua voz cresceu de intensidade. — Lembre-se, por favor!

E antes que Liddell a pudesse deter, mergulhou novamente na escuridão da noite.

— Espere aí — disse ele, mas a única resposta que obteve foi o tap-tap abafado dos saltos, enquanto ela corria pelo passeio.

Liddell tirou o embrulho do bolso e examinou-o. Media uns dez centímetros por vinte e teria cerca de meio centímetro de espessura.

Sopesou-o na palma da mão e achou que conteria folhas de papel dobradas em dois. Tornou a guardar o embrulho e preparou-se para subir as escadas.

Mas antes que pusesse o pé no primeiro degrau, sentiu o cano de uma arma encostada ás costas.

— Ainda não, «pá»! — sussurrou-lhe uma voz ao ouvido. — Você tem aí uma coisa que me pertence.

— Isso é uma opinião sua.

A boca da pistola enterrou-se com mais força.

— Talvez. Mas tenho comigo um argumento que «reforça» essa opinião.

3

Liddell encolheu os ombros. — Não faço a mais pequena ideia do que me está a falar.

— Vamos para trás destes degraus e eu falarei mais claro.

Liddell deixou-se ser conduzido para a entrada da cave, que servia agora de depósito dos barris de lixo. Ao mergulharem nas sombras, a mão de Liddell voou para a lapela esquerda, mas ainda mal os seus dedos tinham afluído á coronha da sua 45, quando o misterioso interlocutor lhe vibrou um golpe que o fez cair de joelhos. O segundo golpe prostrou-o ao comprido, sobre o passeio...

O primeiro vislumbre de consciência que teve, sentiu-o no crânio. Da pancada que o prostrara, nascera um pulsação tumultuosa, que crescia a ponto de o ensurdecer. Abriu os olhos e gemeu com voz cava. A custo, conseguiu sentar-se. Tirou o chapéu que o salvara de uma injúria mais grave e, a medo, explorou a região inflamada da nuca, com as pontas dos dedos. Era um inchaço do tamanho de uma azeitona.

Lentamente, pôs-se de pé, apoiando-se á parede, até não sentir mais a cabeça andar-lhe á roda. Instintivamente, procurou a pistola e admirou-se de ainda a encontrar no coudro do sovaco. Depois, já mais desperto, procurou o embrulho que a rapariga lhe confiara.

Desaparecera-lhe do bolso.

Praguejou em voz baixa. Tirou da algibeira uma carteira de fósforos e começou a acender um após outro, enquanto revistava esperançado, o local. O embrulho evaporara-se. Viu meia dúzia de pontas de cigarros no chão de pedra. Aparentemente, tinham sido abandonados — as marcas de «baton» assim o diziam — pela loura que estivera á sua espera. Inclinou-se e apanhou uma carteira de fósforos vazia. A aba tinha impresso um anúncio de um clube nocturno, chamado «Dude Ranch» e que ficava na Estrada 22.

Consultou as horas e viu que eram nove e

4

meia da noite. Calculou que lhe bastaria uma meia hora para lá chegar.

Subiu as escadas, direito a uma bebida fresca e a um ducho quente.

O «Dude Ranch» era um edifício baixo e caído, á beira da estrada, a uns 4 quilómetros da cidade. Johnny Liddell entregou o carro aos cuidados de um porteiro, com cerca de um metro e oitenta de altura, envergando um uniforme «marrom», que se sentou ao volante e foi guardar o carro no parque de estacionamento privativo.

O átrio da entrada estava cheio de cavalheiros vestidos a rigor. Ao fundo do vestíbulo, havia uma escadaria que conduzia ao andar superior, enquanto que, á esquerda, uma porta abria para uma sala de estar. A todo o comprimento dessa sala, havia um «bar» convidativo, ao qual Liddell se foi encostar.

O criado de jaqueta branca aproximou-se e esboçou um sorriso maquinal. Tinha os olhos aguados e orlados de vermelho.

— Então, o que há-de ser esta noite?

— Um «cognac» — disse Liddell.

O criado voltou-se, tirou uma garrafa da prateleira de vidro, um copo de balão e encheu-o até á espessura de um cabelo do rebordo.

Liddell virou as costas ao balcão e passou um olhar em torno da sala. Ao fundo, havia uma porta larga dando ingresso ao salão principal. Um homem de ombros largos, apertados num «smoking», tinha á sua guarda um cordão de veludo entrançado, estendido a toda a largura da porta.

Liddell voltou-se para o criado.

— Há maneira de entrar lá dentro?

O outro encolheu os ombros.

— Não sei, «mister». — O seu olhar desceu para a nota dobrada que por magia surgira na mão de Liddell. — Isso é para mim?

— Talvez sim — disse Liddell. — Acabo de fazer uma aposta comigo mesmo em como você

5

não sabe a maneira como eu havia de passar por aquele tipo de guarda á porta do salão.

O criado apoderou-se da nota.

— Pois perdeu. O homem que deve procurar chama-se Angelo. Em geral, a sala está reservada aos tipos de casaca. Diga a Angelo que o senhor não é de cá e que os rapazes lhe disseram para vir dar uma vista de olhos por isto.

— Que rapazes?

O criado riuse.

— Os rapazes, chega. Ele perceberá. — Levou a mão para baixo do balcão e premiu o botão de uma campainha. Após uns momentos, um homem de «smoking» acercou-se do criado e conferenciou com ele. O criado acenou a cabeça na direcção de Liddell. O outro aproximou-se dele.

— Muito boa noite — disse com pronúncia latina. — O senhor procura alguém?

Liddell acenou afirmativamente.

— Angelo.

— «Mr.» Angelo? — perguntou o outro arqueando as sobrancelhas. — É algum assunto pessoal?

— Porque não o deixa resolver, se é pessoal ou não? Diga-lhe apenas que um dos rapazes passou esta noite por aqui e gostaria de dar uma vista de olhos por isto.

O homem de «smoking» hesitou e depois dirigiu-se a um telefone incrustado na parede, ao fundo do balcão. Premiu um botão e levou o auscultador ao ouvido. Após uns segundos, tornou a desligar e voltou para junto de Liddell.

— «Mr.» Angelo não tardará aí.

Liddell acenou a cabeça, virou-se de novo para o balcão e fez sinal ao criado para voltar a encher-lhe o «balão».

O criado apanhou as duas notas, deu volta á manivela da caixa e devolveu umas moedas. Olhou por cima do ombro de Liddell e disse:

— Aí vem «mr.» Angelo.

(Continua)

VINALDA, L. DA

R. Sousa Martins, 9-B — LISBOA — Telef. 54997

BEBIDAS NACIONAIS E ESTRANGEIRAS

Tem a honra de comunicar a todos os seus Ex.^{mos} Clientes que foi nomeada **Agente exclusivo** para o **Centro e Sul do País** dos afamados

Vinhos de mesa e Espumantes S. MIGUEL

de

VINHOS DA QUINTA DE S. MIGUEL, LDA. — MEALHADA

CARIMBOS

Rápido e perfeito ANIBAL, grav.
Rua Nova do Almada, 64. T. 326162



OCULISTA
DAS AVENIDAS

AV. MARQUES DE TOMAR,
88-90

TUDO PARA ÓPTICA
AOS MELHORES PREÇOS

Depositário das lentes ZEISS
BAUSCH & LOMB
STIGMAL ORMA 1000

SUNWAY

DINHEIRO S/ AUTOMÓVEIS

Em 1 hora, emprestamos qualquer quantia, prazo 6 a 18 meses, em regime de amortização facultativa. Máximo siglo. As viaturas circulam na mesma.

EMPRESA PREDIAL
NORTENHA

Tel. 362228 e 366812
Praça da Alegria, 58-2.

TROCO

Os vossos móveis usados por modernos ou de qualquer estilo. Grande variedade em exposição. Oficinas próprias para fabrico por encomenda ou restauração. Facilidades de pagamento. **ARMAZENS DE MÓVEIS JORGE**
Av. Almirante Reis, 35 — Tel. 832161
(Quase em frente da Igreja dos Anjos)

O «Diário de Lisboa» vende-se em **BISSAU** por intermédio da firma **Handlings, Ld.**

Impõe-se a reforma com a criação de quadros específicos para os funcionários do Instituto Geográfico e Cadastral

O objectivo imediato — e coincidente na generalidade dos casos — que inspira as reivindicações das classes laboriosas é a melhoria de situação económica, necessidade imperiosa, justificada pelas dificuldades resultantes do custo de vida às quais não corresponde a modéstia de salários. Mas constituem, também, aspiração fundamental dos trabalhadores, ao serviço das iniciativas privadas ou do Estado, as modificações na organica profissional, de modo a implantar-se um critério de justiça equanime aplicada a uma escala de valores definidos, com o consequente apreo dos méritos, capacidades e especializações em determinadas tarefas. Quer dizer, a dignificação do trabalho em qualquer actividade produtiva, em função do ramo em que ela se exerce e da preparação adequada — e isso significa, nuns casos, a lógica equiparação com identicos direitos, benefícios e regalias, cuja legitimidade se reconhece correspondendo ao esforço meritório em sectores das mesmas actividades ou afins; e noutros, a distinção daqueles que dispõem de habilitações requeridas para desempenho de cargos específicos.

Verificando-se incompatibilidades de méritos com lugares, incongruências que conduzem a situações anormais, a injustas desigualdades, impõe-se, naturalmente, a correcção de tais anomalias, por meio das reformas da legislação e dos regulamentos que as possibilitam.

Esse é um dos principais aspectos do problema em certos sectores do funcionalismo, nos escalões de especialização científica ou técnica, seja o caso concreto do pessoal desse quadro do Instituto Geográfico e Cadastral, que tem sido tratado no «Diário de Lisboa», integrando-se no movimento em prol da melhoria de situação das classes trabalhadoras, suscitado com o objectivo da contribuição esclarecedora e construtiva para o estudo tendente ás soluções destes importantes problemas sociais, ligados aos superiores interesses do País.

As exposições que se seguem incidem sobre aspectos de acuidade flagrante no conjunto das reivindicações apresentadas e dão-lhes a elucidativa objectividade da indispensável pormenorização de factos positivos, focando, ao mesmo tempo, a imperiosa necessidade da ampla remodelação dos serviços do referido organismo, de forma a corresponder ás exigências actuais, daí resultando os naturais benefi-

cios para os que o servem dedicadamente.

Um concurso ilógico

É concebida nos seguintes termos uma dessas exposições em que judiciosamente se analisam as incidências do problema relativo á organica dos quadros do pessoal do I. G. C.:

«Li no meu «Diário de Lisboa», amigo e companheiro durante algumas horas da tarde, o que se passa em matéria de anomalias no concurso aberto no Instituto Geográfico e Cadastral para o provimento de nove vagas, há muito existentes, no quadro do pessoal científico. E, tive imediatamente o desejo de lançar mais alguma luz sobre o assunto, que interessa a muitas centenas de funcionários que servem no referido Instituto.

«Existem no referido organismo centenas de funcionários, recebendo por verbas várias e qualificadas ao sabor da fantasia do momento. E é assim que há escriturários com contratos de desenhadores e vice-versa; engenheiros, agentes técnicos de engenharia, regentes agrícolas, etc., contratados como topógrafos; e, na secretaria trabalham contratados como desenhadores taquiométricos, funcionários que nunca «viram» um tira-linhas!... Além destes contratados, felizes, há dezenas de chamados tarefeiros que não vislumbam qualquer contrato, mesmo que lhes chamassem qualquer coisa, mesmo feia... e com vencimentos atribuídos conforme «o merecimento».

«Toda esta gente foi entrando nos anos e sempre esperanças na reorganização da casa que servem. Mas, para uma grande maioria, o degrau dos 35 anos, marca na vida do indivíduo, no Instituto, a lembrança de que iniciou a fase da inutilidade, embora no zénite da pujança física e intelectual. E a reforma ou reorganização não chega e não tem possibilidade de procurar novos rumos com carácter de permanência nos quadros do Estado. E ficam depositados... no Instituto, esperando e resmungando contra a sua sorte, e sonhando com uma integração num quadro efectivo, a criar, num dia de inspiração, em que se olhe com humanidade e objectividade para a situação dos mais fracos.

«De facto, no Instituto, há lugares em quadros efectivos: o científico, o técnico (oficinas), o do pessoal administrativo e pessoal menor. O primeiro quadro, de tipo piramidal 3-6-9, é um quadro muito pequeno, atendendo ao numero de engenheiros que servem o Instituto. E, mesmo assim, as novas vagas de 3.ª classe, há anos que estão para prover. Desculpas várias, foram protelando o seu preenchimento e, desta forma, encontra-se no quadro científico do Instituto o seguinte pessoal: 1.ª classe — um engenheiro civil, oficial miliciano do tempo da Grande Guerra, reformado como tal e recebendo pensão de reforma militar (está no activo no Instituto); um oficial de Infantaria, com o curso de engenheiro civil, e um oficial de Artilharia, 2.ª classe — um oficial miliciano de Infantaria, sem o curso complementar dos liceus; um oficial de Infantaria; um oficial de Artilharia e dois engenheiros geógrafos.

«Há, portanto, nesta data oito funcionários, no quadro científico. Deve dizer-se que os oficiais com o curso da arma, foram equiparados a engenheiros civis, com vista á integração no referido quadro. A legislação que beneficiou os outros oficiais desconhece-se...

«Como há dez vagas no referido quadro científico (nove de 3.ª e uma de 2.ª), deliberou-se fazer um concurso, entre engenheiros e licenciados em Matemáticas, para o seu preenchimento. Arranjou-se, então, legislação adequada. E quando parecia que os funcionários deste Instituto ficassem satisfeitos com o facto, eis senão quando 95 por cento dos interessados «espumam» de indignação. E porquê? A razão é simples. O quadro, discutivelmente chamado científico, já amalgamado com engenheiros e equiparados, abre-se, agora, também, para licenciados em Matemáticas, mas só para aqueles que tenham prestado serviços de cálculo, fechando-se para outros, que, além de cálculo têm feito outros trabalhos, nomeadamente de topografia de campo. E de eliminatória em



O local onde se deu o desprendimento de terras

Barracão com mobiliário e habitações abarracadas destruídos pelo desmoronamento de um muro de suporte

Na Quinta do Coleginho, á Rua Marquês Ponte de Lima, numa propriedade das herdeiras de Mariana Antunes Cordeiro, existem umas casas abarracadas, de madeira velha e carcomida pela acção do tempo, onde vivem várias pessoas. Na parte alugada ao sr. Manuel da Silva, existe um muro de suporte de terras que deita para um quintal do n.º 39 da Rua da Amendoeira, onde existem mais seis barracas de madeira, também muito velhas e sem condições, que albergam, no entanto, seis casais, todos com muitos filhos. Na sexta-feira, o muro desabou, em parte, sobre a barraca

onde reside a sr.ª Maria Francellina, que teve a felicidade de se salvar com uma filhinha de cinco meses. Compareceram os bombeiros que tomaram as providências que se impunham de momento.

Ontem, os moradores das barracas do referido quintal notaram que o muro continuava a dar de si. Chamaram de novo os sapadores bombeiros. Entretanto a pessoa que tem o quintal arrendado, depois da primeira derrocada, desapareceu.

Esta madrugada, deu-se o desprendimento das terras que o muro sustinha, o que fez abater parte de um barracão alugado aos srs. Alberto Martins, Carlos Esteves e António Esteves, que ali fabricam mobiliário, e ainda uma barraca em que vive uma mulher com quatro filhos e uma afilhada de cinco meses.

Durante a manhã, os sapadores procederam á retirada de todos os móveis do barracão, o qual oferece o risco iminente de ruir. Os inquilinos, porém, ficaram impedidos de levar as suas ferramentas e móveis para outro sítio, visto não terem maneira de provar que eles lhes pertencem e estarem misturados com os do proprietário do barracão, o qual, desde quinta-feira, não aparece ali.

As 25 pessoas que residem nas barracas do referido quintal, encontram-se deveras preocupadas com a sua sorte, pois a situação em que ficaram é insustentável.

O ESTUDANTE

mais antigo de Coimbra
recebeu cumprimentos

COIMBRA, 19. — O coronel-médico, dr. Augusto Carlos Nazaré Barbosa, que completa hoje cem anos, recebeu, a meio da tarde, as direcções da Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra e da Associação Académica, que lhe foram apresentar cumprimentos.

O Chefe do Estado foi convidado a assistir à «Queima das Fitas» no Porto

O sr. Presidente da Republica recebeu esta tarde, em audiência, no Palácio Nacional de Belém, os membros da comissão central da «Queima das Fitas» da Universidade do Porto, que lhe foram apresentar cumprimentos e dirigir convite para assistir áqueles festejos, a realizar de 29 de Abril a 6 de Maio próximo.

Os cinco estudantes universitários que constituem a comissão — Jorge Luís Acciaionli de Freitas (Economia), Rodolfo Mascarenhas Prís Cabral (Farmácia), Fernando Brandão Martins Peres (Medicina), Manuel Domingos de Sousa Pereira (Engenharia) e Fernando dos Santos Rodrigues (Ciências) — avistaram-se, depois com o sr. dr. Santos Junior, ministro do Interior, a quem igualmente, convidaram a assistir áqueles festas.

Com idêntico objectivo, a comissão avistaram-se, amanhã, com o sr. prof. dr. Manuel Lopes de Almeida, ministro da Educação Nacional.

Loja das Malhas

Rua do Carmo, 99

inaugura
amanhã
a
estação

apresentando
no
seu
salão
de

«PRÊT-À-PORTE»
(no 1.º andar)

os modernos «TAILLEURS DU PRINTEMPS»
(em modelos e tecidos recebidos de PARIS)

O TENOR PERDEU e foi substituído por que ocasionalmente fora a

Quando se cantava, ontem, no Teatro de S. Carlos, a famosa ópera de Verdi, «Simão Bocanegra», o tenor Alfonso de la Morena perdeu subitamente a voz no final do 1.º acto. Continuou ainda durante algum tempo em cena, limitando-se porém a recitar a sua parte, na impossibilidade de a cantar, até que o barítono Tito Gobbi, vendo a aflição em que o seu colega se debatia, esboçou um gesto, que não fazia parte da marcação, mandando-o sair, na esperança de que, nos bastidores, pudesse tentar alguma solução de emergência que lhe permitisse recuperar a voz. Infelizmente, a situação manteve-se e o tenor regressou á cena, para o final do acto, sem poder emitir uma nota.

Não deram qualquer resultado as tentativas que se fizeram durante o intervalo e estava-se na iminência de não poder prosseguir o espectáculo, pois não havia outro tenor que pudesse encarregar-se do papel, quando se ofereceu, subitamente, uma solução providencial. Está em Lisboa, de passagem, o tenor Carlo Cossutta, do elenco do Teatro Colón, de Buenos Aires, que costuma frequentar a «caixa» do S. Carlos para se encontrar com um cantor seu amigo que faz parte da companhia.



Carlo Cossutta — o substituto

maestro Cillario, que o conhece, viu nele uma tábua de salvação. A instancias do director do teatro e do próprio maestro, Carlo Cossutta aceitou substituir o seu colega. Dotado de uma voz volumosa, extensa e bem timbrada, revelando excelente escola e um domínio perfeito da sua arte, o tenor argentino (italiano de nascimento) atacou a grande ária do 2.º acto com grande desenvoltura e cantou a primeira e última nota sem uma hesitação, de modo a provocar no final estrondosos aplausos que constituíram, de algum modo, o prémio para o seu belo gesto de camaradagem. O espectáculo terminou em beleza e com geral satisfação, tanto da empresa, que se salvou de uma situação difícil, como da assistência, que teve durante o intervalo um motivo apaixonante de conversação e pôde admirar um excelente cantor num papel que cantava pela primeira vez em público.

Carlo Cossutta começou, com a inesperada acção de ontem em S. Carlos, a sua carreira internacional. Italiano nascido em Trieste há vinte e nove anos, saiu daquela cidade com 16 anos, sem nunca ter estudado canto, dirigindo-se, como emigrante, para a Argentina. Ali começou a estudar canto com dois eminentes maestros italianos radicados naquele país. Há quatro anos entrou para o elenco do Teatro Colón, de Buenos Aires, o primeiro da Argentina e um dos mais conceituados teatros de ópera do mundo. Ali tem interpretado diversas óperas, como «Posca», «Cavalleria Rusticana», «Bohème», «Madame Butterfly», «Macbeth», «Lucia de Lamermoor», etc., além de vários concertos de «lied».

Sentado a nosso lado, nitidamente satisfeito e sorridente, Cossutta conta-nos a sua história e o feliz aca so que o levou á cena do nosso primeiro teatro lírico. — Estava, como habitualmente, nos bastidores seguindo a representação quando sucedeu aquele lamentável acidente ao meu camarada. O pânico foi geral quando se verificou que La Morena não conseguia emitir qualquer nota. O tenor espanhol remediou como pôde a situação a fim de impedir que a representação tivesse de ser interrompida. Estava-se quase no fim do acto e, daí a pouco, comparecia o director do teatro e outras pessoas com responsabilidade no espectáculo.

«No intervalo, enquanto La Morena era examinado por um médico, o maestro Cillario e os demais presentes insistiam comigo para que tomasse o lugar do meu colega. Hesi-tei ainda, mas decidí-me por fim. E em breve trocava o meu fato pelo daquele, que por sinal me servia.

LEILÃO DE MÓVEIS

e vários objectos
do património do Estado

No antigo convento das Trinas, efectuou-se esta tarde, um leilão de móveis e objectos do património do Estado, entre as quais figuram estantes, livros, louças, alfaias e imagens religiosas e um velho alambique de cobre.

O multa
Ganhan
mais.
GRAN
RUA

O «DIAR
bido por
BACARIA
LUIS DE I

Publicações Europa América apresenta
IVO ANDRIG — Prémio Nobel de 1961
A Ponte sobre o Drina

(Continua na 11.ª página)

PERDEU A VOZ

stituido por outro
lmente fora a S. Carlos

seu volta e cantou a primeira e última nota sem uma hesitação, de modo a provocar no final estrondosos aplausos que constituiram, de algum modo, o prêmio para o seu belo gesto de camaradagem. O espectáculo terminou em beleza e com geral satisfação, tanto da empresa, que se salvou de uma situação difícil, como da assistência, que teve durante o intervalo um motivo apaixonante de conversa e pôde admirar um excelente cantor num papel que cantava pela primeira vez em publico.

Carlo Cossutta começou, com a inesperada actuação de ontem em S. Carlos, a sua carreira internacional. Italiano nascido em Trieste há vinte e nove anos, saiu daquela cidade com 16 anos, sem nunca ter estudado canto, dirigindo-se, como emigrante, para a Argentina. Ali começou a estudar canto com dois eminentes mestres italianos radicados naquele país. Há quatro anos entrou para o elenco do Teatro Colón, de Buenos Aires, o primeiro da Argentina e um dos mais conceituados teatros de ópera do mundo. Ali tem interpretado diversas óperas, como «Tosca», «Cavalleria Rusticana», «Bohème», «Madame Butterfly», «Macbeth», «Lucia de Lamermoor», etc., além de vários concertos de lied.

Sentado a nosso lado, nitidamente satisfeito e sorridente, Cossutta conta-nos a sua história e o feliz aca so que o levou á cena do nosso primeiro teatro lirico.

— Estava, como habitualmente, nos bastidores seguindo a representação quando succedeu aquele lamentável acidente ao meu camarada. O pânico foi geral quando se verificou que La Morena não conseguia emitir qualquer nota. O tenor espanhol remediou como pôde a situação a fim de impedir que a representação tivesse de ser interrompida. Estava-se quase no fim do acto e, daí a pouco, comparecia o director do teatro e outras pessoas com responsabilidade no espectáculo.

«No intervalo, enquanto La Morena era examinado por um médico, o maestro Cillario e os demais presentes insistiam comigo para que tomasse o lugar do meu colega. Hesi-tei ainda, mas decidi-me por fim. E em breve trocava o meu fato pelo daquele, que por sinal me ser-

via perfeitamente, dava um pouco de «tom geral» no rosto e a ópera podia prosseguir.

— Nenhuma dificuldade a vencer!

— Estava, naturalmente, nervoso, embora soubesse perfeitamente o papel. Nunca o havia cantado em publico mas tive de o estudar recentemente no «Colón», pois estava como substituto do tenor que o interpretava, para o caso de qualquer acidente. Quis o destino, que não fosse em Buenos Aires mas em Lisboa que eu interpretasse pela primeira vez a figura do apaixonado «Gabriel Adorno». E o publico lisboeta, sempre amável, foi na verdade extraordinariamente carinhoso para comigo premiando a minha interpretação.

E o mais interessante de toda esta história é o facto de Cossutta se encontrar providencialmente entre nós. O tenor está em Portugal em gozo de férias, acompanhando o seu amigo e camarada de teatro, Gian Piero Mastromei, que interpreta em «Simão Bocanegra» o papel de «Paulo Albanon».

Com ele chegou a Portugal na passada quinta-feira, e com ele partirá depois de amanhã para a Suí-



Alfonso de la Morena
— o substituido

ça, Austria e Itália, devendo os dois regressar a Buenos Aires a 14 de Abril a fim de participarem nos espectáculos do Teatro Colón. Cossutta não tornará a cantar na Europa, como aliás estava previsto, dado que veio para descansar. A menos que... surja qualquer imprevisto.

— As suas impressões de Portugal?

— Simples mente maravilhosas. Admirável país que decerto me dará sorte para o prosseguimento da minha carreira.



O prof. eng. Daniel Barbosa proferindo a sua lição

As responsabilidades da Universidade perante a integração europeia analisadas pelo eng. Daniel Barbosa numa lição na Faculdade de Direito

A convite da Associação Académica da Faculdade de Direito, o sr. prof. eng. Daniel Barbosa proferiu esta manhã, num dos anfiteatros daquele estabelecimento de ensino superior, uma lição subordinada ao tema: «A Economia, a Universidade e o Mercado Comum». A numerosa assistência era, principalmente, constituída por alunos de Direito, estando também presentes alguns professores e assistentes.

O sr. prof. dr. Costa Leite (Lumbrales), professor de Economia da Faculdade de Direito, apresentou, em breves palavras, o sr. eng. Daniel Barbosa, agradecendo-lhe o ter accedido a proferir, ali, uma lição.

Depois, o presidente da Associação Académica, o estudante sr. José Vasconcelos Abreu, disse que, com a organização de diversas lições sobre problemas actuais e importantes, procurava o organismo académico a que preside manter uma tradição e contribuir para elevar a preparação cultural das massas universitárias, pois os estudantes não podem ser considerados desligados dos problemas nacionais. Saudou o sr. eng. Daniel Barbosa como professor, economista e amigo dos estudantes e terminou por afirmar que os estudantes, tal como os professores, sabem que uma Universidade autónoma e progressiva se impõe, como força impulsora do futuro.

«A Economia, a Universidade e o Mercado Comum»

O sr. prof. eng. Daniel Barbosa, recebido com muitos e prolongados aplausos, começou por agradecer as palavras que lhe haviam sido dirigidas. Apresentou cumprimentos aos professores e alunos da Faculdade, lembrando que não vinha ali fazer uma conferência mas, sim, dar uma lição do tipo daquelas que dá no Instituto Superior Técnico, na parte da Economia Aplicada. Esta inclui, no presente ano, o es-

Problemas do Ultramar foram hoje analisados na Assembleia Nacional pelo deputado por Viana do Castelo

Sob a presidência do prof. Mário de Figueiredo, secretariado pelos drs. Cid Proença e Folhadela de Oliveira, prosseguiram esta tarde os trabalhos da Assembleia Nacional, que continuou a apreciação das propostas de lei sobre a reforma da Previdência e o Estatuto da Saúde e Assistência e a discussão das Contas Gerais do Estado (Metrópole e Ultramar) relativas ao ano de 1960.

Para intervir nos debates estão inscritos os deputados dr. D. Mar-

garida Craveiro Lopes dos Reis e drs. Nunes de Oliveira e Ernesto de Lacerda.

No período de antes da ordem do dia, falou o dr. Pinheiro da Silva, que afirmou que só uma política decorre da concepção unitária da nação portuguesa: a superior direcção, pelo Governo Central, de tudo quanto seja de âmbito nacional.

O orador fez amplas referências sobre a acção colonizadora de Portugal e acerca da forma como, de Lisboa, se têm administrado, através dos séculos, as várias parcelas da nação. Aludiu, também, á administração portuguesa no Brasil e sublinhou que só houve um pouco de descentralização para a Índia, por aquela provincia estar demasiado distante.

Referindo-se á descentralização administrativa em relação ao Ultramar, disse essencialmente:

— No estado actual de Angola e Moçambique, uma maior descentralização depende da criação de determinados serviços e do preenchimento dos quadros existentes e a criar. Mas há que reconhecer os esforços muito sérios envidados pelo Governo nesse sentido. Reformas recentemente empreendidas e outras a promover em breve, dirigem-se precisamente á criação de novos serviços.

Declarou, em seguida, que sem progresso nos serviços, na técnica e na cultura, não é possível a longa descentralização que em tom de censura se pede. «Durante muito tempo — acrescentou —, sempre haverá necessidade de recurso á Metrópole, para a solução de problemas técnicos e outros. Demora essa solução? Mas também nós, aqui, na Metrópole, nos queixamos do mesmo...»

O dr. Pinheiro da Silva discordou, depois, das intervenções de alguns deputados ultramarinos, que têm feito «alusões vagas a desvios de administração, a tiranias, etc.». Afirmou não lhe parecer que «Portugal haja perdido ou olvidado o sentido moral, cristão, civilizador da sua acção no Mundo, nem que a observância rigorosa das leis tenha deixado de ser preocupação do Governo». E sublinhou:

— Nesta ordem de ideias, afugra-se-me sem razão o falar-se da necessidade de restauração de princípios morais e jurídicos neste País. E não julgo que haja motivos fortes que nos conduzam á crença na existência, entre nós, de um «sentido de posse», por parte da Metrópole e relativamente ás provincias ultramarinas.

Problemas educativos

O sr. dr. José Alberto de Carvalho, que depois usou da palavra, fez várias considerações sobre os problemas actuais de educação da juventude. Sublinhou que setenta por cento da população portuguesa se limita á instrução que recebe na escola primaria e demonstrou como as crianças ficam, até á adolescência, sem qualquer amparo, que as ajude no desabrochar do seu espirito.

Pediú que seja posto em execução, logo que possível, o plano de unificação dos ciclos e, também, a obrigatoriedade, por mais dois anos, do ensino primário.

O dr. Alberto de Carvalho aludiu á falta de professores, propôs a reforma dos planos de estudo das escolas do magistério e apelou para o Governo no sentido de dotar o Ministério da Educação dos meios financeiros suficientes para pôr em execução as reformas que elabora.

O mito do desarmamento-1

Nunca, como no caso da conferência actualmente reunida em Genebra, as palavras e os actos dos dirigentes das grandes potências, ou daquelas que como tal se consideram, se revestiram de tão expressiva sinceridade. Todos, indistintamente, reconhecem e proclamam que os trabalhos da conferência a nada conduzirão no sentido de articular uma solução racional ou viável para o problema que falsamente se inscreveu no seu pórtico. O desarmamento, tal como o concebe a boa-fé dos povos, é um mito e não um problema. Esse mito insere-se num vasto e complicado quadro de versões falsas, interpretações erradas e deduções ilógicas, em que avultam duas realidades predominantes: a competição russo-americana no domínio nuclear (armas e meios de as transportar) e a necessidade de ganhar os favores da opinião publica internacional, representada pela esmagadora maioria dos povos que se encontram á margem dessa competição e a repudiam tendo em conta as suas possíveis consequências.

O ponto de partida para a sua realização, depois de um período prolongado de diligências diplomáticas e controvérsias publicas, foi a declaração comum dos governos dos Estados Unidos e da União Soviética submetida á assembleia geral da O. N. U. (declaração de 20 de Setembro) a qual, na evolução desconcertante das suas relações e intenções, se reveste de significado histórico. Nessa declaração ambos reconhecem que «a guerra deixou de ser um instrumento para sanar as divergências internacionais», formulando, como corolário dessa certeza inelutável, os princípios gerais que devem servir de base a futuras negociações para o desarmamento. Como os homens que escolheram esse caminho não são ingénuos nem desinteressados, convém conhecer o que pretendiam ao enveredar por ele.

Entretanto as decisões tomadas e os projectos enunciados por eles lançaram uma luz reveladora sobre umas e outras. A União Soviética quebrou a trégua táctica, á sombra da qual durante algum tempo se não fizeram experiências atómicas na atmosfera, e realizou uma série no Outono. A réplica americana não foi imediata nem categorica. Um debate interno, no qual tomaram parte as personalidades que, pela natureza das suas funções, têm a responsabilidade de garantir a segurança dos Estados Unidos, e uma troca de impressões com o Governo britânico precederam a declaração de que é impossível aos Estados Unidos não seguir o exemplo soviético.

Nos dias que precederam e acompanharam a abertura da conferência, fizeram-se no Ocidente e na União Soviética, revelações, cujo verdadeiro fundamento é impossível verificar, sobre descobertas científicas e técnicas que, a confirmarem-se, revolucionarão a situação incerta chamada balança de terror — a qual se traduz por um equilíbrio aparente de forças — bem como a posição respectiva dos que condicionam as suas flutuações. O sentido contraditório das descobertas (os Ingleses anunciaram que dispõem de um sistema aperfeiçoado de radar que destrói os fundamentos da estratégia soviética, os Russos dizem que têm uma arma capaz de vencer qualquer barreira) esclarea a natureza da competição atómica nesta fase.

No cenário de Genebra a reunião dos representantes dos dezoito países para ela convocados (reduzidos a dezassete pela intencional ausência da França) foi precedida de conversações dos ministros dos Negócios Estrangeiros dos Estados Unidos, Grã-Bretanha e União Soviética, as quais incidiram sobre a questão alemã, ao mesmo tempo que as autoridades soviéticas de ocupação multiplicavam os incidentes nos corredores aéreos que levam á antiga capital do Reich.

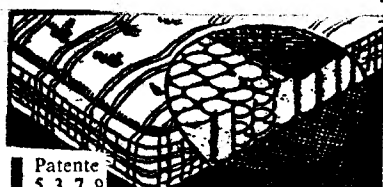
C. F.

António Vieira Pinto

Sufragando a alma do nosso querido e saudoso amigo António Vieira Pinto, falecido há 35 anos, sua família e o conselho de administração da Renascença Gráfica mandaram celebrar, hoje, missas nos altares-mor e das Almas, na igreja dos Mártires. Oficiaram os revs. Arnaldo Duarte e António Valdemiro Leal.

Assistiram aos piedosos actos componentes do conselho de administração da Renascença Gráfica e do Banco Pinto & Sotto Mayor, pessoas de família e amigos de Vieira Pinto e ainda representantes de todas as secções do «Diário de Lisboa».

Dorme mal?



Patente 5379

Experimente V. Ex os colchões de molas

30. anos de bom fabrico
Fornecedor dos principais Hotéis

AGUIAR RAMALHO, LDA.
R. Actor Vale, 16-B — LISBOA
Telef. 831244

ÓVEIS

Estado

Trinas, effec-
do de moções
do Estado,
lntes, livros,
gigiosas e um

O muito é feito de poucos.
Ganhando mais os consegue-se mais.

GRANDE OURIVESARIA
DA MODA
RUA DA PRATA, 257

O «DIARIO DE LISBOA» — recebido por avião — vende-se em POMBACARIA ESPERANÇA, DE JOÃO LUIS DE MEDEIROS.



O povo de Vila de Rei vai homenagear o ex-presidente da Câmara

Deixou recentemente as funções de presidente da Câmara Municipal de Vila de Rei, por imposição legal, o sr. José Bernardo, figura prestígio da região.

O concelho fica a dever-lhe importantes realizações, e o esforço que, se nem sempre frutificou como ele desejava, se pode classificar de incansável, ao longo de 12 anos de magistratura administrativa. Acresce que José Bernardo se revelou também um regionalista dedicado e activo, colaborando intimamente com a casa regional de Lisboa, sempre que foi possível, chegando até a convocar reuniões na sua sede para, com os seus conterrâneos, discutir problemas de interesse local para melhor os poder solucionar.

Para lhe afirmar os seus sentimentos de gratidão, estima e amizade, resolveu a Casa da Comarca da Sertã, de colaboração com elementos locais, prestar-lhe singela homenagem, no dia 8 de Abril, em Vila de Rei, durante um almoço em que a direcção daquela agremiação, sócios e conterrâneos estarão com ele, durante algumas horas de convívio.

Serão convidadas para esse acto as autoridades dos concelhos da Sertã, Proença-a-Nova e Oleiros, bem como o governador civil do distrito, dr. José Carvalho.

REBATE

de consciência?...

EVORA, 19. — Há dias o sr. Alberto José Pinheiro, residente na Rua de S. Cristóvão, desta cidade, deu pela falta da carteira com cerca de 3 800\$00 e documentação.

A respectiva queixa foi apresentada às autoridades policiais, a quem foram comunicados os nomes de alguns suspeitos.

Entretanto, antes ainda de a P. S. P. ter iniciado as investigações, a carteira foi encontrada na caixa de correspondência do «Notícias» de Évora, onde o queixoso é empregado.

Toda a documentação lá estava, acompanhada de 3 600\$00.

O larapio de ocasião arrependeu-se. Rebate de consciência, ou receio das consequências do seu impensado acto?



KING

PREÇOS FIXOS

COM IMPOSTO DE CONSUMO JÁ INCLUIDO

110 lts.	mod. de mesa	3.990\$
130 lts.	mod. de parede	4.250\$
120 lts.	modelo de mesa	4.250\$
155 lts.	freezer 2/3	5.250\$
155 lts.	freezer total	5.500\$
200 lts.	freezer total	6.500\$
200 lts.	congelado	8.990\$

COMPRE MELHOR, COMPRANDO A PREÇO FIXO!

REPRESENTANTE

S. T. ROBERTO CUDELL, L.D.A.

A VENDA NOS AGENTES OFICIAIS

**LANIFÍCIOS
PARA HOMEM**

Vejam na

CASA MAX

193 A-R. D. Estefânia-193 F

SUNWAY

COMPANHIA PORTUGUESA DE CELULOSE

SOCIEDADE ANÓNIMA
DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

CAPITAL 150 000 000\$00

RELATÓRIO E CONTAS RELATIVOS A GERÊNCIA DE 1961

Senhores Accionistas:

Conforme o disposto na lei e o preceituado nos estatutos da Companhia, vimos submeter ao vosso exame e resolução o presente relatório e as contas da gerência de 1961.

Dentro do mesmo critério e com idêntico objectivo, um e outro expressos no anterior relatório, fizemos crescer a nossa produção de pastas químicas — cujo montante foi ligeiramente inferior ao do ano antecedente — a tonalagem de pasta «kraft» crua importada que consideramos necessária para ocorrer ao consumo de pastas químicas no País e à satisfação dos nossos contratos para exportação tanto de pastas como de papel. O total utilizado das duas origens excedeu a tonalagem que produzimos, como, aliás, havia sido previsto.

O quantitativo de papéis fabricados progrediu, ligeiramente em relação ao do ano anterior; o total vendido e aplicado nas nossas instalações foi praticamente igual ao que produzimos.

Melhorou sensivelmente em qualidade e aumentou muito apreciavelmente em tonalagem a pasta mecânica fabricada, graças aos aperfeiçoamentos introduzidos na instalação, a qual foi também ampliada com um segundo grupo desintegrador de madeira, similar do existente. O quantitativo da pasta vendida e da empregada na nossa produção cifrou-se em um pouco mais da por nós obtida e ultrapassou francamente o total do ano anterior.

Manteve-se o progresso, tanto em produção como em vendas, que se tem vindo assinalando na secção de artigos de cartão canelado e de sacos de grandes dimensões, embora continuemos longe de se atingir a capacidade das diversas instalações.

Persistindo no critério de ir sempre melhorando o nosso equipamento, aumentámos o número de máquinas em serviço no fabrico de caixas de cartão canelado, com vista ao equilíbrio da actual instalação, e completámos praticamente a ampliação da secção de pasta mecânica prevista nesta primeira fase, embora continuando a encarar ainda outras melhorias. Também foram postos em funcionamento uma nova caldeira a óleo de capacidade sensivelmente superior à da que possuíamos, e um novo grupo turbo-gerador da mesma potência do existente. Em edificações, além de um armazém para produtos combustíveis, iniciámos a ampliação, para mais do dobro, do actual edifício do cartão canelado e sacos, visto haver-se verificado a sua manifesta insuficiência para ocorrer ao desenvolvimento desta secção.

Conseguimos manter ainda uma certa progressão no valor das vendas de todos os nossos produtos, embora a ritmo mais lento, como, aliás, já prevíamos e o fizemos notar no nosso relatório de 1959. O quantitativo exportado foi ligeiramente inferior ao do ano antecedente, devido às condições anormais ultimamente verificadas nos mercados mundiais, embora tenha sido parcialmente compensado por um aumento apreciável do consumo no País.

Continuou a revelar-se com persistência a amistosa colaboração que desde sempre nos tem sido proporcionada pelos Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa e Banco Pinto & Sotto Mayor, motivo bastante para que aqui o destaquemos e lhes deixemos registado o nosso apreço.

Também queremos anotar quanto nos agradou o verificarmos que o pessoal ao serviço da Companhia exerceu, na generalidade, com competência e zelo as suas funções, contribuindo assim eficazmente para o progresso e o bom conceito de que a Companhia goza no País e no estrangeiro.

Foi com satisfação que vimos nomeada, finalmente, no decorrer do passado ano uma Comissão Reorganizadora da Indústria do Papel. Quando for convertido em realidade o objectivo a que a Comissão visa, são de esperar benefícios certos para a Economia do País, com repercussão nas actividades da nossa Companhia.

Continuou com a necessária intensidade a assistência técnica que contratualmente nos comprometemos a prestar à nossa congénere SOCEL — Sociedade Industrial de Celuloses, S. A. R. L.

Por nos parecer de interesse, queremos deixar registado que, se a rubrica dos encargos com «Obras Sociais» estivesse explícita na conta de «Ganhos e Perdas», ela figuraria com o valor de 4482 contos, montante só por si bem significativo.

Para o saldo da conta de «Ganhos e Perdas» — deduzido já do que foi retirado para amortização normal dos edifícios e equipamento — propomos a seguinte aplicação:

— Fundo de Reserva Legal, N.º 1 do art.º 10.º dos Estatutos	2 300 000\$00
— Fundo de Regularização de Dividendos, N.º 2 do mesmo artigo	4 600 000\$00
— Dividendo mínimo previsto no N.º 3 do referido artigo	9 750 000\$00
— Satisfação do N.º 4 do aludido artigo	1 345 956\$00
— Dividendo complementar, N.º 5 do citado artigo	12 750 000\$00
— Fundo para novas instalações e ampliação das existentes	14 000 000\$00
— Saldo para conta nova	818 703\$12
Total	45 564 659\$12

A terminar, afirmamos ao Conselho Fiscal o nosso muito apreço pelo espírito de cooperação que desde sempre tem demonstrado para com o Conselho de Administração, no exercício da missão que lhe incumbe.

Lisboa, 8 de Fevereiro de 1962.

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Eduardo Rodrigues de Carvalho
Vasco de Quevedo Pessanha
Eduardo Furtado
Joaquim Pedro Rasteiro
Mário Arnaldo da Fonseca Roseira
António Ferreira d'Almeida
Francisco Fonseca Mendonça

BALANÇO EM 30 DE DEZEMBRO DE 1961 ACTIVO

DISPONÍVEL:		
Caixa	1 311 438\$40	
Bancos	699 035\$75	2 010 474\$15
REALIZÁVEL:		
Devedores e credores	57 695 888\$96	
Letras a receber	2 908 874\$80	
Armazéns gerais:		
Armazém de abastecimentos	65 451 759\$85	
Produtos manufacturados	44 623 029\$34	110 074 789\$19
Laboração	521 931\$62	
Participações financeiras	42 405 000\$00	213 606 484\$57
IMOBILIZADO:		
Encargos adiantados	64 591\$80	
Terrenos e s/urbanização	15 298 214\$05	
Edifícios e outras construções	56 293 490\$99	
Maquinismos e acessórios	307 044 803\$72	
Material de transportes	7 762 731\$04	
Rede de captação e distribuição de águas	8 649 434\$96	
Rede de vias férreas	1 617 757\$25	
Rede de iluminação eléctrica	4 375 541\$53	
Rede de esgotos	821 991\$31	
Rede de ar comprimido	462 113\$12	
Rede de tele-sinalização e telecomunicações	1 054 064\$16	
Rede de energia eléctrica	5 282 996\$11	
Rede de vapor	132 666\$31	
Serviço de laboratórios	1 208 807\$22	
Serviço de incêndios	1 606 410\$34	
Móveis e utensílios	5 787 329\$35	
Ferramentas, moldes e utensílios industriais	1 926 970\$94	419 389 914\$20
CONTAS DE ORDEM:		
Acções em caução	310 000\$00	
Apreçamento fabril — créditos abertos	92 370\$90	
Garantias bancárias	49 000\$00	451 370\$90
		635 458 243\$82

EXIGÍVEL:		PASSIVO
A curto prazo:		
Devedores e credores	53 519 950\$09	
Encargos a liquidar	446 546\$91	
Obrigações sorteadas	122 000\$00	
Dividendos a pagar	350 010\$00	54 438 507\$00
A longo prazo:		
Devedores e credores (Banco de Fomento Nacional)	140 671 706\$80	
Obrigações de 5 % de 1954	9 000 000\$00	149 671 706\$80
NÃO EXIGÍVEL:		
Capital	150 000 000\$00	
Amortizações	155 627 000\$00	
Fundo de reserva legal	10 700 000\$00	
Fundo especial de regularização de dividendos	21 400 000\$00	
Fundo de reserva extraordinária	8 700 000\$00	
Fundo para novas instalações e ampliação das existentes	36 000 000\$00	
Provisão para devedores duvidosos	1 000 000\$00	
Fundo para oscilação de valores em participações financeiras	1 905 000\$00	385 332 000\$00
RESULTADOS		
Ganhos e perdas:		
Saldo de 1960	699 443\$96	
Resultados do exercício	44 865 215\$16	45 564 659\$12
CONTAS DE ORDEM		
Credores por caução	310 000\$00	
Credores por aberturas de crédito	92 370\$90	
Credores por garantias bancárias	49 000\$00	451 370\$90
		635 458 243\$82

O CHEFE DE SERVIÇOS

Amadeu de Sousa Macedo

O PRESIDENTE DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Eduardo Rodrigues de Carvalho

DESENVOLVIMENTO DA CONTA DE GANHOS E PERDAS

Saldo de 1960	699 443\$96	
Lucro de vendas	71 580 639\$75	72 280 083\$75
A deduzir:		
Juros bancários e de empréstimos	5 835 299\$36	
Encargos gerais da Sede	5 087 588\$17	
Contribuições, Impostos e Licenças Municipais	15 792 537\$10	26 715 424\$63
Saldo		45 564 659\$12

PARECER DO CONSELHO FISCAL

Senhores Accionistas:

De acordo com as disposições legais e estatutárias, vem o vosso Conselho Fiscal emitir o seu parecer sobre o Relatório, Balanço e Contas da Gerência de 1961.

O exame do Balanço e Contas mostra, mais uma vez, que o Conselho de Administração continua a dar cumprimento integral aos planos de amortização dos empréstimos e das instalações.

Para além disso, é justo sobrelevar a actividade do mesmo Conselho que, não obstante as difíceis condições económicas em que somos forçados a viver, conseguiu, novamente, a par do constante desenvolvimento das instalações, uma maior produtividade e aumento de colocação dos nossos produtos através da angariação de novos clientes. Chamamos a atenção dos Senhores Accionistas para a verba de 4482 contos gasta com Obras Sociais, o que bem demonstra o interesse da Companhia pelas condições de vida dos que nela trabalham. Nestes termos e porque concordamos com o Relatório e Contas que acompanham este parecer, temos a honra de propor:

- 1.º — Que sejam aprovados o Relatório, Balanço e Contas apresentados à vossa apreciação, dando-se ao saldo de Ganhos e Perdas a aplicação proposta pelo Conselho de Administração;
- 2.º — Que aproveis um voto especial de louvor ao mesmo Conselho de Administração pelos resultados obtidos que, na actual conjuntura económica, mostram dedicação invulgar no exercício dos seus cargos;
- 3.º — Que se patenteie o agrado da Assembleia ao pessoal em serviço da Companhia, pela satisfação que o desempenho das suas funções mostrou merecer ao Conselho de Administração.

Lisboa, 10 de Fevereiro de 1962. O CONSELHO FISCAL

António Maria Fernandes
José Luís Calheiros
Jerónimo Manuel de Figueiredo Loureiro Túllo
Thomaz de Mello Breyner
Alberto Campos de Magalhães Barros

A reforma de quadros do Instituto Geográfico e Cadastral

(Continuação da página central)

eliminatória, ditados por plano previamente preparado (adivinha-se!) e baseado em legislação que se confiou para o momento, vai-se procedendo às várias fases do concurso, embora o juri firmado pela mesma, mereça consideração. Mas como se pode ser impoluto, se se for obrigado a seguir os maus códigos?

«Fica então um quadro provido por engenheiros geógrafos, civis, agrónomos, matemáticos e oficiais do Exército, só porque há que considerar determinados «casos» com simpatia... E toda esta gente, metida num compartimento de dezoito lugares

Deviam formar-se quadros de especialidades

«Ocorre assim a pergunta: — Por que não promover, então, a constituição dos quadros por especialidades, uma vez que já existem ao serviço do Instituto os funcionários para isso e a quem o Estado paga o mesmo, quer sejam ou não de um quadro? É que um engenheiro contratado ganha o mesmo que um do quadro efectivo. E não se diga que a efectividade obriga o erário publico e que os contratados não. E isto porque a política do Governo não é de «fazer» dinheiro à base do desemprego. Honra-lhe seja feita! E desta forma, constituindo os quadros, mesmo sem lhe chamar efectivos, cada um sabia a lei em que vivia. Podia-se atender e incentivar o nível técnico dos vários especialistas com mais facilidade pelo desempenho de missões compartimentadas e, então, ver quem mais merece, por especialidades.

«Num quadro como o chamado científico do Instituto, como se podem comparar os indivíduos para uma classificação relativa? — Como comparar um geógrafo com um agrónomo? Uma calculadora com um agrónomo? — Como comparar os serviços e os critérios de classificação das escolas que variam, até dentro da mesma com o tempo e a latitude?...

«Eis mais um motivo de descontentamento e que leva a não considerar adequada a tal legislação do momento, que vai servir nesta ingloria apreciação de valores, prejudicando muitos funcionários antigos na casa, de boa formação e que gastaram a sua mocidade a «servir bem». Mas a alguns isto não chega...

«O segundo quadro, chamado técnico, que abrange o pessoal das oficinas, lá se vai arrastando, com todos os seus defeitos. Mas é um quadro salvador, de quando em

quando, porque pode albergar, ali, quem, no seu seio, quando o caso é de acarinhar... Recentemente foram dois funcionários, que não podendo sair do Instituto para quadros efectivos de outras entidades oficiais, por terem mais de 35 anos, entram para ele numa categoria qualquer, por exemplo, estampadores litógrafos, fazendo aí o compasso de espera necessário e exigido por lei para serem considerados efectivos e... depois, partem para nova vida, fora do Instituto, em quadros efectivos. Mas o que é mais estranho é que não se faz o mesmo a outros funcionários nas mesmas condições e que já perderam belíssimas situações, fora do Instituto, claro! E têm que arrastar-se pelos serviços que os prenderam tão ciosamente e não olha para eles.

«Quanto ao terceiro quadro efectivo, que se refere ao pessoal administrativo, nem quase vale a pena falar. É impessoal, estático em promoções, em regalias de qualquer espécie e desiludido. Como se concebe que um indivíduo seja escrivão de 2.ª classe, durante vinte anos e mais?... O quadro do pessoal menor: reduzido para as necessidades; os incentivos nenhuns, de forma que esse pessoal também necessita de ser olhado.

«Depois desta pequena dissertação sobre factos absolutamente comprováveis, permita-se-me aliviar que se suspenda o referido concurso, pura e simplesmente, pois só está a cavar fossos de incompatibilidade entre chefes e chefados.

«Que se estude a criação de quadros de engenheiros geógrafos, civis, agrónomos, de calculadores, de regentes agrícolas, de agentes técnicos de engenharia, de desenhadores, etc., com vista a colocar toda esta boa gente que trabalha para a Nação, a salvo de incertezas e desmandos de ocasião! Podem não ser quadros efectivos, na sua primeira fase; chamem-lhes quadros provisórios, mas com uma constituição idêntica à dos quadros já considerados efectivos. Não se gasta nada com isso, nem há encargos para a Nação, neste momento crucial. Pede-se que se gaste apenas o que se está a dissipar desordenadamente. E um dia, que Deus proporcionar, o Estado, já desafogado, poderá encerrar as melhorias que entender serem de justiça. Mas não se regateie, agora, o que é básico, sem dispêndios. É uma arrumação da casa com os mesmos móveis, evitando ter na sala de visitas as cadeiras da cozinha.

Cada um no seu lugar

Na exposição que se segue, uma senhora, funcionária do quadro

científico do mesmo organismo, ventila a parte do assunto relacionada directamente com o referido concurso, focando o que considera uma disparidade quanto à classificação do pessoal especializado, susceptível de ser reparada pela actualizadora e lógica reforma na qual se incluísssem os quadros correspondentes às missões que incumbem a cada grupo distinto de funcionários dos sectores científico e técnico:

Depois de ter lido no «Diário de Lisboa» as considerações de colegas, funcionários superiores do Instituto Geográfico e Cadastral, pareceu-me indispensável dizer alguma coisa, a título de esclarecimento, sobre o mesmo assunto.

«Foram postas a concurso, como já foi dito, nove vagas de engenheiros de 3.ª classe, que de há anos existiam em aberto no quadro do pessoal científico do Instituto Geográfico e Cadastral, podendo a elas concorrer indistintamente, engenheiros geógrafos, engenheiros agrónomos e licenciados em Matemática, de ambos os sexos.

«O facto de, nesse quadro, duas das vagas serem destinadas a senhoras calculadoras tem suscitado grande polémica. Permitto-me levantar igual protesto quanto à admissão dos engenheiros agrónomos no referido quadro. E, note-se, não considero inferior à missão dos engenheiros geógrafos a dos engenheiros agrónomos, nem tão pouco a das calculadoras, pois de técnicos diplomados se trata em qualquer dos casos. São apenas diferentes, como vamos ver, requerendo todas pessoal devidamente habilitado.

«Os três grupos de funcionários considerados, cuja competência técnica será superiormente apreciada, desempenham os seguintes serviços:

«Os trabalhos de campo são executados por engenheiros geógrafos, na parte que diz respeito à Geodesia, Topografia e Fotogrametria, e por engenheiros agrónomos, na parte de Cadastro propriamente dito, enquanto que os trabalhos de cálculo são feitos por engenheiros geógrafos ou licenciados em Matemática. Destes últimos, estão encarregadas senhoras, que são na quase totalidade, simultaneamente, engenheiras geógrafas e licenciadas em Matemática.

«Da conjugação de todos estes serviços, que não podem viver uns sem os outros, resulta uma das mais importantes fontes de receita para o Ministério das Finanças.

«Então por que não criar três quadros distintos mas paralelos, com vencimentos paralelos, onde cada um possa ocupar o seu devido lugar?

«Haveria assim um quadro de engenheiros geógrafos (e seria o único no País), um outro de engenheiros agrónomos e ainda outro de engenheiros geógrafos ou licenciados em Matemática calculadores.

«Os engenheiros geógrafos não têm um quadro em organismo algum. E qual o mais adequado para eles do que o Instituto Geográfico?

«As calculadoras ficariam com um quadro à semelhança dos actuais, licenciados em Matemática, que calculadores são também. E, decerto, as duas senhoras calculadoras que entrassem no actual quadro do pessoal científico interessaria mais ocupar um dos primeiros lugares no quadro de calculadores do que um dos últimos no quadro de engenheiros.

«O que me parece difícil, senão impossível, é avaliar em conjunto qualidades técnicas em missões tão díspares.

«Aprendemos, em crianças, que medir grandezas é compará-las com outras da mesma espécie. Não podemos medir comprimentos em graus nem angulos em metros. Então para que comparar indistintamente, com o mesmo padrão, as funções desempenhadas por engenheiros geógrafos, engenheiros agrónomos e engenheiros geógrafos ou licenciados em Matemática calculadores?

«Arranjemos uma unidade adequada a cada caso, e só assim as medidas sairão certas».

A indispensável reforma dos serviços do I. G. C.

Outro funcionário aponta a urgente necessidade da reforma actualizadora do Instituto e algumas sugestões de ponderar:

«Se, pela segunda vez, venho às colunas do «Diário de Lisboa», incitado pelo aplauso que as anteriores exposições têm recebido dos vários funcionários do Instituto Geográfico e Cadastral, é sómente porque, como julgo, neles se contém alguma matéria de interesse para o prestígio do organismo que sirvo há já uma boa dezena de anos; e faço-o com a consciência de tocar alguns assuntos, ainda que deficientemente expostos, de verdadeiro interesse nacional.

«Um deles ainda não focado, embora a sua existência, de há muito sempre tenha sido considerada, é o magno problema da conservação do cadastro. Sem a sua resolução, todos os trabalhos efectuados, serão progressivamente desvalorizados. As matrizes das plantas cadastrais, decorrido um certo numero de anos após a sua elaboração, transformam-se em verdadeiras peças de museu, utilizáveis, quase exclusivamente, para mostrar a quem

as consulte, como era «in illo tempore» a topografia e o cadastro nesta ou naquela região. Têm-se efectuado, é certo, em algumas zonas, nomeadamente no Baixo Alentejo, trabalhos de alteração e actualização do cadastro, mas essas tarefas, ainda que dispendiosas, constituem como que paliativos para a desactualização constante da vasta região já cadastrada, que o tempo não poupa.

«A elaboração e manutenção em boa ordem de plantas topográficas (cadastrais, urbanísticas, etc.), bem como de cartas corográficas, constitui uma verdadeira luta entre o homem e o tempo: aquele fátas e actualiza-as; este, teimosamente, altera-as. São as estradas, os caminhos e valas que se rasgam, as extremas rurais que se formam; desaparecem, ou mudam-se as linhas eléctricas ou telefónicas que se erguem; poços ou fontes que se abrem ou se tapam; muros ou edificações que se constroem ou se arrasam, enfim, um numero infinito de factores que incompletam ou modificam o que, pacientemente e á custa de tantas despesas e, quantas vezes, de tantos sacrifícios, se elaborou.

«Nesta luta desigual, o homem não consegue totalmente a vitória, mas, com trabalhos periódicos e organizados segundo as várias regiões, consegue uma actualização de cartas e plantas que satisfaz plenamente os fins para que são criadas. São estes os problemas, ainda não resolvidos, da actualização geográfica e da conservação do cadastro da propriedade rustica do País, serviço que, logicamente, nascerá no Instituto ou, melhor dizendo, na sua tão esperada reforma a que já nos referimos, a qual o concurso para os lugares vagos de 3.ª classe, que deu origem às exposições publicadas, vai certamente dificultar, pela baralhada da colocação de indivíduos de várias especialidades, sexos e funções técnicas dentro de um mesmo quadro (caso unico nos organismos do Estado). Esse quadro, criado pela reforma de 1926, está mais que sobejamente demonstrado ser insuficiente; e assim, a futura reforma, necessariamente, terá de alargar e ramificar pelas várias especialidades dos funcionários existentes no organismo e ainda daquelas que um cuidadoso exame julgue necessárias.

«Porque não aproveitar a «feliz» circunstancia de ainda se encontrarem vagos, como há seis anos, todos os lugares de engenheiro de 3.ª classe, conservando-os vagos, até se criar um quadro moderno, tal como se aproveita a saída dos locatários de um prédio a demolir para dar lugar a um edificio novo?

A remodelação que se impõe

«Pretende-se realmente uma remodelação no Instituto, mas não assim; pretende-se uma remodelação que, beneficiando todos os funcionários, beneficie, principalmente, todos os serviços. No entanto, com o concurso citado e as suas normas, não se consegue descobrir benefícios, nem para uns, nem para outros, mas apenas entraves para o futuro dos funcionários e do próprio organismo que servem.

«Pretende-se, no interesse de todos, que se não pare; o Instituto Geográfico em Portugal não pode continuar a reger-se por uma arcaica reforma de há 36 anos. A evolução da técnica e o progresso do País exigem-no. Todos sabemos que a Nação atravessa momentos difíceis, com a vigilância e defesa das várias províncias espalhadas por quatro continentes. Isso constituirá, de certo modo, algumas barreiras difíceis de transpor, mas, como diz o bom povo português, «parar é morrer» e todos desejamos ardentemente que o País, uno e indivisível, sobreviva á hecatombe que avassala o Mundo. Parar será, pois, atitude inconcebível!

«Temos a certeza de que o sr. director-geral do I. G. C. se empenhará, dentro do possível e com a brevidade requerida, em dar incremento ao organismo que tão dignamente dirige e, bem assim, a todos os serviços que dele dependem, analisando-os e resolvendo-os criteriosamente. Por tal facto, lhe rendo as minhas simples mas sinceras homenagens.

«Finalmente, se outro mérito não tiverem estes modestos escritos, eles servirão, pela concordância de todos os funcionários ás ideias neles expressas, para demonstrar o apoio e a colaboração que todos, desde os de mais humilde condição até os de categoria superior, pretendem dar ao seu director-geral na nobre tarefa que, estamos certos, não deixará de enfrentar: a geral remodelação dos serviços do Instituto Geográfico e Cadastral. Que assim seja, a bem do Instituto e dos seus funcionários; que assim seja, a bem da própria Nação!».

Camions AUSTIN

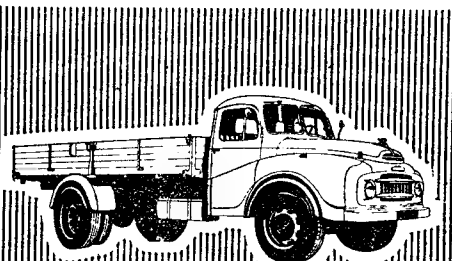
RESOLVEM TODOS OS PROBLEMAS DE TRANSPORTES



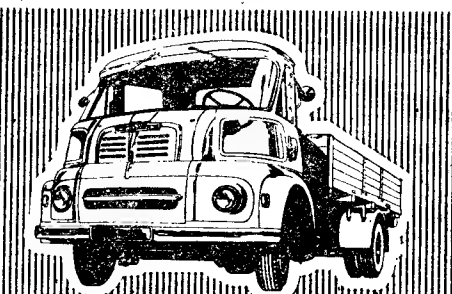
Modelos: 504 e 702

1,5 Ton. a 8 Ton.
Cabines Normais
ou Avançadas

Basculantes e Reboques



Modelos: 303-503 e 603



Modelos: 200-304 e 404



DISTRIBUIDORES GERAIS: J. J. GONÇALVES, SUCRS
LISBOA PORTO ÉVORA SANTARÉM AGENTES EM TODOS OS DISTRITOS

O cessar-fogo na Argélia

OS EUROPEUS ACATAM a greve geral determinada pela O. A. S. nas principais cidades argelinas

ARGEL, 19 — Esta manhã, no primeiro dia do cessar-fogo, a capital da Argélia acordou sem electricidade e com os caixotes do lixo por vazarem.

Argel estava silenciosa e quase deserta — apenas se viam patrulhas militares e da Polícia — em consequência da greve geral de 48 horas ordenada pela O. A. S.

Às 10 e 30, os bairros dos europeus continuavam desertos. A ordem de greve era estritamente respeitada. Só uma loja daqueles bairros abriu. Os autocarros não circulavam, os Correios não distribuíam nem correspondência nem jornais. Contudo, a água, gás e telefone funcionavam e a electricidade voltou às 10 da manhã. Os navios pairam ao largo por falta de pilotos, que também estão em greve.

Nas ruas desertas, as patrulhas, com capacetes de ferro, circulam em fila indiana. Nas janelas os estores estão corridos. De longe em longe, uma pessoa aparece numa varanda, mas some-se imediatamente.

ATMOSFERA FESTIVA NOS BAIRROS MUÇULMANOS DE ARGEL

O aspecto dos bairros muçulmanos era completamente diferente. Estavam animados como nos dias feriados. Todas as lojas se achavam abertas e as ruas cheias de gente. Durante toda a noite, muçulmanos fizeram sentinela à entrada dos seus bairros para evitar quaisquer incursões da O. A. S. Durante a noite, apareceram nas paredes inscrições tais como «Viva o Governo argelino — Viva a F. L. N.».

Entretanto, houve cinco atentados que fizeram cinco feridos, três europeus e dois muçulmanos.

A O. A. S. CHAMA «A'S ARMAS» OS CIDADÃOS

Durante a noite grupos de soldados franceses colaram nas paredes da cidade cartazes anunciando o cessar-fogo. Alguns representavam duas crianças, uma muçulmana e outra europeia, sob as quais se podia ler a seguinte inscrição: «Pelas nossas crianças, paz na Argélia». Outros cartazes proclamavam simplesmente: «Cessar-fogo — paz, acord».

Alguns desses cartazes foram ras-

gados por comandos da O. A. S. que, por sua vez, colaram outros onde se lia o seguinte verso da «Marselhesa»: «Aux armes, citoyens» («A's armas cidadãos»). — (F. P. e R.).

FORAM CORTADAS AS COMUNICAÇÕES ENTRE ORAN E A FRANÇA

ORAN, 19 — A cidade está paralisada pela greve geral. Não há gás nem electricidade. Mas, paradoxalmente, às 8 da manhã, os candieiros da rua continuavam acesos. O telefone só funciona dentro de Oran e com Argel. Todas as comunicações com a metrópole foram cortadas.

O recolher de 24 horas decretado pela O. A. S. esvaziou as ruas dos bairros europeus. Raros transeuntes passam, desconfiados e a passo rápido. Alguns são muçulmanos que andam à procura de alguma loja aberta. Bandeiras tricolores foram hasteadas em quase todas as varandas.

Desde a madrugada que quinhentos doentes e feridos no hospital civil estão abandonados pelo pessoal, que entrou em greve. — (F. P. e R.).

HA BARREIRAS NAS PRINCIPAIS RUAS DE CONSTANTINE

CONSTANTINE, 19 — A greve dos europeus é total nesta cidade. A electricidade não funciona. Nenhum carro pode circular nas ruas principais, onde foram instaladas

barreiras. As patrulhas são numerosas. Nas paredes, vêm-se cartazes anunciando o cessar-fogo. Aqui e ali, muçulmanos param para os ler. O jornal local não saiu, pois só se apresentou ao serviço o pessoal muçulmano. A noite foi, todavia, tranquila. Não houve atentados nem bombas. — (F. P.).

UM APELO do representante do Governo francês em território argelino

ARGEL, 19 — Jean Morin, o delegado-geral do Governo francês na Argélia, lançou pela Rádio, esta manhã, um apelo, a europeus e muçulmanos, para apoiarem o acordo de cessar-fogo. Aos europeus disse, nomeadamente: «Talvez este acordo não seja o que desejavam mais ardentemente, mas houve boas razões para que ele fosse concluído».

Jean Morin explicou longamente as garantias dadas aos europeus pelo acordo, dizendo: a garantia das garantias está no auxílio económico prometido pela França à Argélia. Dirigindo-se aos muçulmanos, o delegado-geral apelou para a compreensão entre as comunidades na Argélia e fez avisos relativos a possíveis manifestações. — (R.).

A União Soviética reconheceu o G. P. R. A.

MOSCOVO, 19. — O Governo soviético reconheceu «de jure» o Governo Provisório argelino e declarou estar pronto a estabelecer relações diplomáticas — anunciou hoje a agência russa «Tass».

Segundo a «Tass», o reconhecimento soviético do Governo argelino foi revelado numa mensagem enviada por Kruchchev a Ben Khedda.

Na mensagem, Kruchchev felicitava o povo argelino «pela sua

grande vitória» ao conseguir um acordo de autodeterminação que, acabando com a guerra, fará da Argélia um Estado independente.

Kruchchev afirma que o fim da guerra colonial na Argélia, com o consequente triunfo da independência deste país, é um factor importante no abrandamento da tensão internacional e acrescenta que o Governo soviético confia em que o estabelecimento de relações diplomáticas venha a facilitar um futuro desenvolvimento da compreensão e amizade mútuas que já se formaram entre os dois países.

Kruchchev declara também que o povo soviético deseja sinceramente ao povo argelino grande êxito na construção e fortalecimento da sua independência assim como no desenvolvimento económico e cultural da sua pátria. — (R.).

O M. N. A. rejeita o acordo

PARIS, 19 — O gabinete político do Movimento Nacional Argelino (M. N. A.), que esteve reunido nos dias 16 e 17 para estudar a situação na previsão da assinatura do acordo entre o Governo francês e o G. P. R. A. e do cessar-fogo, publicou um comunicado em que começa por recordar que preconizou por várias vezes a abertura de uma conferência de mesa redonda sem condições prévias nem exclusividade para examinar todos os aspectos do problema argelino, a fim de se realizar um cessar-fogo.

A seguir, afirma: «O M. N. A. não tendo assistido às negociações secretas e públicas que decorreram entre as conversações de Melun e o cessar-fogo actual, não pode considerar seu o acordo. Assim, liberta-se de qualquer responsabilidade face ao problema argelino, à revolução argelina e à história. É esta a razão por que permanece fiel aos princípios da autodeterminação, que devem presidir à solução geral do problema argelino». — (F. P.).



Optimismo revelador: o contentamento dos delegados argelinos Sahad, Boularouf e M'Hamed Yazid, à entrada do Hotel do Parque, para a última fase das negociações franco-argelinas, já não deixava dúvidas sobre o resultado do encontro

O QUADRO DA SITUAÇÃO

Antecedentes

A rebelião argelina enquadrar-se no movimento geral de liquidação das posições ultramarinas da França, perturbada por duas guerras coloniais em que o exército francês não alcançou uma vitória militar nítida sobre os rebeldes — as guerras da Indochina e da Argélia. A primeira terminou na altura em que começou a segunda. Esta coincidência mostra que o processo de descolonização seguido por aquele país teve dois aspectos distintos — a descolonização pacífica e a descolonização violenta. A evolução da rebelião foi condicionada desde o início por dois factores — o santuário sagrado, garantido aos rebeldes pela Tunísia e Marrocos, e as dificuldades encontradas pelo Governo francês no campo internacional, dentro e fora da O. N. U.

O início da rebelião

Os primeiros sintomas declarados da rebelião argelina, que passou algum tempo se transformou numa guerra sangrenta, agravada por episódios de violência inauditos em que os dois campos se comprometeram, registaram-se em 1 de Novembro de 1954. Em quatro anos (1954-58) os governos que se sucederam no poder em Paris (Mendès-France, Edgar Faure, Guy Mollet, Felix Gaillard e Pierre Pflimlin) procuraram vencer os rebeldes pelas armas. O golpe de Estado de 13 de Maio de 1958 levou o general de Gaulle ao poder com a missão de pôr termo à luta pela aplicação da tese da Argélia Francesa.

O actual presidente da República, de começo, fez declarações que reforçavam essa tese operada, igualmente pelo exército e pelos seus chefes, pelos colonos e pelos seus dirigentes e ainda por grande parte da população da metrópole, especialmente a dos meios direitistas e conservadores. Com as vicissitudes registadas na política da metrópole, outras se registaram na organização dos rebeldes, a qual acabou por ser dominada pelos elementos extremistas que, sob a bandeira da F. N. L. (Frente Nacional de Libertação) constituíram um governo com sede em Tunes, assumiram a direcção das operações militares e agiram no campo internacional em defesa da sua causa.

Dirigentes da rebelião

Em 1937, Messalid Hadj lançou o movimento do Partido do Povo Argelino, dissolvido dois anos depois, passando os seus dirigentes à clandestinidade. Este partido conhecido pelas iniciais P. P. A. tinha ramificações na metrópole e contava com a simpatia dos meios esquerdistas franceses. A guerra, com as suas exigências no Norte de África, e a colaboração de numerosos chefes e combatentes muçulmanos à causa dos aliados, retardou a caminhada da Argélia para a independência. Quando os americanos desembarcaram no continente africano (No-

vembro de 1942) a agitação que fermentava nos meios nacionalistas argelinos acentuou-se.

Em 1943 apareceu o manifesto de Ferhat Abbas, pedindo para o povo argelino as liberdades públicas de que gozava a população da metrópole. No ano seguinte fundou-se o partido dos Amigos do Manifesto da Liberdade (M. A. L.) com meio milhão de filiados e um programa moderado. Este, por sua vez, quando cessaram as hostilidades, apareceu transformado na União Democrática do Manifesto Argelino (U. D. M. A.) que criou uma frente única dos argelinos que reivindicavam a independência.

A estas transformações políticas corresponderam as vicissitudes da organização militar que suportava o peso da luta contra os franceses. Estes com o governo Guy Mollet concentraram na Argélia um exército de meio milhão de homens. Em 1950 a evolução completou-se e em 1955 surgiram o Conselho Nacional da Revolução Argelina (espécie de parlamento não eleito) e o G. P. R. A. governo provisório da República Argelina, ambos dominados pela F. N. L. (felagas). Além de Messalid Hadj e Ferhat Abbas, hoje afastados, podem citar-se entre os mais destacados elementos da rebelião, divididos por tendência diversas, mas até agora identificados para a luta contra o inimigo, comum, Ben Bella, Ben Khedda (actual chefe do G. P. A.), Krim Belkacem, Saad Dahlad, etc.

As forças em presença

A F. N. L. e a sua organização militar triunfaram na luta prolongada travada na Argélia e será ela, durante algum tempo, que dominará o país, depois de este pela via da autodeterminação, alcançar a independência. Do lado francês, as forças em presença são diversas. Há o Governo de Paris que, fazendo a política da Argélia independente, tem o apoio da maioria do povo da França metropolitana e a hostilidade da quase totalidade dos colonos europeus. Na Argélia a O. A. S. (Organização do Exército Secreto), que é a expressão exacerbada dessa hostilidade, está firmemente decidida a prosseguir na sua política de extermínio dos muçulmanos e de atentados sem finalidade política.

Há, finalmente, o exército do qual uma parte se encontra na Argélia e outra em França. O primeiro é a grande incógnita da situação, embora haja poucas probabilidades de que se aventure em novo «putsch» que poderia ser-lhe fatal, no caso de não triunfar rapidamente, ocupando o poder. Quanto à parte do exército que se encontra na metrópole, cujos chefes em grande número foram retirados da Argélia, em virtude das suas simpatias pela causa da Argélia Francesa, não tem probabilidades de se opor ao Governo e ao general de Gaulle, pelo que se acatará a independência da Argélia, reservando-se para novas missões.

A tragédia da França

(Continuação da 1.ª página)

homicídio indiscriminado por delito de ideias. Para compreender esse fenómeno, aberrante e desolador, há que remontar às páginas, amassadas em ódio fratricida e anátemas implacáveis, que, de Veillot a Maurras, os sacerdotes laicos lançaram sobre os seus compatriotas que não pensam como eles.

A explosão epilética que a O. A. S. interpreta filia-se nessa origem que constitui, nos nobres tradições daquele país, uma mancha indelével e sombria. O plástico é o seu ingrediente actualizado, a morte o seu símbolo sinistro. O atentado que visou de Gaulle foi a versão presente da bomba de relógio que vitimou Dormoy. Uma escola de filosofia, baseada nas teses absurdas do regresso a fórmulas condenadas pelo espírito e pelo progresso, gerou o clima em que o civismo se confundiu com o crime comum e, sob a égide do nacionalismo, o amor da pátria é sinónimo do assassinio em larga escala. Aqueles que, dentro e fora da França, se exaltam e louvam na admiração dos seus valores imortais e das suas perenes virtudes não ignoram que essa vaga demencial levará tempo a extinguir-se.

Para o general de Gaulle, agora é que as dificuldades verdadeiramente começam, pois ninguém vê

como, do outro lado do Mediterrâneo, poderá cumprir os compromissos que assumiu nas negociações que ontem tiveram o seu epílogo. Mesmo que o Exército não faça causa comum com os colonos, decididos a prosseguir na senda por que enveredaram sem ter em conta a mácula inscrita na crónica dos seus feitos, o domínio da Argélia, durante algum tempo, pertencer-lhes-á e o Estado, impotente para impedir as suas sevícias e depredações, não os fará regressar à ordem e à legalidade. Na metrópole, onde a reacção contra os seus actos tomou expressão à margem do poder constituído, impor-se-á o recurso a medidas de excepção que desacreditam o regime e diminuem o homem que o criou.

A crise, que agita a rua e afecta as consciências, dilaceradas ou pervertidas, entrará numa nova fase em que será preciso recorrer a todos os meios de que a autoridade dispõe, para impedir que esta se subverta no caos e na ruína. Todo o prestígio do seu guia será pouco para tapar o dique de onde irrompem as águas caudalosas da paixão e do morticínio organizado com requinte científico. Os que seguem angustiados essa tragédia fazem sinceros votos para que o consiga com êxito e depressa.

Os novos serviços de telecomunicações da G. F.

(Continuação da 1.ª página)

nizado o serviço, que permite o controlo e domínio de situações em face de quaisquer acontecimentos. Assim, por um desses painéis hidrográficos conhece-se a localização dos postos que se encontram em diversos pontos nas duas margens do Tejo, e em determinados locais da costa portuguesa. Nos outros dois, o fundeadoiro dos navios ao largo do Tejo, que, através de uma

O nuncio apostólico

presidiu a uma festa no Asilo de Campolide

Festa de elevado significado foi a que hoje se realizou no Asilo, das Irmãs das Pobres de Campolide.

Presidida pelo nuncio apostólico, cardeal João Giovanni Panico, a ela assistiram mais de 380 indigentes de ambos os sexos, tendo usado da palavra um velho para em nome de todos agradecer os cuidados que ali sempre lhes foram dispensados.

Encontravam-se presentes algumas entidades do corpo diplomático, que não sómente assistiram à festa como também ao almoço que se seguiu, o qual sempre decorreu dentro de um espírito de grande amizade.

Visita ministerial

a serviços da Estação Agronómica Nacional

O sr. prof. eng. Ferreira Dias, ministro da Economia, acompanhado do sr. dr. Mota Campos, secretário de Estado da Agricultura, visitou esta tarde, em Oeiras, a Quinta do Marquês, onde vai ser instalada a Estação Agronómica Nacional e já se encontram em funcionamento alguns serviços daquele estabelecimento de investigação e o Laboratório de Fitofarmacologia da Direcção-Geral dos Serviços Agrícolas.

O «DIA DO PAI»

foi comemorado pelos José

O Grupo Onomástico «Os José de Portugal» comemorou hoje o «Dia do Pai». De manhã, houve missa por alma de todos os José falecidos. À noite, na sua sede, efectuou-se uma sessão solene e será distribuído vestuário às crianças pobres protegidas pelo grupo.

Foi sagrada a nova igreja de S. José em Coimbra

COIMBRA, 19. — O sr. bispo auxiliar, D. Manuel de Jesus Pereira, procedeu hoje à sagração da nova igreja de S. José, em representação do arcebispo-bispo-conde, sr. D. Ernesto Sena de Oliveira, que se encontra doente. Assistiram entidades oficiais e muitos fiéis.

Colheu um homem

e pôs-se em fuga

O caldeireiro Francisco Jacinto, de 47 anos, residente na Quinta das Areias, 27, aos Olivais, foi colhido por um motociclista na Avenida 24 de Julho. O causador do desastre fugiu, e a vítima foi transportada ao Hospital de S. José, onde ficou internada com diversas contusões na cabeça.

ONZE RAPOSAS

abatidas em Sátão

SATÃO, 19. — Numa batida que reuniu grande numero de caçadores de diversos pontos do País, foram abatidas onze raposas pelos caçadores Costa Leite, de Cambra; Rodrigues Sequeira, de Tondela; Aristides Alferes, de Anadia; um grupo do Carvalhido — Porto; e Maximiano Magalhães e Acácio Soeiro, de Sátão. A Comissão Venatória ofereceu, no final, uma merenda aos participantes.

PELOS CLUBES

Posse dos novos corpos gerentes do Sporting

Realiza-se hoje, às 21.30, a cerimónia do acto de posse dos novos corpos gerentes do Sporting. Efectua-se na sede do popular clube, devendo revestir-se de expressivo significado.

sinalização especial, se identificam quanto às nacionalidades, permitindo, ainda, saber o numero de soldados da G. F., em missão de serviço, a bordo desses navios fundeados.

Foi localizado e interceptado um «navio com contrabando»

Finda a explicação, iniciou-se, então, um exercício, do qual constava «a perseguição e interceptação de determinado navio, que se sabia ter largado de determinado porto do Norte de África e que se dirigia para a costa de Portugal».

Todo o sistema de comunicações foi alertado e, em determinada altura, o «navio fantasma» foi localizado a navegar ao largo da barra do Tejo.

Não rumou logo para a demarcar: ora aproava a Lisboa, ora ao Cabo de Espichel. Em certo momento, o «barco dos contrabandistas» tomou rumo definitivo, entrando no Tejo, já completamente identificado. A partir de então, intensificou-se a vigilância. Finalmente, duas embarcações conseguiram interceptar o navio e apreenderam-no, assim como toda a carga de contrabando que transportava.

No final do exercício, o sr. general Costa Lajes dirigiu-se, pela rádio, aos participantes na demonstração, patenteando-lhes a sua satisfação pela maneira como decorreu.

Dirigindo-se ao sr. subsecretário de Estado do Orçamento, agradeceu-lhe a sua presença e solicitou-lhe que transmitisse ao ministro sr. prof. dr. Pinto Barbosa os agradecimentos da corporação pelas facilidades que lhe tem dispensado.

O sr. dr. Pizarro Beleza patenteou a sua satisfação por tudo quanto observara.

Antes de se retirar, aquele membro do Governo visitou as restantes instalações do Destacamento Marítimo da G. F.

VIDA ARTÍSTICA

Carlos Ramos expõe na S.N.B.A.

O paisagista Carlos Ramos, que vive em Coimbra, mantém a tradição de expor todos os anos os seus trabalhos em Lisboa que muito o aprecia. A exposição deste ano é inaugurada na próxima quarta-feira à tarde, trazendo paisagens de quase todo o País que o artista percorre constantemente.

Exposição de pintura moderna na Associação dos Inquilinos Lisboenses

Na nova sede da Associação dos Inquilinos Lisboenses, o pintor Guilherme Filipe proferiu ontem uma conferência sobre «O modernismo e a dignidade artística», que antecedeu a inauguração de uma exposição de pintura na qual se incluem telas do conferencista e dos pintores José Julio, João Navarro Hogan, Vespiera, Joaquim Rodrigo, Fernando Azevedo e, ainda, escultura de António Duarte. Nesta exposição, que estará patente até ao próximo dia 31, estão também in-

Linha de CASCAIS

Cinemas

ALGÉS — Stadium — As 21: «Lucrécia Borgia» e «Segredos de alcova» (17 anos).

ESTORIL — Casino — As 17 e às 21 e 30: «O mundo de noite» (17 anos).

Farmácias de serviço

ALGÉS — Miramar — R. Ernesto Silva, 81 (Tel. 012048).

CAXIAS — Nova — R. Bernardino Ribeiro, 1-A (Tel. 042839).

PAÇO DE ARCOS — Trindade Brás — R. Costa Pinto, 186 (Tel. 042034).

OEIRAS — Central — R. João Teixeira Simões, 18 (Tel. 0430058).

PAREDE — Brandão — Av. da República, 77-C (Tel. 047054).

ESTORIL — Parque — Arcadas do Parque, 3 (Tel. 060191).

CASCAIS — Cordeiro — R. Frederico Arouca, 16 (Tel. 080170).

2164 CONTOS é a verba do Totobola destinada ao futebol

De acordo com o plano de aplicação dos dinheiros da Aposta Mutua Desportiva (Totobola), a Federação Portuguesa de Futebol tomou conhecimento do montante, 2164 contos, que lhe cabe a ela e às Associações Regionais referente aos 14 primeiros concursos, de 24 de Setembro a 31 de Dezembro de 1961.

O total do quinhão é repartido do seguinte modo:

432 contos, equivalente a 20 %, para a Federação, e 1731 200\$00 a distribuir pelas Associações.

As percentagens que foram atribuídas a cada Associação são as que seguem:

Porto, 461 664\$40; Lisboa, 370 304\$60; Setúbal, 164 457\$20; Braga, 115 740\$80; Aveiro, 113 132\$60; Santarém, 56 472\$20; Leiria, 53 868\$30; Funchal, 51 950\$40; Coimbra, 45 010\$00; Viseu, 39 864\$70; Ponta Delgada, 38 942\$90; Angra do Heroísmo, 36 389\$60; Faro, 35 853\$20; Guarda, 30 953\$10; Évora, 23 969\$50; Beja, 18 328\$40; Horta, 17 255\$10; Portalegre, 17 255\$10; Vila Real, 13 833\$3; Bragança, 13 072\$50 e Castelo Branco, 12 882\$40.

Estas verbas destinam-se a fomentar e a expandir a modalidade através de subsídios a clubes necessitados, com vista à manutenção das categorias de principiantes, juniores e aspirantes; utilização dos serviços de professores de educação física; arrelvamento dos campos e conservação dos mesmos; preparação das equipas nacionais; cobertura dos prejuízos com a realização de campeonatos nacionais; publicações técnicas; promoção de cursos, etc.

Deliberações da Federação de Futebol

Na sua última reunião plenária, a direcção da F. P. F. tomou as seguintes deliberações:

Organizar um torneio, dotado da taça «Ribeiro dos Reis», entre 3 de Junho e 15 de Julho, a que concorrem os clubes eliminados até aos quartos-de-final da «Taça de Portugal»; não aceitar o convite para a disputa do jogo Argentina-Portugal; conceder a medalha de «Exemplar Comportamento» ao jogador António Silva, do Lusitania Futebol Clube, por não ter sido punido em 276 encontros; antecipar de 29 para 22 de Abril (Domingo de Páscoa) os jogos da 2.ª mão da 3.ª eliminatória da «Taça de Portugal» em que intervenham clubes com jogadores seleccionados para a equipa nacional e tomar conhecimento de que, por despacho ministerial, os organismos da arbitragem ficam dependentes da Federação e Associações.

TRUCIDADO

pelo combóio

Foi trucidado pelo comboio, próximo de Benfca, Jacinto da Silva, de 21 anos, que deixara esta manhã o Orfanato de Santa Isabel para ir prestar serviço militar no Porto.



HUNTERMATIC

Cortébert

O RELÓGIO QUE TODO O MUNDO PREFERE

13 apostas do Totobola com 13 resultados certos

96 CONTOS PARA CADA UM DOS TOTALISTAS

Ao primeiro escrutínio referente à vigésima quinta jornada do Totobola presidiu o dr. Tavares Courela, chefe da 1.ª secção da Repartição de Apostas Mutuas Desportivas da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa.

Entraram 502 967 matrizes, com 3 601 724 apostas, sendo a receita bruta de 5403 contos. Assim, para cada um dos dois prémios, foi des-

tinada a importância de 1 242 594 escudos.

Nos 13 prognósticos acertaram 13 concorrentes:

Paulo Jorge Ribeiro Castela, José Palma Baltazar, Rodolfo Rosário da Luz Coelho, Hernani Patuleia, João Lopes, José do Espírito Santo, todos de Lisboa; Artur Baptista Duarte, proprietário do «Snack-bar Copacabana» da Costa da Caparica; José Alberto Esquivel Penna, de Mourão; Germano da Silva Pimenta, de Vila das Aves; Joaquim Nunes Paleta, da pensão Costa d'Oiro, de Lagos; Valdemar Domingos de Andrade, de Souto (Vila da Feira), Gil Silva Caldeira, de Vila Franca (Ervedal da Beira); e Ivo Pina Furtado, de Assomada, Santa Catarina, S. Tiago (Cabo Verde).

Todos estes apostantes acumulam vários segundos prémios.

420 apostas tinham 12 resultados certos. Se se mantivessem os números apurados no primeiro escrutínio, cada um dos apostantes que acertaram em 13 prognósticos receberia 95 584\$21 e a cada um dos contemplados com o segundo prémio seriam atribuídos 2958\$50.

Todos os totalistas jogaram com múltiplas

Todos os que acertaram nos 13 prognósticos jogaram com apostas múltiplas.

José do Espírito Santo, morador na Rua Sampaio Bruno, 47, 2.ª, dt., é piloto da barra, reformado há 14 anos. Além do primeiro prémio, tem 6 segundos. Tem 59 anos, é casado e tem 3 filhos e 3 netos. Como a família é muito unida, com ela dividirá os prémios.

Paulo Ribeiro Castela é administrador do Externato Lusitano do Comércio, da Rua dos Anjos, 2, 1.ª. Tem 41 anos, é casado e tem 2 filhos. Faz parte de um grupo de professores, que joga semanalmente, e no qual figura o dr. António Pereira, presidente da direcção do Clube de Futebol «Os Belenenses».

Ivo Pina Furtado, de Cabo Verde, é enfermeiro e concorre habitualmente por intermédio do agente da «Casa da Sorte» em S. Tiago.

Hernani Patuleia, casado, comerciante, tem um filho. Já tinha ganhado um primeiro prémio, mas numa jornada em que houve muitos totalistas.

O «SANTA MARIA»

seguir viagem para a América

Largou, hoje, rumo aos portos da América Central, o paquete «Santa Maria», com cerca de 300 passageiros, entre os quais alguns emigrantes para a Venezuela.

Seguiu, também, o sr. dr. Julio Salsedas, que vai assumir as funções de encarregado dos Negócios de Portugal em San José da Costa Rica.



ANTÓNIO GRAVE

6.º aniversário

O tempo não apaga a verdadeira saudade que deixaste nos corações de todos os que privaram contigo. Tua viúva, filha, primos e mais família participam que será rezada missa, amanhã dia 20, às 10 horas, na igreja de Arroios, pedem um padre nosso pela tua alma, simples e bondosa.

P. N. A. M.

O PROF. FREYMOND proferiu no I.A.E.M. uma conferência

sobre «O problema de Berlim»

O sr. prof. Jacques Freymond, director do Instituto Universitário de Altos Estudos Internacionais de Genebra, proferiu hoje, no Instituto de Altos Estudos Militares, uma conferência sobre «O problema de Berlim».

Estiveram presentes os srs. general Mário Silva e prof. Adriano Moreira, ministros do Exército e do Ultramar, respectivamente; general Portugal da Silveira, director do I. A. E. M.; professores e oficiais-alunos do Instituto; e outras individualidades militares.

COLONOS

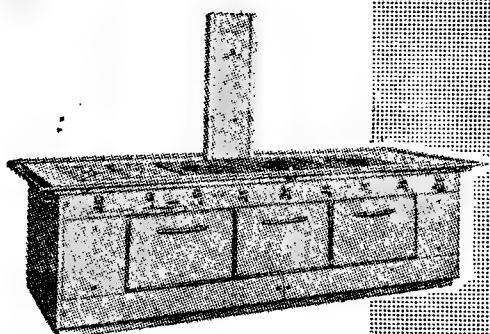
para Angola

Na sua viagem extraordinária aos portos de Angola, no dia 24 o paquete «Vera Cruz» levará cerca de mil passageiros, incluindo colonos.



FOGÕES INDUSTRIAIS
A GÁS DA CIDADE
E PROPANO

FABRICA PORTUGAL



RUA FEBO MONIZ, 20 - TELEFONE 45022/3-47157/8/9
SALAS DE EXPOSIÇÃO E VENDA
PRACA DOS RESTAURADORES, 49 e 57 - RUA FEBO MONIZ, 2 e 18
NO PORTO
JOÃO TOMAZ CARDOSO & F.ª SUCC.ª, LDA. - R. SÁ DA BANDEIRA, 92

NECROLOGIA

FALECIMENTOS

Mário de Jesus Ferreira

Faleceu ontem o sr. Mário de Jesus Ferreira, de 64-anos natural de Lisboa, pai dos srs. Raul Ribeiro Ferreira, funcionário da T. W. A. e do sr. Armando Ribeiro Ferreira.

O funeral, a cargo da Agência Magno, realiza-se amanhã, às 11 horas, da igreja da Misericórdia de Cascais para jazigo no cemitério da Guia.

Victorino de Sousa

PORTO, 19. — Na sua residência, Rua de Santos Pousada, 577, nesta cidade, faleceu, ontem, o conhecido comerciante sr. Victorino de Sousa, pai dos srs. Rogério Humberto Alves Machado de Sousa, tenente-coronel de Engenharia, e Afonso Manuel Machado de Sousa, capitão-de-fragata.

O extinto era sogro das sr.ªs D. Isabel da Conceição Jofre dos Santos e Sousa e D. Adelaide Nazaré Teixeira Lopes Machado de Sousa; avô do sr. Rogério Luís dos Santos Machado de Sousa, casado com a sr.ª D. Maria Leonor Calisto Machado de Sousa; da sr.ª D. Maria Noémia Lopes Machado de Sousa Pinho da Costa, casada com o sr. Alfredo Pinto da Costa; e da sr.ª D. Maria Alice Lopes Machado de Sousa.

O funeral realiza-se amanhã, pelas 16 horas, na igreja do Bonfim, indo a inumar em jazigo de família, no cemitério do Prado do Repouso, e está a cargo da Agência Alberto Xavier.

SUFRAGIOS

D. Maria José dos Reis Ferreira

Mandada rezar por sua família, efectua-se amanhã, às 9 horas, na igreja de S. José, no Largo da Anunciada, missa de sufrágio por alma de D. Maria José dos Reis Ferreira, comemorando o 3.º mês do seu falecimento.

Pepe Rueda

Na igreja da Conceição, reza-se no próximo sábado, 24, às 12 horas, missa mandada celebrar por Fernando Camacho no 1.º aniversário da morte de D. José Rueda Claro, Pepe Rueda, apoderado que foi de António Ordoñez e Mariano Vazquez.

AGÊNCIA MAGNO

FUNDADA EM 1874

Não tem qualquer sucursal

na Av. Almirante Reis

TELEFONES 43189 - 43180-55301-66 27 72-08 00 22

O PORTO

PELO TELEFONE

Infartunio de uma septuagenária

PORTO, 19. — Há cerca de oito anos, a sr.ª Maria da Silva, que actualmente conta 71 anos e reside em Castelo de Paiva, deu uma queda, ficando cega da vista direita. Ontem, a pobre mulher, foi atingida pela marrada de uma vaca, que lhe perfurou a vista esquerda. Conduzida ao Hospital de Santo António, ficou ali internada, a fim de ser submetida a uma operação cirúrgica de urgência.

Furto festejado com champanhe...

Os gatunos assaltaram o prédio n.º 122 da Rua do Ameal, que se encontra confiado á vigilância do sr. Abel Vieira Santos e dali furtaram várias torneiras, trens de cozinha e três garrafas de champanhe. Foi apresentada queixa á P. S. P.

Incêndio

Esta manhã, manifestou-se um pequeno incêndio a bordo da traineira «Paradela», que se encontra em reparação nos estaleiros da A.

P. D. L. Os Bombeiros Voluntários de Matosinhos-Leça e Leixões acorreram ao sinistro, mas os seus serviços não foram necessários, por o fogo ter sido já extinto.

Falecimento

Com 68 anos, faleceu, na sua residência, Rua Diamantina, 101, o comerciante sr. José Augusto Ferreira da Silva.

O funeral efectua-se amanhã, às 15 horas, para o cemitério de Paranhos.

Espectáculos de amanhã

SÁ DA BANDEIRA — As 21 e 45:

A revista «Bate o pé», (17 anos).

COLISEU — As 21 e 30 «Fúria de salas» (12 anos).

RIVOLI — As 15 e 30 e às 21 e 30:

«A vida é um jogo» (17 anos).

BATALHA — As 15 e 30 e às 21 e 30:

«Esplendor na relva» (17 anos).

NUNO ALVARES — As 21 e 30:

«O labirinto» (17 anos).

JULIO DINIS — As 21 e 30:

«A vaca e o prisioneiro» (12 anos).

SÃO JOÃO — As 15 e 30 e às 21 e 30:

«A rapariga da mala» (17 anos).

TRINDADE — As 15 e 30 e 21 e 30:

«As duas mulheres» (17 anos).

OLIMPIA — As 15 e 30 e às 21 e 30:

«Pepe» (12 anos).

AGUIA DE OURO — As 15 e 30 e às 21 e 30:

«Nós, os duros» (17 anos).

VALE FORMOSO — As 21 e 30:

«Rendez-vous» (17 anos).

CARLOS ALBERTO — As 15 e 15 e às 21 e 15:

«A catástrofe do rio Amarelo» e «A última sentença» (17 anos).

ODEON CINE — As 21 e 30: «Cantinfilas no circo» (12 anos).

VIDA MUSICAL

Concerto no Tivoli

Esta tarde, às 18 e 30, no Tivoli, haverá mais um concerto promovido pelo Círculo de Cultura Musical, no qual o duo Schndneiderhan-Schmann inicia a audição das sonatas para piano e violino, de Beethoven. O excelente programa compreende, além da famosa «Sonata Primavera», a admirável sonata em dó menor, que tem sido considerada a melhor obra beethoveniana do género.

EM PLENA LISBOA — Vende-se óptima moradia em amplo terreno com três frentes para uma avenida e duas ruas

Grande moradia de luxo, própria para embaixada, colégio, repartição pública, sede de grandes companhias; excepcional construção, rodeada de cerca de 2.300 m2 de terreno, em linda avenida de Palhavã — Praça de Espanha. Pode também prever-se a demolição e a construção de vários prédios. Recebem-se propostas até ao dia 30 do corrente. Telefonar ao próprio das 11 às 12 e das 15 às 18 horas em todos os dias úteis excepto sábados para o n.º 652121.

um produto **paillard** REVOLUCIONA A TÉCNICA DAS «GRANDES PORTÁTEIS»



Sòmente a máquina de escrever HERMES 3000 reúne as vantagens seguintes:

- Quadro de comando agrupando todas as teclas de serviço.
- 44 teclas de forma fisiologicamente adaptada aos dedos.
- Tabulador automático com freio constante.
- Teclas de colocação, de libertação individual e de apagamento total dos cavaleiros do tabulador.
- Utilização económica da fita em 3 posições — Stencil.
- Ajuste do toque ao gosto do dactilógrafo.
- Suporte-papel duplo abaixável.
- Marginadores-relâmpago com sinalização visível.
- Dispositivo para traçar rapidamente linhas e muitas outras vantagens determinantes.

E, ainda... a famosa qualidade suíça **PAILLARD** apreciada e respeitada no mundo inteiro.

HERMES 3000

Uma máquina um pouco mais cara... mas diferente!
Peça hoje mesmo um catálogo ou uma demonstração.

DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS EM PORTUGAL

Sociedade de Representações M. Simões Jr. Lda.

Rua da Prata, 68 // Tel. 31545 // LISBOA

Rua Sto. António, 208 // Tel. 25582 // PORTO

Boletim do dia

HA 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 19 de Março de 1932, sob o título «Os futuros actores — Os alunos do Conservatório da secção de Teatro pres-taram ontem provas», publicava: «Num ambiente de simpatia, desenrolou-se ontem, com o interesse duma verdadeira representação dramática, a que não faltou o público nem a crítica, a segunda audição dos alunos do Conservatório, secção de Teatro».

O programa constava de exibições coreográficas, de carácter moderno e clássico, recitações de versos, quase todos, sendo todos, de cunho romântico, monólogos célebres, arrancados ás melhores jóias da literatura dramática, e ainda um diálogo cintilante do sr. dr. Julio Dantas. Os pequenos intérpretes, onde há algumas revelações dignas de registo, marcaram notavelmente as suas aptidões. Prestaram provas Marcelino Cardoso, Maria Silva, Maria Eugénia Carapinha, Waldemar Silva, Henrique Santos, Manuel Lereño, José Garrachoa, Leonor Pascoal, Lauretina Costa, Beatriz Santos, José Manuel de Carvalho e Glória Meireles.

RADIO

EMISSORA NACIONAL — Programa A — 451 m — 655 kc/s. — As 17 horas: Fados, transmitidos da Severa; 17 e 30: Estrela da tarde; 18: Noticiário; 18 e 10: Música de dança; 18 e 45: Crónica tauromáquica; 19: Alegria no trabalho, programa da F. N. A. T.; 19 e 30: Variedades; 20: Jornal sonoro; 20 e 20: Tempo de valsa; 20 e 30: Fala Portugal; 20 e 45: Canções portuguesas; 21: Noticiário — Crónica de Angola; 21 e 40: Que quer ouvir?; 22: 13.º episódio do romance «Eveline, a Castela», de Walter Scott, adaptado por: Migueiro de Barros; 22 e 20: Bailarico; 22 e 45: Jornal sonoro (2.ª emissão); 23: A Voz do Ocidente Fala-vos de Lisboa; 1 hora: Encerramento.

Programa B — 397 m — 755 kc/s. — As 19: Reabertura — Canta o soprano Anita Cerquetti, árias de óperas; 19 e 30: Música sinfónica: «Serenata para instrumentos de sopro, em mi bemol maior, op. 7», de R. Strauss; «Estudo Sinfónico», de Andriessen; 19 e 30: Noticiário regional; 20: Concerto, pelo Coro Harmonia; 20 e 20: Obras-primas da música francesa: «Kaleidoscópio e Ciccoso», de Jacques Bondon; 21: Noticiário; 21 e 20: Separador; 21 e 30: Música sinfónica: abertura da ópera «Os Mestres Cantores», de Wagner; «Sinfonia n.º 4, em fá menor», de Vaughan Williams; 22 e 15: «Os Poemas Dramáticos de Paulino Dias», palestra da série «Goa na Literatura Portuguesa», por Manuel Seabra; 22 e 30: Música sinfónica: «Variações sinfónicas», de Dvorak; «Bourrée Fantasque», de Chabrier; 23: A verdade é só uma (Rádio Moscovo não fala verdade); 23 e 10: De tudo um pouco; 23 e 45: Noticiário; 0 horas: Encerramento.

RADIO CLUBE — As 17 e 30: Motivos portugueses; 17 e 45: Noticiário; 18 e 30: Cantares de Espanha; 19: Orquestras e canções; 19 e 45: Noticiário; 20 e 20: Brasil; 20 e 45: Artista; 21 e 15: Conjuntos; 21 e 30: Mensagem do soldado; 21 e 45: Curso de língua in-

glesa; 22 e 1: Novos discos; 23 e 15: Canções; 23 e 30: Ritmos de baile; 23 e 45: Noticiário; 1 e 45: Noticiário; 2 e 55: Noticiário; 3 horas: Fecho.

Emissor de Miramar — As 17 e 30: Uma voz; 17 e 45: Noticiário; 18: Ritmos de baile; 18 e 30: Rec. de comp. de Cruz e Sousa; 19 e 15: Orquestras ligeiras; 19 e 30: Vocalistas; 20: Noticiário; 20 e 10: Melodias; 20 e 30: Uma voz; 20 e 45: Curso de língua inglesa; 21: Noticiário; 21 e 15: Uma voz portuguesa; 21 e 30: Os grandes esquecidos; 22 e 45: Melodias de sempre; 23: Tempo de música; 23 e 45: Noticiário; 1 e 30: Fecho.

RADIO RENASCENÇA — As 18: Conjuntos de ritmo; 18 e 20: Noticiário e boletim religioso; 18 e 30: Terço, bênção e missa vespertina, da basílica dos Mártires; 19 e 50: Boletim do S. C. R.; 20: Ritmos e canções da Broadway; 20 e 15: Crítica a um livro recebido; 20 e 30: Noticiário; 20 e 55: Meditando; 21: Programa dos sócios; 22 e 30: Chuva de estrelas; 23: A 23.ª hora; 1 e 45: Noticiário; 2 horas: Encerramento.

EMISSORES ASSOCIADOS — Das 17 às 22: Rádio Graça; 22 a 1: Rádio Peninsular; 1 às 2: Clube Radiofónico de Portugal.

TELEVISÃO

As 19 e 30: Abertura; 19 e 32: Telejornal (edição da tarde); 19 e 45: Concerto pela Orquestra clássica de Lisboa sob a direcção de Alvaro Léon Cassuto; 20 e 15: Onde a ciência começa; 20 e 30: Figuras

e factos do domingo desportivo; 20 e 55: A criança; 21 e 5: «Aventuras de Eva», 2.ª série, 6.º episódio: interpretação de Eva Todor, André Villon e Manuel Lereño; 21 e 30: Telejornal (edição da noite); 22 e 5: Programa Good Wear: «A conquista do rio Colorado», da série Desafio ao Homem; 22 e 40: «Disneylandia»: O Homem na Lua; 23 e 20: Telejornal (últimas notícias).

MARES

PREIA-MAR — Dia 19 — As 2 e 27 (3,83 m); 14 e 51 (3,73 m); Dia 20 — As 3 e 01 (3,92 m); 15 e 22 (3,81 m); Dia 21 — As 3 e 30 (3,96 m); 15 e 50 (3,87 m).

BAIXA-MAR — Dia 19 — As 8 e 16 (1,14 m); 20 e 22 (1,16 m); Dia 20 — As 8 e 43 (1,03 m); 20 e 58 (1,06 m); Dia 21 — As 9 e 10 (0,96 m); 21 e 20 (0,97 m).

CARTAZ DO DIA

(Para maiores de 12 anos)

TEATROS — NACIONAL — A's 21 e 30 — «Madame Sans Gêne».

CINEMAS — MONUMENTAL — «O diálogo das carmelitas».

ODEON — «A noiva».

CONDES — «O conde de Monte Cristo».

ROMA — «O conde de Monte Cristo».

CAPITOLIO — «Todos morreram calçados».

RESTEIRO — «O milagre dos lobos».

VOZ DO OPERÁRIO — «Louisa».

(Para maiores de 17 anos)

TEATROS — MONUMENTAL — As 21 e 45 — «O sedutor».

ABC — A's 20.45 e 23 — «Saúde e Totobola».

VARIEDADES — A's 21 e 45 — «Aqui há fantasmas».

TRINDADE — A's 21 e 45 — «O país».

IMPERIO — A's 18 e 30 — «Humilhados e ofendidos».

CINEMAS — S. LUIZ — «O presidente».

TIVOLI — «Os canhões de Navarone».

ALVALADE — «O presidente».

S. JORGE — «O homem na pele da serpente».

EDEN — «Carne da minha carne».

POLITEAMA — «Os canhões de Navarone».

AVIS — «A América vista por um Europeu».

IMPERIO — «Do alto da ponte».

CHIADO TERRASSE — «As suecas».

PROMOTORA — «Vencer ou morrer».

S. L. BENFICA — «Adeus ás armas».

CAMPOLIDE — «Deus sabe quanto amei».

OLIMPIA — «O quimono misterioso».

SALÃO LISBOA — «O herói do bairro».

ARCO-IRIS — «O aventureiro de Martinica».

ROYAL — «Conversa de travesseiros».

JARDIM CINEMA — «Julia, a ruiva».

IDEAL — «Os espíritos».

FARMACIAS

TURNO H

(Ver pelos bairros das imediações e números de telefone entre parênteses)

AJUDA — Lopes Ribeiro, R. do Cruzeiro, 117 (63288) * Boa Hora, R. dos Quarteis, 25-27 (63777).

ALCANTARA — Lisbonense, R. 1.º de Maio, 15 (63702).

ALVALADE — Alvalade, Av. da Igreja, 18-B (71207) * Gasparinho, R. dr. Gama Barros, 54-A (71046) * Iriarte, Av. Almirante Gago Coutinho, lote 90 (712803).

ANJOS — Colonial, R. Forno do Tijolo, 40 (84112) * São José, R. dos Anjos, 41 (50730).

ALTO DO PINA — Nobel, R. Actor Vale, 53 (842152).

AREIRO — Vera Cruz, Pr. Afrânio Peixoto, 2-B (72494) * Onilda, Av. João XXI, 13-A (726848).

ARROIOS — Oriental de Lisboa, R. de Arroios, 215 (45079).

AVENIDAS NOVAS — Miranda, Campo Pequeno, 36-B-C (77077) * Cosmos, Av. João Crisóstomo, 44-C (40592) * Sagres, Av. Luís Bivar, 69-71 (47213) * Cardeira, Av. Duque de Avila, 32-C (43495).

BAIRRO ALTO — Gonçalves, Ld., R. da Rosa, 176-178 (362687).

BAIRRO DA ENCARNACÃO — Zira, R. J. lote 48 (388172).

BAIXA — Centro Farmacêutico, R. das Portas de St. Antão, 88 (32121) * Cortez, R. de S. Nicolau, 93 (325378).

BELÉM — Ocidental, R. D. Jerónimo Osório, JPM 3 (610256) * Remísio, R. dos Jerónimos, 14-C (631699).

BENFICA — Benfica, Est. de Benfica, 678-E (702532) * Sousa, Est. de Benfica, 429-431 (780027).

CAMPO GRANDE — Neoterapia, Campo Grande, 138 (774682).

CAMPO DE OURIQUE — Porfírio, R. Francisco Metrass, 59 (663349) * Ivone, Ld., Rua Silva Carvalho, 232-C (650760).

CAMPOLIDE — Central de Campolide, R. General Taborda, 17 (680304) * Zenel, Rua A., 182, Bairro da Liberdade (651840).

CARNIDE — Leal de Matos, R. Neves Costa, 33-35 (780181).

CHARNECA — São Bartolomeu, Quinta dos Balsares de Baixo, Vila Paulo Jorge, 1.

CONDE REDONDO — Salutar, R. Conde Redondo, 9-A (733411).

ESTEFANIA — Universal, R. Actor Taborda, 5-7 (44158).

ESTRELA E LAPA — Paivas & Parente, R. de St. António á Estrela, 96-98 (665196) * S. A. E. Silva, Filhos, R. de S. João da Mata, 76 (661010).

GRAÇA — Arnall, R. das Escolas Gerais, 88-A (863940) * Morão, Largo da Graça, 63 (860700).

LUMIAR — Alameda, Al. das Linhas de Torres, 201-B (790942).

MARVILA — Marvila, R. Direita de Marvila, 25 (381612).

MOURARIA — Tavares, R. da Palma, 194 (863350).

PALHAVA — Aguiar, Av. Columbano Bordallo Pinheiro, 98-A (764629).

PENHA DE FRANÇA — Damásio & Cordeiro, R. Morais Soares 56-C (847708).

PICHELEIRA — Mariuz, Calç. da Picheleira, 140-B-C (720703-728395).

REGO — Prates & Mota, R. da Beneficência, 91 (773728).

S. BENTO — Silva Santos, R. da Escola Politécnica, 80 (660280) * Vieira, R. dos Poiais de S. Bento, 73 (663573).

DE ST. APOLÔNIA AO BEATO — Nova Luz, R. D. Domingos Jardo, 28-A (843439) * Martins, Ld., R. Fernão de Magalhães, 33 (849448).

VIDA RELIGIOSA

As bodas de prata do cônego D. João de Castro

Effectuaram-se hoje as cerimónias comemorativas das bodas sacerdotais do cônego D. João de Castro (Nova Goa), reitor do Seminário Maior Patriarcal de Cristo-Rei, nos Olivais, porque foi no dia de São José de 1937 que ele celebrou a sua primeira missa.

As 11 e 30, foi celebrada naquele estabelecimento de ensino missa solene, após o que se efectuou, ali, uma reunião do clero do Patriarcado de Lisboa.

BOLSA DE LISBOA

Fundos do Estado	Efect	Compra	Venda	G. Ultramarinas	Efect	Compra	Venda
Cons. 2 3/4 % T. 10 ...	660\$00	658\$00	660\$00	Colonial do Buzi	—	89\$00	90\$50
Cons. 3 % T. 10	718\$00	718\$00	719\$00	Iha do Príncipe	—	—	600\$00
Cons. 3 1/2 % T. 10 ...	840\$00	840\$00	845\$00	Incómati	—	980\$00	1.050\$00
Centenários 4 % 1940...	—	—	2.000\$00	Moçambique	46\$00	45\$00	47\$00
Obg. Tes. 2 1/2 % 1942	—	1.015\$00	—	Zambézia	70\$00	69\$00	71\$00
Obg. Tes. 2 1/2 % 1943	1.015\$00	1.015\$00	—	Diamantes	424\$00	423\$00	425\$00
Obg. Tes. 2 1/2 % 1944	—	1.017\$00	—	Lobito	—	355\$00	365\$00
Ext. 1.ª série car.	—	1.085\$00	—				
Ext. 2.ª série car.	1.095\$00	1.095\$00	—	G. Diversas			
Ext. 3.ª série car.	—	1.085\$00	—	Cimentos Fejo	—	—	—
Ext. 3.ª série car.	—	1.085\$00	—	Cimentos Leiria	—	—	560\$00
Ext. 3.ª série car.	—	1.315\$00	—	Crédito Predial	—	43\$80	44\$50
Ext. 3.ª série car.	—	1.345\$00	1.350\$00	Indústria Aliança	—	310\$00	—
Ext. 3.ª série s/l.	—	212\$00	215\$00	Portugal e Colónias ...	—	482\$00	500\$00
				Nacional Navegação ...	—	900\$00	965\$00
				Colonial Navegação ...	648\$00	640\$00	650\$00
				Port. de Celulose	—	—	—
				Portuguesa de Pesca...	—	1.270\$00	1.280\$00
				Port. de Tabacos	290\$00	289\$00	291\$00
				Te. de Portugal...	—	550\$00	555\$00
				Aguas, Electricidade e Gás			
				Aguas Lisboa 1934.....	—	335\$00	340\$00
				Aguas Lisboa 1933.....	—	330\$00	—
				Eléct. das Beiras	—	1.600\$00	1.650\$00
				Gás e Electricidade ...	292\$50	292\$00	292\$50
				H. Alto Alentejo	161\$00	160\$50	161\$50
				H. E. Cávado	1.219\$00	1.219\$00	1.220\$00
				H. E. Zêzere	—	1.230\$00	1.250\$00
				Nac. de Electricidade...	1.240\$00	1.240\$00	1.250\$00
				União Eléctrica Port...	165\$00	164\$50	165\$50
				H. E. do Douro	1.099\$00	1.098\$00	—
				H. E. Portuguesa	—	—	100\$00
				H. E. S. Estrela	—	—	—

PAISES	COMPRA	VENDA
Notas:		
Africa do Sul	38\$25	39\$50
Alemanha	7\$05	7\$25
América:		
Dólares de 1 e 2	28\$20	28\$70
Dólares de 5 a 1000	28\$40	28\$90
Argentina	\$33	\$35
Austria	\$110	\$115
Bélgica	\$56,5	\$58,5
Brasil	\$07,4	\$08,7
Canadá	\$26\$80	\$27\$30
Congo (Leopoldville)...	\$13	\$18
Dinamarca	\$405	\$425
Espanha	\$47,2	\$48,2
França (N. Franco) ...	\$572	\$587
Holanda	\$780	\$805
Inglaterra	\$79\$75	\$81\$25
Itália	\$04,55	\$04,7
Marrocos	\$500	\$530
Noruega	\$390	\$410
Suécia	\$540	\$570
Suíça	\$6\$55	\$6\$70
Ouro:		
Inglaterra (Libra)	275\$00	290\$00
Portugal — Barra	32\$40	33\$40
Portugal — Barra fino	32\$60	33\$60

OBTENHA DAS SUAS ECONOMIAS O MELHOR RENDIMENTO APLICANDO-AS EM OPERAÇÕES DE EMPRÉSTIMO COM GARANTIA HIPOTECÁRIA ATRAVÉS DA

COMPANHIA IMOBILIÁRIA AZO PORTUGUESA, S. A. R. L.

Sede: Avenida da Liberdade, 3-2. — LISBOA e Sucursais no PORTO e COIMBRA

J. BURNAY, L.ª Notas estrangeiras País da crédito RUA DO OURO, 72 TELEF. 321273

CASCAIS



MÁRIO DE JESUS FERREIRA

FALECEU

Raul Ribeiro Ferreira, Armando Ribeiro Ferreira, Laura Inocência Ferreira e mais família cumprem o doloroso dever de participar o falecimento de seu pai, irmão e parente e que o funeral se realiza amanhã, ás 11 horas, da Igreja da Misericórdia de Cascais para jazigo no cemitério da Guia.

P. N. A. M.

AGÊNCIA MAGNO

Espera-se que a O.A.S. intensifique os seus ataques

PARIS, 19. — Os observadores políticos desta cidade salientam que o acordo de tréguas, ontem assinado em Évian, apenas abrange dois dos três elementos envolvidos na luta: as tropas francesas e os rebeldes argelinos.

O terceiro elemento não abrangido pelo compromisso é a O. A. S., que jurou levar a luta até ao fim e realizar aquilo que o Governo francês não conseguiu: manter a Argélia francesa e impedir que ela se transforme numa República muçulmana independente.

As melhores estimativas dizem que a O. A. S. controla cerca de oi-

tenta por cento dos europeus da Argélia, no total de quase um milhão. Nas principais cidades da Argélia, em caso de necessidade, a O. A. S. poderá colocar em armas mais homens do que o Exército francês e na sua maioria uniformizados.

As tropas e a Polícia francesa raramente disparam contra os homens da Organização do Exército Secreto, os quais exercem represálias com bombas de plástico contra todos aqueles que se opõem à «Argélia francesa».

A estratégia futura da O. A. S., dizem os mesmos observadores, consistirá em sabotar o cessar-fogo

por meio de greves e desordens que reduzam a Argélia ao caos e, ainda, instigar os muçulmanos a atacarem em massa a população civil europeia, de forma que o Exército francês seja obrigado a intervir novamente, tornando assim absurdo o acordo.

Não se espera qualquer tentativa de «putsch» na Argélia ou na França, onde os quadros da O. A. S. têm sido dizimados por numerosas prisões, mas aguardam-se acções espectaculares, sobretudo no que diz respeito à intensificação da sabotagem e dos atentados. — (A. N. I.).

APÓS O CESSAR-FOGO, MUÇULMANOS FORAM VÍTIMAS DE ATENTADOS, EM ARGEL

ARGEL, 19. — Nos dois primeiros ataques registados depois do cessar-fogo, ao meio-dia, três muçulmanos foram feridos a tiro.

Um trabalhador muçulmano foi ferido na cabeça por uma bala no terceiro ataque depois do cessar-fogo. Este atentado verificou-se próximo do Casbah. — (R.).



O coronel Bigard, que ficará com o encargo de dirigir a manutenção da ordem em Argel

A SITUAÇÃO na Argentina

(Continuação da 1.ª página)

de 10 dos 14 lugares de governador em jogo, incluindo o da província de Buenos Aires — a mais povoada da Argentina — onde obtiveram ainda o domínio da Câmara e do Senado provinciais.

Tentativas peronistas, durante a noite, para festejar a vitória foram enérgicamente reprimidas pela Polícia.

Alfredo Vitolo, ministro do Interior, afirmou mais tarde, numa conferência de Imprensa, que o Partido Radical Intransigente, a que pertence o presidente Frondizi, perderá o domínio na Câmara Federal de Deputados. No entanto, o conjunto dos partidos democráticos cobre de longe a frente peronista-comunista, disse. — (F. P. e R.).

Às 16 e 30

DEMITIU-SE O GOVERNO

BUENOS AIRES, 19 — Demitiu-se todo o Governo argentino — (A.N.I. e F.P.).

O «PLANO SALAN»

PARIS, 19. — O enviado especial do «Figaro» em Argel revela as linhas gerais do plano insurreccional de Salan, apanhado recentemente a oficiais desertores capturados.

No prólogo desse documento, Salan declara «que põe de lado a defensiva, exigindo a ofensiva generalizada e a extensão da guerra revolucionária. Não se trata — acrescenta — de tentar um «putsch» caracterizado. Também não quero golpe de força maciço num ponto único. Não quero que nos encerremos a nós próprios num local determinado. Sobretudo, é preciso não repetir o erro das barricadas».

As principais ordens do ex-general são: multiplicar em todos os

campos as acções subversivas e os flagelamentos das forças de segurança; fazer afundar o país numa anarquia geral e, aproveitando o caos, substituir pouco a pouco a autoridade legal pelo poder de facto da O. A. S. Alciar as massas europeias, mesmo muçulmanas, e, se for possível, uma parte da tropa. Em resumo, apodrecer ao máximo a situação.

Segundo o documento, o cessar-fogo será «a data mais ou menos» do desenvolvimento da prova de força, com o tempo morto de alguns dias. Os principais meios da O. A. S. devem concentrar-se nas cidades, «já largamente postas em condições» — greves em massa, acções violentas no meio da F. L. N., «raids» de comandos contra pontos nevralgicos, manifestações populares de protesto — enfim, «aquecer» a massa europeia e voltar a reclamar a atmosfera do 13 de Maio. Deve-se abrir fogo sobre os gendarmes da Guarda Móvel e as C. R. S. e lançar ataques destrutivos contra todos os dirigentes muçulmanos. — (F. P.).

A ATMOSFERA

nas cidades argelinas

(Continuação da 1.ª página)

francês e em árabe, a notícia do cessar-fogo, enquanto aviões lançam milhões de panfletos sobre as zonas montanhosas, onde permanecem escondidos os bandos rebeldes.

Funcionários dos assuntos internos estão a percorrer as aldeias para explicarem aos dirigentes locais o cessar-fogo.

Fontes militares francesas revelaram às primeiras horas de hoje que foram mortas 15 pessoas e outras 16 ficaram feridas em consequência de actos de violência que ocorreram ontem em toda a Argélia.

Foi o numero mais pequeno de vítimas há mais de uma semana.

Dez dos mortos e nove dos feridos eram muçulmanos. — (F. P. e R.).

FERIADO NACIONAL na Tunísia

TUNES, 19 — O presidente Bourguiba decretou hoje feriado nacional na Tunísia, em sinal de regozijo pelo cessar-fogo na Argélia. — (F.P.).

ABRIU OFICIALMENTE a Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra

COIMBRA, 19. — O sr. ministro da Educação Nacional procedeu esta manhã à abertura oficial das novas instalações da Biblioteca Geral da Universidade, que haviam sido, há tempos, inauguradas oficialmente.

O sr. prof. Lopes de Almeida chegou ao edifício acompanhado do governador civil, sr. eng. Horácio de Moura, e foi recebido pelo reitor, sr. prof. dr. Guilherme Braga da Cruz. Estavam presentes, entre outras individualidades, os srs.

PROFESSOR AROLD DE AZEVEDO

Encontra-se em Lisboa o Prof. Aroldo de Azevedo, catedrático de Geografia da Universidade de S. Paulo (Brasil). A convite do Centro de Estudos Geográficos realiza amanhã no anfiteatro II da Faculdade de Letras de Lisboa (Cidade Universitária), pelas 11 horas, uma conferência intitulada «São Paulo: da vila quincentista à metrópole industrial».

COMO RECEBEU PARIS A NOTÍCIA DO ACORDO

PARIS, 19. — Paris de domingo, deserta pela fuga dos seus habitantes, recebeu a notícia do cessar-fogo sem manifestações exteriores.

«Já não é sem tempo»... «Enfim», eram as palavras que se ouviam da boca dos que, nos restaurantes e cafés, liam a notícia publicada no «Journal de Dimanche».

Contudo, foi reforçado o dispositivo de segurança no conjunto da região parisiense onde circulavam numerosas patrulhas de polícias.

As instalações da Radiotelevisão francesa viram reforçada a sua guarda. A volta da Torre Eiffel — onde está instalada a antena da Televisão — os polícias exerciam igualmente a sua vigilância. — (France Presse).

O CHEFE DO G. P. R. A. partiu para Marrocos a fim de se avistar com Ben Bella ontem libertado em França

TUNES, 19 — O presidente argelino do G. P. R. A., Ben Khedda, acompanhado de sua esposa e de

um «ministro» argelino tomou o avião da «Alitalia» para Rabat, via Roma e Madrid, a fim de se encontrar com Mohamed Ben Bella, vice-chefe do G. P. R. A., libertado ontem pelo Governo francês.

Ben Khedda declarou no aeroporto de Tunes que ainda falta resolver grandes problemas na Argélia, «particularmente a luta contra a O. A. S.».

Uma multidão entusiástica, agitando bandeiras da F. L. N., ovacionou Ben Khedda. Depois, militantes argelinos, forçando a guarda de honra de Spahis, pegaram no chefe do G. P. R. A. em ombros e levaram-no assim até ao aparelho.

Antes, Ben Khedda tivera no aeroporto uma despedida oficial com todas as honras reservadas a chefes de Estado.

Este será o primeiro encontro

dos dois chefes argelinos, desde que Ben Bella foi preso em 1956, quando viajava num avião comercial marroquino.

O nome de Ben Bella é frequentemente citado como o primeiro chefe de Governo de uma República da Argélia independente, pois goza de grande prestígio entre os muçulmanos.

Esta semana, o «Governo» provisório rebelde reuniu-se em Rabat, agora completo com a libertação dos cinco dirigentes, que estavam presos em França. — (A. N. I. e F. P.).

O tempo que faz

Informação do Serviço Meteorológico Nacional:

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal continental, o vento era fraco, predominando de Leste, o céu estava muito nublado e chovia em várias regiões por acção de uma massa de ar marítimo transportada na circulação de uma depressão centrada a 150 quilómetros a oeste de Lisboa.

TEMPERATURAS DO AR ÀS 9 HORAS DE HOJE: Porto, 13°; Lisboa, 12°; Faro, 14°; Funchal, 18°; Sagres, 14°; Portalegre, 7°.

TEMPERATURAS REGISTRADAS NA COSTA DO SOL ÀS 9 HORAS: na atmosfera, 13,2°; na água do mar, 14,2°.

TEMPERATURAS EXTREMAS REGISTRADAS HOJE EM LISBOA, ATÉ ÀS 15 HORAS: máxima, 15,8°; mínima, 11,5°. No mesmo dia do ano passado: máxima, 22,6°; mínima, 10,4°.

PREVISÃO ATÉ ÀS 24 HORAS DE AMANHÃ — Céu muito nublado, por vezes pouco nublado, vento fraco, aguaceiros, e descida de temperatura.



BEBA AGUA
das Caldas de Monchique
De mesa e gaseificada

A REUNIÃO do Governo francês (Continuação da 1.ª página)

Joxe fará uma alocução pela Radiotelevisão.

GRUPOS TRIBUNAIS MARCIAIS EM ARGEL E ORAN

Um decreto publicado hoje no Boletim Oficial e que institui um tribunal marcial em Argel e outro em Oran, declara em preâmbulo, que a manutenção da ordem nestas cidades e a segurança das populações, tanto europeia como muçulmana, exige castigo rápido e exemplar dos autores de atentados. — (A. N. I. e F. P.).

AGREDIU O GUARDA que a autuou

O guarda municipal 4810, sr. Alberto Dias, de 39 anos, autuou, por transgressão, a vendedeira ambulante Maria Emília de Almeida e Castro, de 23 anos, residente na Rua, 12, em Olival de Basto, a qual não recebeu bem a multa e, auxiliada pela mãe e por um irmão, se atirou ao autuante, arranhando-o no rosto. O guarda teve de defender-se empregando a força, e da refrega resultou ficar confusa a Maria Emília de Almeida e Castro, que foi conduzida, sob prisão, ao Hospital de S. José e ali teve de ficar internada.

O sr. Alberto Dias também recebeu curativo naquele hospital.

JOÃO XXIII

criou hoje os novos cardinalatos

CIDADE DO VATICANO, 19 — O Papa criou hoje os dez novos cardinalatos, num consistório secreto. O colégio de cardeais conta agora 87 membros de 32 países. Trinta deles são italianos.

João XXIII anunciou uma inovação — a intenção de fazer todos os cardeais bispos. Dois dos novos cardeais, Browne e Albareda e dez dos antigos não são bispos.

O novo cardeal português, D. José da Costa Nunes, recebeu o bilhete de nomeação, esta manhã, no salão nobre do Colégio Português em Roma. A cerimónia assistiram os embaixadores de Portugal no Vaticano e no Quirinal, António Faria e Eduardo Brasília. — (A.N.I. e F. P.).

O governador-geral de Moçambique parte amanhã de Lourenço Marques a caminho de Lisboa

LOURENÇO MARQUES, 19 — Está marcada para amanhã, terça-feira, às 8 e 30 da manhã, a partida do governador-geral, almirante Sarmiento Rodrigues, para a Metrópole, onde vai tratar de assuntos de interesse para a Província.

O almirante Sarmiento Rodrigues viajará acompanhado de sua esposa, num avião da Força Aérea Portuguesa, que deve chegar a Lisboa na próxima quarta-feira. — (L.).



GOLO ARISTOCRÁTICO



Não chegou a haver obstáculo sério para o Sporting.

Digamos mesmo que o jogo foi mais fácil para o «leader» do que se supunha, tendo em vista a capacidade demonstrada pelos «azuis» oito dias antes. Exceptuando um ou outro momento, de duração efêmera, em que os visitantes adregaram impressionar um ar da sua graça, a

por

FERNANDO SOROMENHO

maioria das operações pertenceu aos visitados, incluindo na fase post-golo dos benenenses.

Atente-se até na circunstância de ter sido o êxito de Yauca o ponto de partida do invulgar rompante que o Sporting patenteou sobre o relvado, em busca obstinada da igualdade, já que de início haviam sido, ingloriamente, esbanjadas duas oportunidades que couberam a Figueiredo e uma ao par Moraes-Diego. A pertinácia dos sportinguistas, decidi-

O 2.º golo do Sporting. O seu autor, Monteiro (em desequilíbrio), bateu toda a defesa benenense. Em baixo, o rescaldo do 3.º golo. Figueiredo e Monteiro abraçam-se sobre o risco da baliza

(Continua na 3.ª página)

Diário de Lisboa

OS CAMPEÕES NACIONAIS VENCERAM BEM

Apesar das remotas possibilidades de revalidar o título de campeão nacional, o Benfica justificou a sua enorme popularidade e prestígio, fazendo deslocar a Évora elevado número de desportistas de Lisboa e de todo o distrito eborense. Entretanto, para já, uma enorme verdade: o jogo — mercê de vários factores dos quais os mais importantes terão sido o estado lamacento do relvado, as poucas probabilidades da conquista do título e as proximidades de de um grande jogo com o famoso «Spuns» — não justificou a ampla expectativa que o rodeou.

As doses de monotonia e de futebol vivo e intencional foram mais favoráveis para o primeiro caso, jogando-se muito repousadamente e com largos períodos de tréguas em que o propósito de queimar tempo

foi esclarecidamente notório, demasiadamente claro, mormente no segundo período, em que os eborenenses em fase de procura do segundo fôlego, quebraram o ímpeto e a fulguração do primeiro tempo e os ben-

fiquistas, acomodaticios e tranquilos, entenderam ser menos cansativo a retenção do esférico, embora com isso sofresse a sua glória.

(Continua na página central)

TRIUNFO DIFÍCIL para o F. C. Porto e mérito (grande) para a Académica

(Crónica nas páginas centrais)

INSTANTÂNEOS DE DOMINGO

■ Bela vitória do «leader» para a qual contribuiu, grandemente, um jovem de nome Monteiro.

■ Entretanto, Monteiro deve ter ficado a dever a sua consagração ao «olho clínico» do seu treinador, no momento em que este fez a troca Figueiredo-Monteiro.

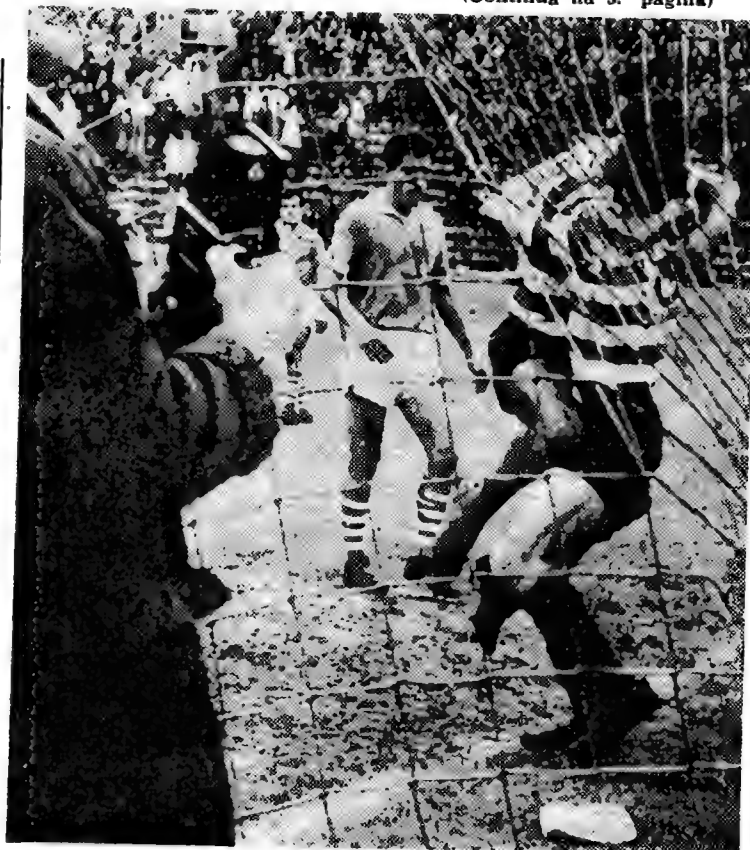
■ O Benenenses não deu a valiosa réplica que ofereceu contra os campeões da Europa. Só a diferença das actuações dos respectivos adversários terá contribuído para isso.

■ Dois «penalties» estiveram na base da vitória do F. C. Porto: o que lhe proporcionou o golo; e o que Torres desperdiçou.

■ A Académica, contudo, conseguiu deixar arrazados os adversários — jogadores e apaniguados — pois, até ao derradeiro minuto, teve o golo muitas vezes à vista.

■ Para o Benfica, o Lusitano foi mais um mau bocado a

(Continua na 3.ª página)



«SHOW» DO BENFICA NA ESTRADA...

Se há imprevistos em desporto, a esmagadora vitória dos ciclistas «encarnados», ontem alcançada na mais extensa prova do campeonato regional de independentes do Sul pode considerar-se como um dos mais surpreendentes. Não por ser do Benfica o vencedor, mas pela maneira como foram destroçados os restantes concorrentes, que deram a sensação de uma incapacidade que, na realidade, não existe. Efectivamente, quantos dos numerosos adeptos do ciclismo seriam capazes de, antes do sinal de largada, vaticinarem uma fuga vitoriosa, encetada a cerca de setenta quilómetros da linha de chegada, por um grupo de meia dúzia de homens do mesmo clube e que o avanço, sobre o primeiro corredor ri-

val, entrado a seguir, se cifraria em mais de uma dezena de minutos? Quase podemos jurar que nem o mais acérrimo dos prosélitos do Benfica teria essa coragem.

Porém, aconteceu. E ninguém pode contestar o brilho fulgurante alcançado pelos estradistas «encarnados».

Os pupilos de Alves Barbosa — que parece apostado em atingir, como treinador, a fama ganha como praticante — deram sinal de si logo nos primeiros quilómetros da prova, ao iniciarem uma série de curtos estíloes, aparentemente inofensivos, mas cujo desgaste os adversários acusariam de maneira impressionante, quando, na fase

(Continua na 7.ª página)



Ilídio Rosário (à direita), o vencedor da sensacional corrida

O "NACIONAL" DA 2.ª DIVISÃO

ZONA NORTE

Solidez do «guia» na saída a Trás-os-Montes

O Feirense passou com grande firmeza o obstáculo representado pela deslocação a Vila Real.

Começando da melhor maneira, com um golo logo no primeiro minuto, o «guia» nortenho manteve depois, e sempre, uma estruturação segura, opondo-se a sua defesa com organização e autoridade a todas as tentativas dos vila-realenses.

Estes, sofrido um segundo golo, não afrouxaram na vontade com que buscaram modificar o resultado, mas o seu jogo não alcançou o sentido objectivo necessário para bater a decidida e ordenada retaguarda dos feirenses, que triunfaram com inteiro mérito.

O Braga teve mais «cabeça» do que o Espinho

A preciosa vitória que os bracarense vieram obter a Espinho foi produto da melhor visão dos minutos, face às dificuldades da tarefa.

O Sporting de Braga foi, efectivamente, a equipa de presença mais certa no campo da Avenida, conservando, de princípio a fim, o mesmo propósito deliberado, de defesa cuidada e ataque rápido e perigoso, em todas as circunstâncias propícias.

Ao invés, os espinhenses mostraram-se incertos, começando a jogar com Walter como defesa-central para depois, quando os bracarense marcaram, o deslocarem como reforço para o ataque. A formação local acusou, por isso mesmo, desequilíbrio, nunca chegando a impor-se de modo a que a derrota pudessem ser evitada.

A dois minutos do fim, o Vianense surpreendeu o Boavista

Os «xadrezados» actuaram com falta de sorte perante o Vianense mas a verdade é que o grupo minhoto soube estar também à altura das circunstâncias, sustentando a luta com permanente sentido de jogo e replicando convicta e firmemente ao adversário.

Apesar disso, o Boavista, pelo domínio que por vezes exerceu e maior numero de ocasiões criadas, podia ter chamado a si o resultado, mas os seus dianteiros, complicativos e falhos de certeza no remate, deixaram fugir todas as oportunidades. Quando, a 2 minutos do fim, o Vianense logrou marcar, os portuenses ficaram condenados sem apelo.

Sanjoanenses e oliveirenses em disputa cerrada

Foi cheia de movimento a partida realizada em S. João da Madeira, animada por forte emulação regional.

Sanjoanenses e oliveirenses bateram-se com enorme entusiasmo, tornando o resultado incerto até aos derradeiros momentos.

Os locais, beneficiando do factor ambiente, exerceram maior pressão, mas os oliveirenses, organizando com facilidade e perigo os seus ataques mantiveram igualdade no marcador até 9 minutos do fim, só marcando conseguindo os sanjoanenses decidir a contenda, com terceiro golo em seu favor.

O Caldas reencontrou-se em Cernache

O Caldas voltou, finalmente, à casa vitoriosa, exibindo-se em Cernache por forma a justificar o seu triunfo sobre os locais.

A equipa da «casa» deu a sensação de carência de poder físico e os

caldenses superiorizaram-se e podiam mesmo ter alcançado marca mais robusta, se os seus avançados tivessem sido mais expeditos a rematar.

O Cernache evidenciou fragilidade comprometida, mostrando-se incapaz de tentar uma reviravolta na fisionomia do encontro.

Jornada sem dificuldades para o Peniche

No campo do Balaarte o Torriense não logrou embarçar o Peniche. O grupo local, pondo em prática uma toada de jogo ofensivo feito com sentido directo da baliza, terminou a primeira parte com dois golos de vantagem e no seguimento consolidou esse resultado.

O Torriense empregou-se com muita vontade, dando interesse ao encontro, mas os seus ataques tiveram pouca consistência, sendo anulados sistematicamente pela defesa penichense, segura e resoluta.

Jogo interrompido em Castelo Branco

A partida marcada para Castelo Branco durou apenas metade do tempo, sendo interrompida após o intervalo devido ao mau estado do terreno, completamente encharcado.

O jogo desenrolado na primeira metade havia já acusado as dificuldades do rectângulo, dominando os locais, mas sem resultados práticos devido à boa actuação da defesa do Marinhense, bem adaptada às circunstâncias.

ZONA SUL

Em Marvila o querer do Oriental foi mais forte

Contando com o factor casa e jogando uma partida contra o 10.º da classificação, o Oriental ganhou e muito bem ao Beja, continuando a acalantar esperanças quanto à sua permanência na segunda divisão. Se atendermos a que o Olivais, que o acompanhava, foi ganhar à Cova da Piedade.

Incididos por um publico ruidoso e pondo na luta um espírito de sacrifício digno de registo, os pupillos de Calado, iniciaram a partida numa toada de jogo rápido e práctico, criando fortes embaraços aos visitantes que tiveram que se acantonar na defesa, que só esporadicamente se aventuravam a sair do seu meio campo, talvez numa táctica pré-concebida, tentando aguentar o ímpeto inicial do seu opositor.

O Oriental era senhor do jogo e sacudi depressa a pressão momentânea de que os visitantes desfrutaram logo após a marcação do seu golo, pondo o resultado em 2-1, não esquecendo um forte remate desferido por Fernandes contra a barra. Mas o vencedor ficou encontrado logo no recomeço, com a marcação de dois golos de Faustino, e até final não mais deixaram de pertencer aos donos do campo os melhores momentos de jogo jogado, cabendo-lhes ainda as oportunidades mais flagrantes, para aumentar o resultado, que, quanto a nós, está certo e de harmonia com o desenrolar do jogo.

O Oriental teve em Cordeiro, Faustino e toda a defesa, os seus melhores elementos. No Beja, Perdigão, Madaleno e Faustino merecem referência.

Quanto à arbitragem do sr. Marques Lobato, podemos classificá-la de excelente, não chegando para deslustrar o seu trabalho, a agressão que passou sem reparo, de Silva Costa sobre Faustino, quando o castigo era merecedor de expulsão.

MÁRIO REIS

O Sacavenense melhorou e... ganhou!

O facto de ter enfrentado um Sacavenense, algo diferente, para melhor, evidentemente, daquele que na primeira volta foi «esmagado» no Campo da Hortinha, pela expressiva marca de 2-6, parece ter confundido o Alhandra, que, além de não ter podido repetir a proeza,



Desidério, guardião do Vianense, repete a bola com os punhos

permitiu, ainda, que os camisolas «alvinegros» se desforrassem, também, por margem bastante positiva, quicá, esclarecedora, de modo a fazer realçar os dois termos da comparação.

Com efeito, o «onze» de Sacavém, que, por motivos vários, tem sido pouco objectivo, conseguiu, agora, surpreender, não tanto pela vitória alcançada, mas principalmente, pelo fio de jogo que patenteou ao longo do tempo regulamentar, ainda que, em terreno de baixo nível, para a prática do futebol, factor importantíssimo que nem sequer pesou na forma física dos seus componentes.

Contudo, a agressividade do «team» de Sacavém residia numa simples força, em que a resultante não é mais do que um somatório, de espírito de sacrifício e firmeza, de vontade, predicações, que por assim dizer, faltaram ao adversário.

Todavia, e só a partir da primeira meia hora, é que a turma de Sacavém conseguiu imprimir ao jogo o cunho do equilíbrio.

Já na segunda fase do encontro, e a parte os primeiros vinte minutos, em que a equipa de Sacavém continuou a dar sequência ao predomínio anterior, o «onze» de Lisboa acusou, nitidamente, o esforço despendido, o que permitiu que os alhandrenses evidenciassem domínio, mormente dentro do «quadrado mágico» das dezoito jardas.

Anote-se, porém, que a força do «onze» de Alhandra existia, somente, sobre o aspecto aparente.

Em contrapartida, e no aproveitamento da posição avançada, ocupada pelos homens do Alhandra, o Sacavenense — sempre que vislumbrava qualquer possibilidade para galgar o terreno livre que se lhe deparava — vibrava o golpe.

Pelo que dissemos, facilmente se infere, que a vitória do Sacavenense não foi obra do acaso, mas sim, o resultado de um conjunto de predicações que, há muito, parecem ter-se «divorciado» do «team».

No «onze» vencedor, Romão e Licas evidenciaram-se; nos vencidos, Ribeiro e Julião situaram-se em bom plano.

A arbitragem teve bastantes altos e baixos.

PEDRO CARVALHO

O «veneno» do Olivais matou o Cova da Piedade

No papel parecia fácil a tarefa do Cova da Piedade, quinto classificado com 24 pontos, ao defrontar o Olivais, décimo-primeiro com 9. Para mais a chuva intensa e o campo lamacento beneficiavam a equipa mais pesada, sem dúvida a dos locais. Estes instalaram-se no campo olivalense demonstrando superioridade técnica e física e perderam dois lances de golo, dos quais Carlos Ferreira, falhou depois de ter finto o guarda-redes. O Olivais aceitou este domínio mas defendeu-se com garra, excelente sentido de antecipação, bom sentido de entreatura e com um guarda-redes inextinguível de atenção, valentia e segurança. Aliviados nesta defesa, contra-atacavam com venenosas jogadas em que a codícia, a habilidade de pés de Necas, Maga-

De jornada a jornada

ZONA NORTE

Resultados

Vila Real-Feirense	0-2 (2-3)
Boavista-Vianense	0-1 (3-3)
Sanjoan-Oliveir.	3-2 (0-2)
Sp. Espinho-Sp. Braga	0-1 (0-0)
Cernache-Caldas	0-1 (0-3)
Peniche-Torriense	3-0 (1-2)
C. Branco-Marinhense	(a) (0-6)
(a) Interrompido pelo mau tempo, no fim da 1.ª parte, com o resultado de 0-0.	

Classificação

	J.	V.	E.	D.	B.	P.
Feirense	20	13	3	4	52-25	29
Sp. Braga	20	11	4	5	33-21	26
Marinhense	19	10	4	5	37-21	24
Sanjoan.	20	10	3	7	35-34	23
Sp. Espinho	20	7	8	5	32-22	22
Boavista	20	7	7	6	24-21	21
Peniche	20	8	5	7	37-23	21
Vianense	20	9	3	8	21-23	21
C. Branco	19	8	4	7	26-31	20
Oliveirense	20	8	3	9	22-30	19
Torriense	20	7	3	10	16-30	17
Vila Real	20	6	1	13	27-33	13
Caldas	20	4	4	12	13-36	12
Cernache	20	4	2	14	23-48	10

Factos salientes

A quebra da regular sequência do campeonato, ficando um jogo para repetir. A jornada ter sido favorável aos visitantes, dos quais contra ganharam. A contagem de 1-0 em três jogos. O Caldas ter trespassado a «lanterna-vermelha».

A próxima jornada

O campeonato prosseguirá no dia 1 de Abril com os encontros correspondentes à 21.ª jornada: Feirense-Peniche (1-1), Torriense-Boavista (1-3), Vianense-Espinho (2-2), Braga-Sanjoanense (3-2), Oliveirense-Castelo Branco (0-2), Marinhense-Cervantes (3-2) e Caldas-Vila Real (1-2).

ZONA SUL

Resultados

Oriental-Desp. Beja	5-2 (1-3)
Sacaven-Alhandra	3-1 (2-6)
V. Set. Lusitano V. R.	7-1 (3-2)
Farense-Barreirense	2-1 (0-4)
C. Piedade-Olivais	0-2 (2-2)
Portimonen.-Montijo	1-0 (0-5)
Campom.-Seixal	(a) (3-8)
(a) Interrompido pelo mau tempo, aos 35 minutos, com o resultado de 0-0.	

Classificação

	J.	V.	E.	D.	B.	P.
Barreirense	20	18	—	2	57-22	36
V. Setubal	20	15	2	3	66-18	32
Sp. Farense	20	12	4	4	43-27	28
Seixal	19	13	—	6	55-44	26
C. Piedade	20	10	4	6	45-32	24
Montijo	20	9	1	10	42-35	19
Alhandra	19	7	2	10	42-52	16
Lusitano	19	7	2	10	32-42	16
Portimon.	20	8	—	12	28-38	16
D. Beja	20	7	1	12	40-59	15
Oriental	20	5	3	12	29-46	13
Olivais	20	4	5	11	33-55	13
Campom.	19	5	2	12	26-50	12
Sacaven.	20	3	4	13	28-46	10

Factos salientes

Como na Zona Norte ficou um jogo para repetir. A derrota do «leader», a reduzir o seu avanço sobre os setubalenses. A boa marca obtida pelo V. de Setubal. A vitória dos três últimos da tabela a denunciar luta renhida para a fuga ao ultimo lugar.

A próxima jornada

O campeonato prosseguirá no dia 1 de Abril com os encontros correspondentes à 21.ª jornada: Desp. Beja-Sacavenense (3-3), Alhandra-Setubal (1-7), Lusitano V. F.-Campom. (1-0), Seixal-Farense (3-2), Barreirense-Portimonense (1-0), Montijo-C. Piedade (1-3) e Olivais-Oriental (1-1).

lhães e Oliveira tinham papel preponderante, causando, com dois ou três homens, perturbações na defesa do Cova da Piedade. Estas originaram um «livre» que, marcado por Artur, permitiu que Oliveira inaugurasse o marcador.

O jogo decorreu com larga cópia de lances de golo perdidos pelos piedenses.

Ficou, assim, feito o resultado bem merecido pela equipa visitante que, para além da sua combatividade, forte espírito de entreatura e «veneno» nos contra-ataques, teve a sorte do jogo pelo seu lado. Conquanto tenha actuado como um bloco, Balbi, Gomes, Necas e Oliveira merecem citação na equipa do Olivais.

No Cova da Piedade, para além do azar, que perseguiu, claramente, a equipa há a registar a lentidão de remate de todos os avançados locais o que permitiu, sempre, a pronta recuperação dos olivalenses. Rocha, Rui Silva e Craveiro são dignos de menção pelo muito jogo que deram aos avançados que não o aproveitaram. Muito boa a arbitragem.

JOSÉ PATRÍCIO

Em Portimão, jogou-se «water-polo» em vez de futebol

Em campo encharcadíssimo, devido às chuvas que caíram durante o dia, disputou-se o encontro de futebol em que os portimonenses arrecadaram os dois pontos, mercê da grande energia que puse-ram na luta, pois o recinto não estava em condições de nele se praticar qualquer desporto.

Assim, os dois contendores limitaram-se a empurrar a bola de qualquer forma e como podiam para o campo adversário, parecendo mais um encontro de «water-polo» que de futebol.

Os rapazes do Montijo replicaram sempre à energia dos locais e ao terminar o encontro os jogadores estavam numa lástima.

Assim não é praticar desporto. É uma violência para os atletas e um logro para a assistência.

MARTINHO MERGULHÃO

O Farense soube vencer com justiça

Remetidos à defesa, na primeira parte da partida, os barreirenses podiam ter sido batidos, desde logo, por margem de golos impossível de recuperar, se os dianteiros farense, especialmente Vinagre, Djunga e Eduardo, não tivessem perdido soberanas oportunidades, à boca da baliza, com Bráulio batido.

Em surtidas constantes, os algarvios obrigaram o guarda-redes adversário a mostrar a sua classe, com trabalho esgotante e devidamente aplaudido pelo publico.

No início da segunda metade do encontro, depois do segundo tento, os locais podiam ter aumentado a vantagem, mas no capítulo de remate não estavam afortunados.

Foi notável a actuação de Djunga, Vítor e Eduardo, este ultimo um novo que promete.

Ao fim e ao cabo, o Barreirense não conseguiu manter a auréola com que foi aguardado na capital algarvia. Jogou mal e denotou cansaço, com exclusão de Bráulio, Mascarenhas e Mira que actuaram em bom plano.

Arbitragem boa.

PEDRO MARTINS

A rejuvenescida equipa setubalense ganhou bem

Parece, enfim, ter havido acerto na equipa setubalense que reapareceu refrescada, não pela água abundante que caiu e encharcou o campo tornando-o quase impraticável, mas pela inclusão (que há muito se impunha) de elementos novos e que deram boa conta de si. O estreante Herculano portou-se à altura da missão que lhe foi atribuída e juntamente com os restantes do seu naipe, assegurou certa tranquilidade às balizas do seu clube. Manuel Joaquim também apareceu fogoso e já restabelecido. Na frente, o jovem Carriço, a prometedora esperança dos sadinos, actuou ao nível dos seus pares. A colaboração preciosa de Mateus e Quim deu aos dois experientados jogadores o melhor rendimento que se traduziu na margem folgada de golos, quase todos originados na sua equilibrada distribuição de jogo.

O Lusitano penetrou e manteve-se, amiudadas vezes, no meio-campo contrário. E não obstante a luta ardorosa que travou, na insistência dos seus ataques, não teve, porém, talento para efectivar as suas ofensivas, senão numa que foi bem urdida, mas que teve a cumplicidade de uma falha da defesa adversária.

A arbitragem, sem reparos.

L. F.

Jogo suspenso em Campo-Maior

Quando havia 25 minutos de jogo (estava o resultado em 0-0), o árbitro decidiu suspender a partida devido ao mau tempo. O terreno encontrava-se realmente em estado deplorável. Nesses 25 minutos os campo-maiorenses exerceram domínio territorial.



Um lance do jogo Oriental-Desportivo de Beja

O encontro de Alvalade

(Continuação da 1.ª página)

dos e entusiastas, durou exactamente doze minutos.

Depois, foi como que uma cavalcada alucinante — verdadeiramente irresistível — que contribuiu para significar ainda mais o cansaço do adversário ao mesmo tempo que lhe inoculava, mais do que o admissível, o vírus da descrença.

Antes do 0-1, o Sporting criou jogo suficiente para sossegar na exibição. Após a igualdade, aos 35 minutos, num período de seis minutos, a contenda ficou resolvida. O Belenenses foi desbaratado só vindo a recompor-se por volta da meia hora da segunda parte, numa altura em que o interesse do despie que se desvanecera por influência do mau tempo, que piorou, do próprio resultado (3-1), da fadiga natural e de uma «tempestade de animos» que levou à expulsão de Paz e Morais, lances distintos, pelo que a partida terminou com vinte elementos, dez de cada lado.

Esclareça-se, porém, que o assomo dos «azuis» — a transparecerem notória invertebração — não se assemejava à intensidade (com qualidade, menos no remate) ofensiva dos «leões». Situou-se ao nível da escaramuça...

Não iludiu o estado de espírito do Sporting logo que o sr. Virgílio Baptista deu o sinal de começar. Recorrendo o pior, em face da descontração que a classificação dos belenenses presunha, os homens de Alvalade, ciosos da sua invejável posição no comando da tabela e querendo conservá-la, trataram de explanar a manobra conveniente e, assim, não surpreendeu, porque faz parte do repertório do «conze», em dose suficientemente compacta, a imposição do factor velocidade, aliado a um extraordinário sentido de entreajuda, flectindo para a baliza contrária em movimentos de nítida intencionalidade, aqui e acolá, facilitados pelo desatento da defesa visitantes, indecisa na marcação (por vezes a desmarcação dos avançados sportinguistas originava natural perturbação), morosa no arranque e timorata e desastrosa nos alívios.

A disposição dos visitantes, atentos à necessidade de não se subestimar o antagonista, mostrou que seria, realmente, difícil admitir o registo de desaire, dado que os «azuis» se apressaram em confessar a sua debilidade.

O 0-1, reforçado com dois admiráveis «cortes» de Rosendo e Vicente — o primeiro a desarmar e com limpeza, Morais que fora lançado, de modo magistral por Geo, a uma distância de 50 metros, e o segundo a antecipar-se à recepção que Monteiro quase sobre o risco da baliza se preparava para dar a um passe, a meia altura, de Morais — perante a inoperância dos dianteiros locais denunciou, todavia, embora com palidez, a possibilidade de se radicar a confiança nas hostes belenenses o que porventura facilitaria a rectificação do labor dos vários sectores. Mas a teimosia dos sportinguistas prevaleceu. A teimosia, vinculada num iniludível espírito de equipa, e uma rapidez diabólica com entregas instantâneas da bola — de fazer trocar a vista...

A segunda parte valeu menos, muito embora o Sporting tratasse de evidenciar, antes que fosse tarde (respeitar o antagonista é norma que não fica mal a uma equipa de futebol por mais valiosa que seja), a sua intencionalidade, o que foi evidente durante a primeira dezena de minutos, em que Monteiro marcou um golo mal anulado pelo árbitro, por indicação do juiz de linha.

Seguiu-se o tal período desagradável — os clubes são os únicos prejudicados com as atitudes irreflectidas dos seus atletas que só têm vantagem em convencer-se de que há só um juiz em campo, que é o árbitro — para se registar o assomo dos «azuis», a despeito do despie que já oferecer uma imagem bastante diluída em relação ao interesse que despertou no primeiro tempo. Os derradeiros golpes processaram-se

Exibição superior do Sporting (1.ª parte), mas débito de golos em relação ao domínio exercido

O Belenenses, sem velocidade, claudicou com nitidez no sector defensivo, exagerando na descrença

em jeito desgarrado, com a chuva a cair, com o piso mais escorregadio.

Não obstante o que parecia vir a ser cuidadosa marcação, nos moldes de homem-a-homem, evidenciada por Vicente (Diego), Paz (Figueiredo) e Rosendo (Morais) — Pires forneceu a nota da excepção, utilizando a zona, mas com displicência — os avançados sportinguistas «sentiram-se», gradualmente, na zona frontal à baliza de José Pereira, mas com insucesso na concretização.

Foi Yauca quem se encarregou de abrir o activo aos 13 minutos (anteriormente, Vítor Silva ganhou dois «corners»). O êxito do ágil dianteiro representou um repto a que o Sporting respondeu — e de que maneira — para, aos 35 minutos, por intermédio de Diego (num e noutro acontecimento os defesas tiveram a sua quota de responsabilidade) igualar (1-1) e, dois minutos e meio volvidos, desempatou, graças a Monteiro que rubricou um golo aristocrático — daqueles que obrigam a analisar-se bem o recorte futebolístico do seu autor.

Driblou «todo o mundo» e, depois, com espantosa serenidade, atirou para a baliza. Golo para não esquecer...

Era impressionante a toada do guia da classificação. E implacável o domínio territorial, sempre a sugerir a aplicação de uma sentença condenatória. Assim, a quatro minutos do intervalo, Morais chutou para José Pereira deixar passar a bola sob o corpo. Pelo sim, pelo não, Figueiredo, praticamente em cima do risco da baliza com Monteiro à sua ilharga, encarregou-se de dar o toque decisivo — a «puntilla».

O «conze» sportinguista, outra vez com Geo e Pérides em plano saliente e influente no desbobinar da manobra — é para admirar que dois «leões» hajam demonstrado uma fácil adaptação ao terreno, devendo ainda aludir-se, nesse aspecto, a Monteiro — não deixou os seus créditos por mãos alheias. O débito de golos à esclarecedora actuação do primeiro tempo ficará a perdurar como o único «mas». Deverá, porém, considerar-se os efeitos que a troca de lugares, entre Monteiro e Figueiredo, por volta dos 20 minutos, originou, tanto na ligação com o triângulo Pérides-Geo-Diego, como nas indecisões de Paz sempre que Monteiro controlava a bola, jogando-a rasteira ou cobrindo-a, autoritariamente, para se infiltrar. Por outras palavras, o Sporting passou a contar com uma presença mais sólida na zona frontal o que não sucedera enquanto Figueiredo lá permaneceu. Especialmente, na qualidade.

Sem muito trabalho, Carvalho pareceu-nos no entanto desatento quando saiu da baliza no lance do golo. A história esteve prestes a repetir-se

quando Morato cedeu «corner», aos 79 minutos, emendando o seu atabalhoamento.

Lino e Hilário formaram uma dupla de acção positiva. Os seus directos adversários justificavam, aliás, o máximo de cautelas. Morato agiu, com notável segurança e eficiência. «Entrou» sempre, confiando em si próprio.

Pérides e Geo foram os donos do meio-campo — a grande razão de ser da inegável personalidade da turma de Alvalade. Eliminaram, sucessivamente, os obstáculos que se lhes apresentaram. Exibições de categoria.

Na vanguarda, as melhores referências vão para Monteiro, como ponta de lança, e Morais que ensinou a sua acção com a tal atitude impensada e censurável. Naquela altura, o árbitro estava disposto a apagar qualquer incêndio, pequeno ou grande. Foi pequeno, é certo, mas foi incêndio...

Monteiro deu espectáculo em várias iniciativas, com um grande golo (deferido) e outro também excelente (indeferido). Poderá vir a ser um grande jogador, se o temperamento ajudar...

Diego cotou-se na bitola do regular, a despeito de ser lutador que não transige, e Figueiredo, infeliz na conclusão, tratou de ser útil a extremo-direito.

O Belenenses claudicou no sector defensivo, mas no meio-campo falhou também, rotundamente. Nem Cordeiro, nem Abdul, nem Matateu, nem Peres lograram manietar o «tandem» Pérides-Geo. Nos dois primeiros foi evidente a insuficiência de resistência física.

José Pereira, com o senão no 3.º golo (mergulhou mal) e Rosendo, foram os mais regulares num sector que agiu mal. Pires, lento, pareceu em baixa de forma, e Paz acusou dificuldades na toada de bola rasteira imposta pelos «leões». De reprovar a agressão a Geo, Vicente cumpriu, mas não repetiu o êxito do domingo anterior contra Eusébio. Desta vez, os seus problemas aumentaram.

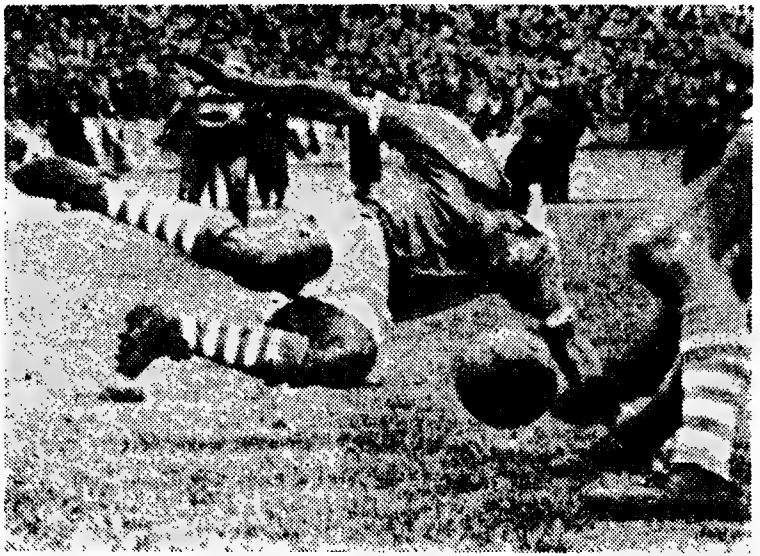
Na frente, surpreendeu a tristeza de Matateu, mal servido, como de resto, os companheiros. A antecipação dos sportinguistas constituem todavia obstáculo de monta. Peres foi lutador incansável, mas pouco eficiente. Yauca e Vítor Silva, discretos.

Houve três arbitragens. Uma do sr. Virgílio Baptista até aos 30 minutos: excelente.

Outra até final do encontro: desigual no critério e incerta na autoridade. Nas expulsões procedeu, no entanto, conforme se impunha.

E outra a cargo do juiz de linha que actuou do lado da bancada. Este elemento só desajudou o seu chefe...

F. S.



Vicente, em grande plano, vai aliviar

ALGUNS CLUBES têm quase assegurada já a qualificação para a segunda fase do «Nacional» de 3.ª Divisão

A 9.ª jornada proporcionou a alguns clubes a oportunidade de se isolarem no comando de várias séries. Alguns têm já a qualificação quase assegurada. Como se sabe, a fase imediata passam os dois primeiros classificados de cada uma série. Eis o balanço do costume:

1.ª SÉRIE — Chaves, 7-Freamunde, 1; Bragança, 1-Mirandela, 1; Famalicão, 2-Gil Vicente, 1; Monção, 9-Bairro Latino, 0.

O Chaves deu, finalmente, um ar da sua graça, infligindo rude derrota a um clube que aspirava ain-

da á qualificação. No jogo mais importante, o Famalicão venceu o mais directo competidor, ficando muito isolado no comando da classificação. A 3 pontos, segue-se o Monção e a 4 o Gil Vicente.

2.ª SÉRIE — Leça, 5-Arrifanense, 0; Lusitania, 2-Lamas, 1; Varzim, 3-Ovarense, 0; Vilanovense, 4-Tirsense, 4.

O Varzim ficou apenas a um ponto do «leader», o Vilanovense, que, no seu campo, cedeu um empate ao Tirsense. Este viu-se, assim, livre do ultimo lugar, que ficou a ser pertença do Ovarense. O Leça já não parece á altura de apormentar os dois primeiros. Os clubes de Aveiro deixaram-se atrasar irremediavelmente.

3.ª SÉRIE — Sporting de Lamego, 6-Gouveenses, 0; Académico, 1-Lusitano, 1; Minas das Panasqueiras, 3-Mortágua, 2; Sporting de Gouveia, 2-Guarda, 0.

O Sporting de Lamego ficou já com 4 pontos de avanço sobre o mais próximo competidor, o Académico, que ontem empatou com o seu rival da região. Académico e Lusitano estão separados apenas por um ponto.

4.ª SÉRIE — União de Coimbra, 1-Marialvas, 0; F. C. Caldas, 4-Norte e Soure, 4; Alcobaca, 3-Mirense, 3; Naval, 5-Nazarenos, 1.

Os navalistas da Figueira da Foz têm já 6 pontos de avanço sobre o 2.º classificado, o Marialvas. Este perdeu com o União, ficando sómente com um ponto de avanço sobre o clube de Coimbra. O Mirense empatou em Alcobaca e poderá acalantar ainda certas esperanças.

5.ª SÉRIE — Tramagal, 3-Desportivo dos Olivais, 1; Estoril-Praia, 3-«Os Leões», 4; Torres Novas, 1-Ferrolviários, 0; Vila-franquense, 0. União de Tomar, 1.

«Os Leões», ao ganharem no Estoril, consolidaram a posição de guias, embora continuem apenas com um ponto de vantagem sobre o Torres Novas, Tramagal e União de Tomar, em 3.º lugar, podem pensar ainda na qualificação.

6.ª SÉRIE — Casa Pia, 2-Pescadores de Caparica, 1; Palmelense, 2-Luso, 7; Futebol Benfica, 1-Sesimbra, 2; Vitória de Lisboa, 0-Amora, 2.

O Vitória de Lisboa sofreu severa machadada nas suas aspirações. Luso e Amora continuam a par no comando da classificação. Em 2.º lugar, estão os Pescadores de Caparica, embora tivessem perdido com o Casa Pia, que está ainda a tempo de reagir da melhor maneira.

7.ª SÉRIE — Portalegrense, 9-Caliopolense, 0; União de Montemor, 2-«O Elvas», 3; Juventude, 2-Estremoz, 0; Estrela de Portalegre, 1-Estrela de Vendas Novas, 1.

Os «leaders», Portalegrense e Juventude, fizeram sentir a sua autoridade. A dois pontos, «O Elvas» faz-lhe ainda sombra. O Caliopolense é que desceu muito.

8.ª SÉRIE — S. Domingos, 3-Desportar, 1; Esperança, 0-S. L. Faro, 1; Sporting Ferreirense, 0-Aljustrelense, 1; F. C. Serpa, 0-Silves, 3.

Sete pontos separam já o Silves do 2.º classificado, o S. Domingos, que, por seu turno, tem apenas um ponto de avanço sobre o S. L. Faro. O Silves é de todo o torneio o unico clube que conta por vitórias os jogos disputados.

INSTANTÂNEOS DE DOMINGO

(Continuação da 1.ª página)

acrescentar a alguns outros neste campeonato.

■ O Olhanense perdeu, no Barreiro, contra o C. U. F. Já não se nos afigura tão natural os algarvios terem feito três golos. Qual foi o outro «conze» que o conseguiu?

■ Impressionante fuga dos vimaranenses dos lugares «infernais». A sua vítima de ontem, será afinal, a vítima, antecipada, da competição.

■ O encontro entre as duas equipas da beira-mar terminou com o êxito da visitada. Apesar disso, nem aveirenses, nem leixonenses, portanto: nem vencedores, nem visitantes deixaram de pensar no mesmo problema — a descida de divisão.

■ Os «leões» da Serra não consentiram que o Atlético se sentisse á vontade, a despeito de estar em sua casa. Os visitantes foram muito além do que se poderia aguardar.

■ Quatro vencedores «fora» na Zona Norte do «Nacional» da 2.ª Divisão, entre os quais figurou o comandante — o Feirense.

■ Na Zona Sul, o guia teve sorte oposta — perdeu em Faro.

■ Difícil triunfo obtido pela selecção de hóquei em campo de Lisboa sobre a do Porto.



O 1.º golo do Sporting. Marcador: Diego



Rita, o guarda-redes covilhanense, defende em posição acrobática

A vitória dos Alcantarenses acabou por surgir naturalmente

Não foi famoso o jogo da Tapadina entre o Atlético e o Sporting da Covilhã. As constantes chuvas que, por diversas vezes bateram o relvado, também não propiciaram uma boa adaptação. Todavia, atribuir, apenas, à chuva e ao terreno escorregadio a má factura de futebol parece-nos um caso de exagero. As maiores culpas quanto a nós devem ir para as duas equipas, em especial para a da casa, cujos jogadores encarregados da manobra não puderam ou não souberam procurar a toada, a orientação que mais convinha ao grupo que, para mais desfrutava de um «onze» que, segundo tudo indicava, jogaria normalmente sobre a sua defesa, o que, aliás, se verificou. Peres deslocado no lado direito e Inácio, lutador, mas pouco preciso, raramente conseguiram vencer a barreira serrana e quando o fizeram não foi com a rapidez que se impunha nem com a certeza de que o *tandem* de uma boa equipa como é inegavelmente a do Atlético deve mostrar em to-

das as ocasiões. Para além deste aspecto, quanto a nós básico para o mau jogo desenvolvido, há, ainda, talvez a acrescentar a sobrançeria com que os jogadores encararam o encontro, a denotar um excesso de confiança exagerado e que mereceu de um «frango» de Bandola a provocando uma grande surpresa. E o que também é de salientar é o maior acerto na movimentação, melhor dizendo, a boa articulação da equipa serrana com três dianteiros. Palmeiro Antunes, Adventino e Manteigueiro a manobram muito bem e a obrigarem, quando ao ataque; Orlando a brilhar a grande altura a ponto de poder ser considerado o melhor homem no terreno a par do guardião Rita.

A história do jogo resume-se a bem pouco. O Atlético marcou primeiro, não mostrou ganas de o ampliar e entretanto, o Covilhã, mercê da falha de Bandola (incompreensível como o árbitro teve dúvidas na

(Continua na 6.ª página)

-O lápis de PARGANA comenta...



Uma espectacular defesa de Américo, guarda-redes da Académica

MARCADORES

A vigésima jornada do «Nacional» da 1.ª Divisão rendeu 27 golos, média de 3,8 tentos por desafio.

Na tabela classificativa dos melhores marcadores não se registaram alterações de vulto, pois os primeiros classificados marcaram todos, estando a classificação agora assim ordenada:

Yauca (Belenenses)	17
Azumir (F. C. Porto)	16
Carlos Gomes (Atlético)	16
Gaio (Académica)	15
Amaro (Guimarães)	15
Diego (Sporting)	13
José Augusto (Benfica)	13
Aguas (Benfica)	12
Oswaldo Silva (Leixões)	12

OS GOLOS DE CADA EQUIPA
SPORTING (49)—Diego (13), Geo (9), Morais (9), Figueiredo (7), Pacoti (3), Hugo (3), Lúcio (2), Pêrides, Monteiro e José Pereira (Belenenses).

F. C. PORTO (40) — Azumir (16), Serafim (6), Pinto (6), Hermani (4), Noé (2), Jaime (2), Ivan (2), Carlos Duarte e Santana (Leixões).

BENFICA (53) — José Augusto (13), Aguas (12), Eusébio (8), Santana (7), Coluna (6), Germano (2), Torres, Cavém, Simões, Couceiro (Spt. da Covilhã) e Américo (Académica).

G. D. da C. U. F. (29) — Alvaro (8), Medeiros (7), Faia (5), Uria (5), Vieira Dias (2), Carlos Alberto e Reina (Olanense).

ATLÉTICO (37) — Carlos Gomes (16), Peres (5), Carlos Alberto (4), Palmeiro (4), Moreira (3), Pedro Silva (3), Augusto Silva (Guimarães) e Benje (Salgueiros).

Duas grandes penalida

ditaram o

cada categoria na sua concepção. Mas as dificuldades foram crescendo na sua frente e o golo tornou-se-lhe um problema tão agudo que só teve solução única pela marcação de uma grande penalidade, que serviu para fazer o resultado, aos trinta e dois minutos.

Tão grande era já, nessa altura, a presença académica que bastaram cinco minutos para a igualdade ser posta à vista noutra grande penalidade que Torres não soube aproveitar.

O JOGO de Aveiro

• TRIUNFO CERTO MAS EXIGUO

Como se aguardava, o jogo Beira-Mar-Leixões foi disputadíssimo e rodeou-se de interesse até final, isto pela melindrosa posição que ambos os grupos ocupam na tabela.

Os locais procuraram, desde o início, a vitória e forçaram, pelo empenho e pela determinação na luta, os matosinhenses a reforçarem a defesa jogando num «ferrolho» formado por todo o bloco defensivo, integrado do médio Raul I e do interior Ventura para o posto de médio.

Os beira-marenses, sempre seguros na defesa, que marcou sempre muito boa presença — do seu único deslize resultou o ponto de honra, merecido, dos leixõesenses — tiveram talento no ataque para superar a defesa reforçada do adversário.

Assim, o domínio do Beira-Mar traduziu-se, meritariamente, num golo, seguido de empate, desfeito no reatamento que deu confiança aos locais.

No segundo tempo, o Beira-Mar conseguiu cedo o terceiro golo e o resultado final ficou, desde logo, fixado.

A margem de duas bolas deu tranquilidade ao «onze» aveirense e impertigou os matosinhenses, que se mostraram informados, dado que podiam, ainda, pensar em nova igualdade. Não foram eles, porém, talentosos nem objectivos, devido à tarde apagada de Oswaldo Silva, porque Evaristo, destacado para «marcar» aquele jogador brasileiro, se exibiu em muito bom plano, anulando-o completamente.

A partida repartiu-se, nesse período, por ambos os campos mas o Beira-Mar, certo na defesa e com um ataque imaginoso, explorando bem a veteranía de Pacheco, acabou por perder golos em série. Rosas exibiu-se em bom plano.

A terminar este apontamento, há a aditar uma nota desagradável. Referimo-nos à rudeza excessiva com que se jogaram os últimos minutos.

(Continua na 6.ª página)

A C. U. F. VE POR DUAS V

Quando, ainda antes da primeira meia hora, a Cuf chegou a dois golos de vantagem, a partida parecia resolvida. Os barreirense haviam começado bem o encontro, com rapidez nos movimentos, entusiasmo na disputa dos lances, gosto pelo jogo, engodo pelas redes... A velocidade dos locais, servida por trocas de bola feitas com prontidão, lançou a perturbação no sector defensivo algarvio.

Reina «confessou» esse estado de espírito quando, ao evitar um remate, de Alvaro, rematou ele pró-

Se o empate vel que os ainda mais, n-
tir que os p-
seu cabedal d-
ra assegurar d-
fem, apesar d-
o pior foi
«azuis-branco-
mostrar, ao
excelente cap-
A verdade, e-
son fazendo
ça a desenvol-
trabalho enor-
dos os trunfo-
do, principal-
mos feitos de-
acabou por s-
tregue a um
camaradagem
é espontanea-
os jogadores
Ante este e-
pre nos «cap-
rodução do
amente ago-
cas, o F. C.
grande, pert-
acabou, total-
superioridade
trecho final, e-
te. Foi a def-
da pela alma-
pre grande, e-
Académica. M-
lhe o mérito
bém uma tal
crítica, nós a-
relevo e disti-

Moralizado-
na ultima jor-
que pode ter
e recebendo
sem dúvida
da prova, es-
fornenses ver-
folgada e fize-
vel.
Afinal, só s-
das referidas
que o Guima-
cado êxito m-
lhe-ia para t-
cado-centro, i-
nos infeliz. I-
fica que os m-
tuado uma p-
contrário. O
do, notando-
mento discipl-
o mesmo é d-
A sua linh-
entanto, o m-
rigosa a rema-
ve como unid-
do remate, e-
fica o desnív-
Mas se ap-
dos vimarens-
mente técnico

OS JOGOS DO «NACIONAL»

Penalidades com sorte diferente am o vencedor das Antas

concepção. Se o empate tem surgido, é possível que os estudantes crescessem ainda mais, mas também é de admitir que os portugueses sacassem do seu cabedal os meios necessários para assegurar o triunfo. Mesmo, ontem, apesar de tudo — e desse tudo o pior foi a quebra final — os «azuis-brancos» não deixaram de mostrar, ao bom entendedor, a sua excelente capacidade actual.

A verdade, porém, é que com Wilson fazendo Azumir sumir-se, França a desenvolver, a meio-campo, um trabalho enorme, prosseguido em todos os trunfos por Rocha e finalizado, principalmente, pelos dois extremos feitos de azougue, a Académica acabou por ser ela mesma, toda entregue a um jogo da mais perfeita camaradagem, em que a entreajuda é espontânea, feita com o coração e os jogadores todos irmanados.

Ante este quadro, que é de sempre nos «capas negras», e foi a redução do que vimos na Luz, finalmente agora sem notas antipáticas, o F. C. Porto, como qualquer grande, perturbou-se, desuniu-se e acabou, totalmente, desarticulado. A superioridade dos conimbricenses, no trecho final, dava-lhes jus ao empate. Foi a defesa portista, galvanizada pela alma de um Virgílio, sempre grande, que recusou o ponto à Académica. Mas não pôde recusar-lhe o mérito e se para este há também uma tabela, na apreciação da crítica, nós aqui o confirmamos com relevo e distinção.

ALBERTO LOBO

Beira-Mar, o único de honra, teve a superação necessária. Beira-Mar, num momento, desfez a confiança

Beira-Mar, o único de honra, teve a superação necessária. Beira-Mar, num momento, desfez a confiança

Beira-Mar, o único de honra, teve a superação necessária. Beira-Mar, num momento, desfez a confiança

Beira-Mar, o único de honra, teve a superação necessária. Beira-Mar, num momento, desfez a confiança

Beira-Mar, o único de honra, teve a superação necessária. Beira-Mar, num momento, desfez a confiança

Beira-Mar, o único de honra, teve a superação necessária. Beira-Mar, num momento, desfez a confiança

Beira-Mar, o único de honra, teve a superação necessária. Beira-Mar, num momento, desfez a confiança

Beira-Mar, o único de honra, teve a superação necessária. Beira-Mar, num momento, desfez a confiança

Beira-Mar, o único de honra, teve a superação necessária. Beira-Mar, num momento, desfez a confiança

Beira-Mar, o único de honra, teve a superação necessária. Beira-Mar, num momento, desfez a confiança

Beira-Mar, o único de honra, teve a superação necessária. Beira-Mar, num momento, desfez a confiança

Beira-Mar, o único de honra, teve a superação necessária. Beira-Mar, num momento, desfez a confiança

Beira-Mar, o único de honra, teve a superação necessária. Beira-Mar, num momento, desfez a confiança

Beira-Mar, o único de honra, teve a superação necessária. Beira-Mar, num momento, desfez a confiança

Beira-Mar, o único de honra, teve a superação necessária. Beira-Mar, num momento, desfez a confiança

Beira-Mar, o único de honra, teve a superação necessária. Beira-Mar, num momento, desfez a confiança

Beira-Mar, o único de honra, teve a superação necessária. Beira-Mar, num momento, desfez a confiança



Vital é chamado a intervenção de apuro

O Benfica em Évora

(Continuação da 1.ª página)

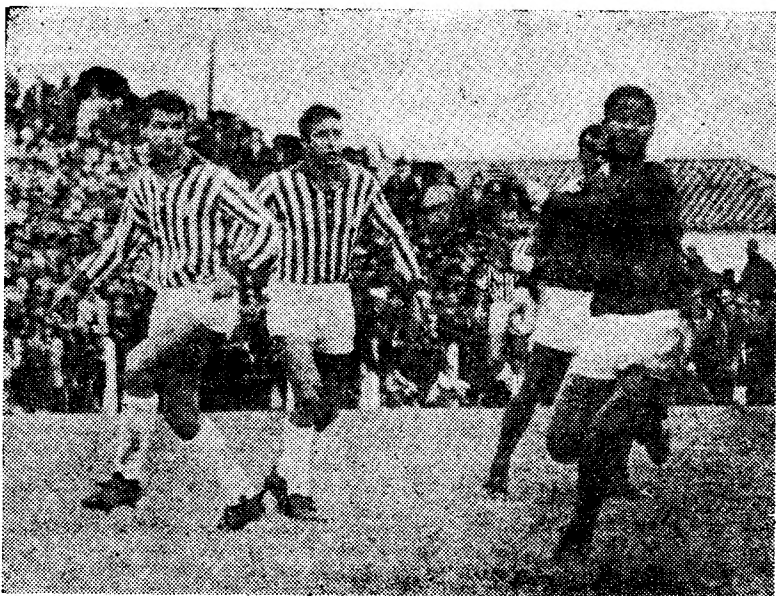
Um golo solitário, apontado aos 28 minutos do primeiro tempo, no seguimento de um «livre», conferiu a vitória à equipa do Benfica que, depois, teve talento e força de so-

bejo para defender o escasso avanço. Mais quatro remates à barra, um outro defendido por Paixão sobre o risco de golo e uma grande penalidade mal apontada por Germano passaram ao activo dos «encarnados» como as melhores oportunidades que construíram para aumentarem a expressão numérica, já que a expressão dominante, tanto técnica como territorial — mais esta do que aquela — raramente deixou de lhes pertencer. No primeiro período a equipa visitante encontrou oposição bem organizada e sofreu, por vezes, contra-ataques que perturbaram a sua defesa, em bom plano e a desfazer «raids» esporádicos, mas não mostrando idêntica serenidade quando submetida a ataques de maior consistência. Numa análise por sectores, o realce cabe ao intermédio, constituído pelo par Cavém-Cruz, sobrepondo-se o segundo ao primeiro, pela energia que colocou na luta e na regularidade das intercepções do esférico. Cavém foi, entretanto, um magnífico orientador dos lances entregando com excelente visão e oportunidade.

No quinteto dianteiro, onde alinharam dois reservistas — Amandio e Angeja — a nota mais alta pertenceu a Coluna, o cérebro-motor do quinteto, inextinguível de aplicação, energia e acerto mas que, no segundo tempo, se deixou contagiar pelo futebol negativo adoptado pelos companheiros de equipa ou imposto pela tática. Santana secundou bem o moçambicano e o famoso Eusébio desiludiu um pouco. Com uma garra muito doseada ou refreada, o famoso futebolista só nos

(Continua na 6.ª página)

(Continua na 7.ª página)



Não se vê a bola, mas a atitude de Eusébio e dos outros jogadores não engana

F. F. VENCEU DUAS VEZES

primeira a dois golo-... parecia... haviam... com entusiasmo... osto pelo... A velo-... por trocas... idão, lan-... cor defen-

estado de... r um pró-... ele pró-

(Continua na 6.ª página)

«NACIONAL» DA 1.ª DIVISÃO

7 dias em revista

Texto de Fernando Soromenho

Ilustrações de Pargana

O «31»...



DIA 12 — O «Nacional» de juniores começou na sede da Federação Portuguesa de Futebol com a fase fundamental, o sorteio dos jogos, numa cerimónia despida de qualquer formalidade. Nenhuma complicação. Os clubes foram divididos por séries e cada qual limitou-se a deitar contas à vida. Não são muitas as equipas, nem os jogadores atingem o numero desejado. Continua a acentuar-se o delicado problema: clubes a mais e praticantes a menos. Anote-se a coincidência do total dos clubes concorrentes ao campeonato. São 31. Até parece piada ao eterno «31» do futebol português. Do futebol e doutras modalidades...

SERÁ DESTA VEZ?

DIA 13 — Reconhece-se a vantagem da publicidade, com cabeça, tronco e membros. Mas, entre nós, não abundam os que dela se servem, conforme averiguou o organismo europeu do ramo, recentemente. No ciclismo, então, tem sido um deserto ao contrário do que se faz lá fora. A propaganda dos mais variados produtos é norma corrente. Com pleno êxito, acrescentamos. Assim, agradou a notícia de que se projecta apor nas camisolas dos corredores portugueses que irão a França e a Espanha, a marca «Vinho do Porto». Uma ideia feliz. Será esse o ponto de partida susceptível de entusiasmar os nossos industriais e comerciantes?



INEDITISMO...



DIA 14 — Não nos lembra caso semelhante no futebol mundial. Uma selecção ainda na primeira fase da preparação recorreu à colaboração de um clube estrangeiro, precisamente o campeão europeu, para a efectivação de um jogo-treino. Essa honra coube ao Benfica, que enfrentou a equipa de Itália. O resultado (1-1), claro, não interessa. O que interessa, sim, é salientar a verba que os «encarnados» cobraram: 20 mil dólares (580 contos, números redondos) com todas as despesas pagas, viagens e hospedagem, em Milão.

Ver o campeão é luto que custa caro.

«MAIS ALGUM VALENTE?»

DIA 15 — Nova sessão de pugilismo internacional no Pavilhão dos Desportos e outra jornada vitoriosa para os representantes do Benfica. O publico compareceu em grande numero e regressou a casa satisfeito com o espectáculo. Isso equivale a animo redobrado no espirito dos organizadores que, decerto, não se esquecerão de promover outras sessões de interesse. Portugal Nunes, Martinheira e Juvenal de Oliveira são uma garantia. Primeiramente, foram três espanhóis. Agora, calhou a vez a três franceses.

Venham outros...

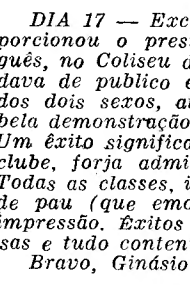


SUBIR DE POSTO...



DIA 16 — Começou em Moçambique. Veio para a Metrópole. Cedo alcançou a internacionalização. Deixou de ser jogador por causa de uma lesão. Abraçou a carreira de técnico. De adjunto passou, num ápice, a treinador, e logo num «grande», o Sporting, o seu clube de sempre. Agora, promoveram-no à selecção. Eis a traços largos a sensacional carreira do sr. Julio Cernadas Pereira. Vai agora o popular «Juca» pôr de pé o «conze» nacional. Não é fácil a tarefa, mas confia-se na sua competência. Esta é a opinião da gente da bola. Assim o ajudem. Dirigentes e jogadores, evidentemente.

BELA DEMONSTRAÇÃO



DIA 17 — Excelente espectáculo o que proporcionou o prestigioso Ginásio Clube Português, no Coliseu dos Recreios. A sala transbordava de publico e as exhibições dos ginastas, dos dois sexos, atingiram nível elevado. Uma bela demonstração em prol da Educação Física. Um êxito significativo que só honra o glorioso clube, forja admirável de uma juventude sã. Todas as classes, incluindo o lusitaníssimo jogo de pau (que emocionou), deixaram excelente impressão. Êxitos sobre êxitos, ovações calorosas e tudo contente.

Bravo, Ginásio Clube Português.

RITMO CERTO



DIA 18 — Julgava-se que a 20.ª jornada do «Nacional» da 1.ª Divisão provocasse alterações na tabela classificativa, principalmente no escalão da vanguarda, apesar dos dois primeiros actuarem nos seus campos. Afinal, nada se modificou, o mesmo devendo dizer-se em relação aos restantes lugares. Nesta altura do torneio, um passo em falso equivale a situação quase irremediável. Por isso, procura-se manter o ritmo certo, fazendo um apelo a todos os recursos. Portanto, um domingo sem novidades. Excepto, claro, no Totobola, onde o difícil é um aliciante atractivo.

SEM ÁRBITROS O RÂGUEBI ESTAGNA

A primeira jornada da 2.ª volta do Campeonato Nacional de Râguebi iniciou-se com a deficiência habitual nesta competição: a falta dos árbitros oficiais.

Urge que a Direcção-Geral dos Desportos ponha ponto final a esta situação desprestigante para a modalidade, dado o descuido a que a C. C. Árbitros votou tal problema, pois que, ainda, o não tentou resolver. Terá de ser dada solução a este problema pois que não se pode, por sistema, chegar ao fim da prova e homologar jogos dos quais não há boletins de árbitros. Foi isto o que sucedeu na primeira volta e a segunda parece ir pelo mesmo caminho. Dizemos isto porque ao jogo Direito-Sporting não compareceu o árbitro oficial e teve

Na Tapadinha

(Continuação da página central)

validação do tento, tendo de socorrer-se de um fiscal) empatou o jogo.

Pensou-se, então, na surpresa mas os serranos embora lutadores — na defesa chegaram até a ser muito duros — também, não mostraram o querer que por vezes opera milagres. E como o Atlético manteve apesar de tudo o comando do jogo «todo o mundo» foi esperando a sua vitória que acabou naturalmente por surgir.

E quando ganha a melhor equipa — o seu rendimento inferior apenas é relativo às suas actuais possibilidades — tudo termina bem, até para os jogadores de ambos os lados que acabam ao fim e ao cabo por regressar aos balneários a pensar que mais uma jornada está passada.

Orlando, F. Ferreira, Trenque e Carlos Gomes, ainda que um tanto egoísta foram os melhores alcantarenses. Rita, Cavém, P. Antunes e Chacho os mais influentes da turma serrana.

Curinha de Sousa, além do lance do golo teve comportamento razoável.

NUNO MOTA

EM AVEIRO

(Continuação da página central)

devido a uma maldosa entrada de Jacinto sobre Jurado, que foi agredido por aquele, sem que o árbitro tivesse visto.

Momentos depois, com os ânimos exaltados, dentro e fora do rectângulo, Pacheco teve uma entrada violenta sobre Miguel, sofrendo ordem de expulsão.

Foi um final triste, numa partida entre duas equipas tradicionalmente amigas.

Até certo ponto, o árbitro cumpriu, porque foi autoritário e imparcial.

No Beira-Mar há a salientar todo o bloco defensivo, com relevo para Valente e para o jovem Girão, que confirmou a boa esteira de Alvalade. Evaristo também foi muito útil por ter anulado o perigo que Osvado Silva representa. Na frente, os extremos foram codiciosos, sobretudo Azevedo, Miguel, Diego e Chaves.

No Leixões, Ventura foi o melhor; Rosas, Raul II, Raul I e Gomes, também se salientaram.

ANTÓNIO LEOPOLDO

de actuar um elemento da direcção da Federação. O encontro de reservas principiou com trinta e cinco minutos de atraso e foi dirigido por um jogador de cada equipa, em cada meio tempo, conforme está regulamentado no caso de falta do árbitro.

O jogo Benfica-Belenenses, em primeiras, não se efectuou, por ter faltado o juiz de campo e como o jogador do Belenenses escolhido para arbitrar a partida na primeira parte, deu o campo por incapaz o jogo ficou adiado. Será repetido no final da competição.

O desafio Sporting-Direito foi mal jogado por ambas as equipas e o empate traduziria, melhor, o desenrolar do encontro.

Todavia, os erros das defesas possibilitaram a marcação dos pontos. Os de Direito foram mais felizes e marcaram dois «ensaios», enquanto o Sporting, apenas, obteve um.

Em vez de porem a bola no chão e partirem em «dribling», ambas as equipas chutavam a bola para a frente de qualquer maneira já que o jogo à mão era impossível ou quase impossível, dada a fraqueza técnica dos jogadores e a escurregadia «enguia» em que a bola se tornara. O árbitro, talvez, devido ao estado do terreno, fechou os olhos a muitas jogadas duras, algumas quase agressões, que em nada contribuíram para o esclarecimento do jogo. Direito, equipa mais decidida e valente, aproveitou bem a dádiva dos erros sportinguistas.

Em Coimbra a Agronomia venceu a Académica num jogo bastante renhido, mas no qual os «agrónomos» tiraram proveito da sua maior experiência.

«FLY-HALF»

O Atlético de Bilbao

infligiu pesada derrota ao Atlético de Madrid

MADRID, 19. — Os jogos do campeonato espanhol ontem disputados forneceram os seguintes resultados:

Real Madrid-Maiorca, 2-0; Bilbao-At. Madrid, 5-1; Saragoça-Espanhol, 3-0; Sevilha-Santander, 3-1; Tenerife-Betis, 1-1; Real Sociedad-Elche, 2-1; Oviedo-Osasuna, 2-0; Barcelona-Valência, 4-0.

Classificação: 1.º, Real Madrid, 41 pontos; 2.º, Barcelona, 36; 3.º, Saragoça, 34; 4.º, Atlético de Madrid, 33; 5.º, Atlético de Bilbao, 30; 6.º, Valência, 30; 7.º, Sevilha, 29; 8.º, Elche, 28; 9.º, Betis, 27; 10.º, Osasuna e Maiorca, 25; 12.º, Espanhol, Santander e Oviedo, 24; 15.º, Real Sociedad, 21; 16.º, Tenerife, 17.

UM NOVO campo de jogos em São Romão

No próximo domingo, às 14 horas, proceder-se-á à inauguração do campo de jogos «Nossa Senhora da Conceição» em São Romão (Serra da Estrela).

Depois da benção do novo parque de jogos, nele se disputa a seguir o encontro Sporting Colégio de São Romão-Sporting Clube de Portugal (equipa de principiantes).

Haverá estacionamento gratuito para mais de 500 automóveis.

A cedência do campo de jogos fica a dever-se à família Nogueiras, de que é sócio benemérito o sr. Evaristo Nogueira.

No Barreiro

(Continuação da página central)

valia da sua equipa. Movimentado, atrevido, inconformado, o grupo visitante atirou-se para a frente, a fazer suas jogadas do dominador antecedente.

Assim, Matias marcou um golo e então coube à Cuf o período de menor lucidez e falta de compensação que antes tinha atravessado a turma de Olhão. Lançou-se o «onze» forasteiro na recuperação do terreno perdido e que não estava fora da razão, demonstrou a igualdade obtida antes do intervalo. A madeira devolveu um remate de Madeira (seu homónimo) e Oliveira, inesperadamente, imitou Reina: enfiou também o esférico na própria rede. Empate em tudo, portanto.

O recomeço do prélio revelou um «team» o visitado, sófrego por voltar à posição anterior, mas uma desatenção da sua retaguarda proporcionou um ensejo que a oportunidade de Armando não rejeitou. Estremeceu a equipa da casa, abalada pelos acontecimentos. Reforçando a nota, digamos que a Cuf deitou as mãos à cabeça sem, no entanto, a perder, pois os «verdes-brancos» tinham na sua frente uma tarefa difícil: vencer um jogo que parecia perdido, depois de ter estado ganhado, como se tivessem de triunfar por duas vezes no mesmo prélio.

Acentuou-se a pressão dos visitantes, mas os algarvios valorizavam a contenda, com a sua réplica denodada e repleta de determinação. Até que Medeiros recolheu uma bola numa terra de ninguém, desmarcado, sem adversários nas imediações. Adiantou-se no terreno e desferiu um remate tremendo que entrou por alto. Daí ao êxito foi um passo. Filhó faltou ao corte de um «livre» e a cabeça de Carlos Alberto estabeleceu a contagem definitiva.

Estava batido o Olhanense e vencedora a representação da Cuf, com honra para ambas as partes.

Nos visitantes, distinguiram-se Medeiros, Palma e José Carlos; nos visitantes, sobressaíram os extremos (Matias e Armando) e Nunes.

Aníbal de Oliveira estreou-se, como árbitro, na divisão principal. Foi metódico e não se discerniu antes as dificuldades. Como erro maior, a marcação de um «livre», contra os olhanenses, fora da grande área, quando a falta foi lá dentro.

FRANCISCO CAMILO

O MILAN

continua distanciado

ROMA, 19. — Resultados dos jogos do campeonato de Itália disputados ontem:

Catania-Udinese, 1-0; Fiorentina-Juventus, 1-0; Lanerossi-Inter, 1-1; Lecco-Palermo, 2-1; Mantua-Atalanta, 3-1; Milan-Pádua, 4-0; Sampdoria-Spal, 0-0; Torino-Roma, 1-1; Venezia-Bologna, 1-1.

Os campeonatos regionais Universitários

• O torneio de basquetebol prossegue regularmente

Nos ginásios do I. S. Técnico e da Faculdade de Ciência, prosseguem, com relativa normalidade, os jogos respeitantes ao Campeonato Regional de Basquetebol. Referimos relativa normalidade em virtude de, por vezes, surgir o contratempo da falta dos árbitros oficiais, o que motiva dificuldades na escolha dos substitutos e ocasiona atraso no início dos jogos.

Esclareça-se que, este ébice não cabe à organização do campeonato, mas, sim, ao deficiente trabalho da Comissão Distrital de Juizes de Basquetebol de Lisboa, entidade a quem o pedido de árbitros é feito a tempo e horas, e que parece querer atrofiar não só a boa sequência do campeonato, como a

EM GUIMARÃES

(Continuação da página central)

falta de capacidade para irem mais além. E, quando os avançados do Guimarães se encaminhavam para a baliza de Vieira, culpado em alguns golos, o sistema defensivo dos antagonistas abria brecha, facilitando a missão dos rematadores adversários.

Assim, o Guimarães, ansioso por fugir aos lugares de perigo, teve no Salgueiros presa fácil, vencendo com mérito, mas actuando muito abaixo das suas possibilidades.

Dario e Borges, na equipa portuense, evidenciaram-se em jogadas habilidosas mas pouco práticas.

No conjunto vimaranense sobressaíram Augusto Silva, Pedras e Romeu. O sector defensivo acusou a ausência de Caçara.

A arbitragem teve deslizos, que o desnível do resultado fez esquecer.

COELHO ALVES

VITOR HUGO

AVISO

Federação das Caixas de Previdência

— OBRAS SOCIAIS —

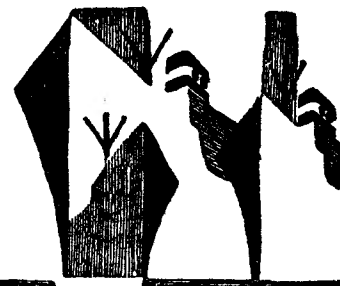
FÉRIAS EM ALBUFEIRA (ALGARVE)

Durante o corrente mês de Março continua aberta, na sede da Federação de Caixas de Previdência — Obras Sociais, Avenida Visconde de Valmor, 20, 3.º, Esq., Telefones 76 77 67/8/9, a inscrição para frequência dos Pavilhões de Férias deste Organismo, reservada a beneficiários da Previdência e suas famílias.



SOCIEDADE
GERAL

LISBOA — R. dos Douradores, 11 — Tel. 326314/5 e 34513 a 34516
PORTO — Rua do Bolhão, 192-2.º — Telef. 27363



CARREIRAS

METRÓPOLE AFRICA

NORTE EUROPA ANGOLA

ANGOLA NORTE EUROPA

ANVERS PORTUGAL

Para: S. VICENTE, PRAIA e BISSAU (Via LEIXÕES)

N/M «MANUEL ALFREDO» — A 25/3/62. Carrega em LISBOA para BISSAU a 22/3/62 e para CABO VERDE a 23/3/62. Carga Frigorífica a 24/3/62 até às 12 horas. Passageiros de 1.ª Classe e Turística

Para: S. VICENTE, PRAIA e BISSAU (Via FUNCHAL)

N/M «ALFREDO DA SILVA» — A 10/4/62. Carrega em LISBOA para BISSAU a 6/4/62 e para CABO VERDE a 7/4/62. Carga Frigorífica a 9/4/62 até às 12 horas. Passageiros de 1.ª Classe e Turística

Para: MATADI, LUANDA, LOBITO e MOÇAMÉDES

N/M «BELAS» — A carga em HAMBURGO, BREMEN, ROTERDÃO e ANVERS de 23/3/62 a 6/4/62. Em LISBOA, só para MATADI, a 11/4/62
N/M «BRAGA» — A carga em HAMBURGO, BREMEN, ROTERDÃO e ANVERS de 14/4/62 a 27/4/62. Em LISBOA, só para MATADI, a 2/5/62

Para: ANVERS, ROTERDÃO, BREMEN e HAMBURGO

N/M «BRAGANÇA» — A carga nos portos de ANGOLA de 23/3/62 a 2/4/62
N/M «BORBA» — A carga nos portos de ANGOLA de 15/4/62 a 24/4/62

Para: LEIXÕES, PORTO e LISBOA

N/M «CARTAXO» — A carga em ANVERS de 29/3/62 a 30/3/62
N/M «BELAS» — A carga em ANVERS de 5/4/62 a 6/4/62

YBARRA & C.ª, S. A.

SEVILHA

PARA:

AMÉRICA DO SUL

«CABO SAN VICENTE»

6 de Abril

Tenerife
Rio de Janeiro
Santos
Montevideo
Buenos Aires

OS AGENTES:

Em Lisboa:
AGÊNCIA MARÍTIMA
TRANSATLANTICA, LDA.
Rua do Alecrim, 20-F, 1.º
Telefone 37 72 64

No Porto:
KENDALL, PINTO BASTO
& C.ª, LDA.
Rua Nova da Alfandega, 12
Telefone 28421/7

OS PUILOS DE ALVES BARBOSA dão nas vistas

(Continuação da 1.ª página)

crucial da luta, foi desferido o golpe decisivo.

Foi ainda por iniciativa de um benfiquista (José Anastácio) que se iniciou uma fuga que se manteve durante quase 100 quilómetros. Acompanharam-no o alpiarcense, José Manuel Marques, e o sportinguista Pedro Junior. Aquele, porém, pouco depois de atravessada a sua região, quando começou a chover com maior intensidade, cedeu ante o veloz andamento dos

EM ÉVORA

(Continuação da página central)

últimos 15 minutos da partida resolveu dar um indicativo da sua classe de poderoso rematador, executando uma série de violentos remates que só não perturbaram Vital pela distância e má direcção com que foram disparados. Os dois extremos, muito discretos, especialmente Amandio que se «impressiou» com a rispidez de Paixão.

Do trio defensivo, a calma e segurança de Germano constrastaram com a foga de Mário João e Humberto. Costa Pereira bem no pouco que teve de executar.

E como actuou a turma de Évora?

Considerando que as suas últimas actuações têm sido pouco convincentes, a turma não se elevou da normalidade.

No segundo tempo, com o vento pelas costas, a equipa saiu com rapidez do sistema «ferrolho» para o ataque e fê-lo com certo equilíbrio e dose de segurança, denunciando boa capacidade atlética para o este- fado processo de acautelar a defesa e daí partir em força para o lance ofensivo com apoio dos médios. No segundo período a lei do limite da resistência física fez impor claramente a sua força e a turma teve de pagar o pesado tributo de claudicar e esquecer-se de que o Benfica poderia ser vulnerável.

Valeu ao Lusitano na primeira meia hora deste período a apatia do grupo visitante e a descolorida actuação dos extremos «encarnados» que não forçaram o andamento nem quiseram ser «verdugos». Numa visível quebra de energias, a turma eborense multiplicou-se num afã inglório para encontrar o tempo de entrada ao esférico, que 90 % do tempo esteve colado aos pés dos jogadores encarnados que, entretanto, não ilustraram o seu domínio com o lado prático do jogo: golos.

A entrada dos derradeiros 15 minutos, o Lusitano reagiu com energia ao domínio dos lisboetas, mas nada pôde obter para além do equilíbrio de domínio territorial, ficando-lhe, porém, a consolação — se em desporto a consolação é um mérito — de que perdeu pela diferença mínima um despique com a cotada equipa dos campeões europeus.

De pedra a pedra, Vital e Falé equivaleram-se no melhor que a equipa produziu a defender. Vicente, sempre uma utilidade, seguindo-se-lhe Teotónio. Sora e Paixão perdem qualidades sempre que são ultrapassados pelo adversário e caem frequentemente na irreflexão e é pena porque ambos têm bom estof de atletas. Na linha da frente todos se nivelaram no mediocre.

O sr. Inácio Terezo teve períodos oscilantes, «sentindo», por vezes, a paixão do ambiente extra-retangular de jogo. Não cometeu erros graves e, em especial, procurou ser imparcial e conseguiu-o, embora nem sempre tivesse sido bem ajudado pelos jogadores.

CÉSAR DE CARVALHO

companheiros de fuga, vindo a desistir.

O pelotão, que não concedera aos fugitivos vantagem superior a 4 minutos, resolveu-se a agir, quando estavam percorridos dois terços da prova, altura ideal para o ataque decisivo; e foram os benfiquistas, mais uma vez, os autores da manobra. Não tardou que Anastácio e Pedro Junior fossem absorvidos por um grupo de 11 homens, dos quais 7 eram do Benfica.

Na povoação de Espinheira (a luta jamais tivera tréguas) o pelotão da frente já perdera mais 5 unidades, ficando na liga apenas 8 corredores.

O técnico benfiquista insistia porém. A ordem era atacar, atacar sempre, e não tardou que os dois únicos estranhos do lote, Lima Fernandes (Alpiarça) e João Roque (Sporting), cedessem por sua vez, nitidamente esgotados, deixando, assim, o caminho livre a meia dúzia de «encarnados» que dali até à meta correram de modo admirável, brindando os acompanhantes e os entusiastas, que os vitoriam, com um autêntico «show».

Ilídio do Rosário, José Anastácio, Manuel Simões, Francisco Valada, Manuel Dionísio e Peixoto Alves — foram entes os heróis da prova — formaram um bloco tão unido, que passaram o risco da chegada a par, como que a pedir que os considerassem a todos primeiros. O juiz pôde, no entanto, destrinçar os respectivos lugares e classificou-os pela ordem atrás mencionada.

Apesar de toda a equipa se ter comportado de forma a merecer sinceros aplausos da parte dos que gostam de luta, acção, movimento — o que de melhor tem o ciclismo — José Anastácio, Dionísio Santos e Peixoto Alves puderam desempenhar o papel de primeiras figuras de um conjunto que, ontem, se terá excedido a si próprio. Todavia é da mais elementar justiça associar o nome do técnico, Alves Barbosa, não ao êxito de ontem, mas à demonstração de capacidade da equipa em provas anteriores.

A actuação dos «leões» e dos homens de Alpiarça foi decepcionante. Os corredores do clube de Alvalade valeu muito mais do que demonstraram, especialmente no que diz respeito a João Roque, Pedro Junior e Pedro de Carvalho. Quanto aos alpiarcenses, não parecem em forma.

A A. C. Sul resolveu, finalmente, escolher outro local mais apropriado para fazer a chegada, em melhores condições de segurança para os corredores. Neste aspecto, o novo

A marcha do campeonato

A 20.ª jornada do torneio maior do futebol português, a despeito do mau tempo que se fez sentir, não quebrou a regular sequência do campeonato, fornecendo os sete resultados que a seguir recapitulamos:

Sporting-Belenenses	3-1 (1-0)
Atlético-Spt. Covilhã	2-1 (0-1)
Lusitano-Benfica	0-1 (1-3)
V. Guimarães-Salgueiros	6-1 (0-1)
F. C. Porto-Académica	1-0 (2-0)
Beira-Mar-Leixões	3-1 (2-3)
C. U. F.-Oliveirense	4-3 (0-0)

Entre parêntesis indicam-se os resultados dos desafios da 1.ª volta, verificando-se do confronto resultados de confirmação, pois repetiram êxitos anteriores do Sporting, o Benfica, o F. C. Porto, contra desforras do Atlético, V. Guimarães e Beira-Mar, havendo uma rectificação por parte do Desportivo da C. U. F.

De salientar os êxitos do Benfica e do Vitória de Guimarães — o pri-

meiro por ser o único de um visitante e o último por ser o único com boa expressão.

Oito das catorze equipas conservaram as posições em que se encontravam e por coincidência foram as quatro primeiras e as quatro últimas.

Implicitamente houve seis concorrentes que mudaram de postos, fornecendo três permutas. A primeira fez subir o Atlético de 6.ª para 5.ª, por troca com o Belenenses; a 2.ª levou o Lusitano de 8.ª para 7.ª, atirando a Académica de 7.ª para 8.ª; a 3.ª fez com que o V. Guimarães passasse de 10.ª para 9.ª, com prejuízo do Oliveirense.

Com os encontros de ontem passaram a estar disputados 140 encontros, que deram 83 vitórias dos visitantes, 24 empates e 33 de visitantes. Marcaram-se ontem 27 golos, alcançando-se um total de 474 tentos — 315 dos visitantes e 159 dos visitantes.

Classificação geral do Campeonato

No próximo domingo, com a prova de 100 quilómetros contra-relógio, termina o Campeonato, cuja classificação indicamos a seguir.

Pelas diferenças que os separam do mais próximo adversário, parece que só em circunstâncias anormais o título poderá deixar de caber a um dos benfiquistas, que estão situados até ao 6.º lugar.

Após a segunda prova a classificação geral é a seguinte:

1.º, Manuel Simões (Benfica), 10 h., 52 m. e 50 s.; 2.º, Manuel Dionísio Santos (Benfica), mesmo tempo; 3.º, Ilídio do Rosário (Benfica), a 4 m. e 35 s. (8 pontos); 4.º, José Anastácio (Benfica), a 4 m. e 35 s. (8 pontos); 5.º, Peixoto Alves (Benfica), a 4 m. e 35 s. (20 pontos); 6.º, Francisco Valada (Benfica), a 5 m. e 40 s.; 7.º, João Roque (Sporting), a 14 m. e 52 s.; 8.º, João Sarreira (Benfica), a 18 m. e 16 s.; 9.º, Ventura Cristóvão (Sporting), a 20 m. a 40 s.; 10.º, Lima Fernandes (Alpiarça), a 20 m. e 40 s.

JUSTINO CORREIA

COMEÇOU O «NACIONAL» DE JUNIORES

e o F. C. Caldas e o Torriense evidenciaram-se

Começou mais um campeonato nacional de juniores — o 22.º da série — e, caso curioso, ainda não se conhece, ao certo, o elenco dos concorrentes. Primeiro foi a desistência do C. D. de Bragança, a reduzir para 31 o número de concorrentes; depois surgiram a A. F. do Porto a pretender o preenchimento da vaga, por parte do Tirsense, e a de Braga, desejosa de lançar na prova mais um dos seus filiados. Finalmente, existe um protesto contra a qualificação dos representantes de Évora. De modo que, a última palavra não está dita...

Os sete desafios jogados na Zona Norte suscitaram dois apontamentos: o comportamento das equipas da A. F. do Porto, pois registaram-se três vitórias e um empate, importando, consequentemente, realçar que nenhuma delas perdeu; e a superioridade dos clubes de Lei-



A selecção de Lisboa que ontem derrotou a portuense, em hóquei em campo

OS LISBOETAS venceram os portuenses (1-0) em hóquei em campo

No novo campo do Futebol Benfica realizou-se ontem de manhã um desafio entre as selecções de Lisboa e do Porto, integrado no programa de preparação da equipa nacional que irá defrontar o «onze» da Espanha, como se sabe medalha de bronze dos últimos jogos olímpicos.

Pena foi que o tempo, demasiado chuvoso, não tivesse permitido que os elementos das duas equipas dessem todo o rendimento de que são capazes.

Mesmo assim, num piso difícil em que a bola não rolava convenientemente, ainda foram gisadas algumas boas jogadas, que puseram à prova a acção dos defensores dos dois «teams».

No primeiro período o jogo decorreu bastante equilibrado, mas, na segunda parte, os lisboetas constituíram, sem dúvida, melhor equipa.

O seu tento, o único do encontro, foi marcado por Rogério Ramos, um dos melhores jogadores portugueses da actualidade, na transformação de uma grande penalidade, provocada pelo guardião portuense Dias.

Com um golo de vantagem os lisboetas cresceram nitidamente, pelo que o resultado verificado no final se pode considerar lisonjeiro para os norteños.

Dois golos de diferença exemplificariam com mais clareza o modo como o encontro decorreu. Se tal não se verificou, o facto ficou a dever-se em grande parte à excelente actuação do portuense Carlos Amaral, o melhor jogador em campo.

Com direcção de João Carvalho (Lisboa) e Luís Ferro (Porto), as equipas formaram:

LISBOA — Daniel; Carlos Alberto e Trindade (Fernando Sousa); Jaime Figueiredo, Armando Almeida e Fernando Sousa (Gema); Carlos Silva, Rogério Ramos, Carlos Alberto, Gema (Perna) e Alvaro.

PORTO — Dias; Pais e João Silva; Ferreira, Carlos Amaral e Vicente; Arlindo (Ireneu), Carlos Fernandes, Rogério, Toninho e Bré (Da Silva).

TUDO NA MESMA NO «NACIONAL» DE HANDEBOL DE ONZE

O Campeonato Nacional de handebol de onze interrompido há dias, devido ao jogo realizado no Porto, entre as selecções regionais da variante de sete, prosseguiu ontem de manhã, em Lisboa e no Porto, com a realização dos encontros respeitantes à primeira jornada da segunda volta.

Tal como na jornada inaugural, os dois «encarnados» voltaram a triunfar, agora por margem mais expressiva, continuando a ser as equipas com mais possibilidades de alcançarem o título, embora os lisboetas com a vantagem de terem derrotado, por margem ampla, os seus mais directos perseguidores.

A actual classificação é a seguinte:

	J.	V.	E.	D.	B.	P.
Benfica	4	4	-	-	45-26	12
Salgueiros	4	3	-	1	38-38	10
Sporting	4	1	-	3	31-37	6
F. C. Porto	4	-	-	4	40-53	4

Os «encarnados» receberam, no Campo Grande, a visita dos «leões». Na primeira parte, que terminou com os donos da casa a vencerem por 2-1, o jogo decorreu bastante equilibrado.

A passarem mal o esférico, os donos da casa permitiam que os visi-

tantes lhes cortassem, com relativa facilidade, as oportunidades de golo. No segundo tempo, porém, os donos da casa, com mais certeza na transplantação do jogo e na urdidura dos lances, viram a sua tarefa facilitada, acabando por ganhar à vontade.

Os «azuis-brancos» deslocaram-se a «Vidal Pinheiro», onde nunca renunciaram à luta, embora se mostrassem impotentes para travar a superioridade dos locais, a actuarem em magnífico plano.

Nos juniores tudo na mesma

Só na jornada derradeira será conhecido o campeão nacional de juniores, pois tanto o Boavista como o Sporting têm justas aspirações ao título.

Nos jogos de ontem, quinta jornada, os dois comandantes voltaram a triunfar, ambos no campo dos adversários.

A classificação está assim ordenada:

	J.	V.	E.	D.	B.	P.
Boavista	5	4	-	1	32-18	13
Sporting	5	4	-	1	24-15	13
Vilanovense	5	2	-	3	23-33	9
Belenenses	5	-	-	5	13-26	5



A equipa do Futebol Benfica, vencedora do Campeonato de Lisboa, um dos conjuntos portugueses que mais tem prestigiado a modalidade no estrangeiro

A ORIGEM DO JOGO

Desconhece-se como nasceu o hóquei em campo.

Os franceses pretendem que a modalidade seja um derivativo do jogo de «crosse», muito praticado e divulgado na Europa, no século oitavo.

Por seu turno, os irlandeses afirmam que possuem pergaminhos, com referências a um jogo muito parecido, datado do ano 148.

Para outros, no entanto, o hóquei em campo nasceu de um jogo praticado na Arábia, muito antes do «crosse» ser divulgado na Europa, em que os jogadores utilizavam já bengalas recurvadas na ponta, como as de hoje.

Uma coisa é certa, porém, e ninguém a poderá contestar — foram os ingleses que regulamentaram o hóquei em campo, tal como hoje se pratica, e que promoveram a sua expansão, espalhando-o não só pelas suas ilhas — em Londres há mais de cem clubes — como, também, por todos os pontos do globo, onde se fixaram.

Hoje a modalidade é praticada em quase todo o Mundo, gozando de um prestígio que, em muitos países, só é sobrelevado pelo futebol, pelo ciclismo e pelo raguebi.

Entre nós, infelizmente, é das modalidades mais pobres.

EM PORTUGAL

Em Portugal, a modalidade foi introduzida pelo Hóquei Clube de Portugal, realizando-se o primeiro desafio, em Lisboa, entre duas equipas daquela simpática colectividade, no dia 28 de Janeiro de 1923, há trinta e nove anos, no extinto campo do clube, em Sete Rios.

Desses dois conjuntos faziam parte, entre outros, Alberto Afonso, Dias de Sousa, Renato Matos, Moura e Sá, José dos Santos, Sílvia Silva Angelo Ferreira, Américo Rombert, José Silva, José Teixeira, Francisco Valente, Joaquim Gonçalves, Urbano Pereira, Júlio Cabral, Mário Valente, Carlos Costa, Francisco Araújo, Albano Lopes, Damasceno Cabral e José Gonçalves.

O desafio, presenciado por assistência reduzida, foi dirigido por Severino Freire — que bem se pode considerar a figura número um da modalidade, tal a devoção e dedicação que lhe dedicou durante muitos anos — e agradou. Assim não causou admiração que novos clubes se fossem dedicando à modalidade, aparecendo com os seus onzes.

No ano seguinte, organizado pela extinta Liga Portuguesa de Hóquei, disputou-se o primeiro torneio oficial da modalidade — o Campeonato de Lisboa — no qual tomaram parte os conjuntos do Hóquei, Benfica e Clube Internacional de Futebol.

A prova foi ganha pelos hoquistas que, no entanto, caso curioso, embora continuassem a praticar a modalidade — este ano desistiram do torneio regional — nunca mais conseguiram inscrever o seu nome como vencedores de uma prova de hóquei em campo!

Depois daqueles, outros clubes apareceram como o Campolide, Ateneu, Carcavelinhos, Belenenses, Futebol Benfica, Chelas, Sporting, Treze, Orien-

JÁ LEVA 39 ANOS A SUA PRÁTICA

tal, Estrela da Amadora, Palmense, em Lisboa; Vitória, Barreirense e Lusos, no distrito de Setúbal; Leixões, Boavista, Ramaldense, Sport Clube do Porto, Lamas, Académico, Estrela e Vigorosa, Futebol Clube do Porto, Camidelo, L'Air Liquide, e tantos outros, no Porto.

Muitos desses clubes já abandonaram a prática da modalidade, por ser onerosa e, também, por falta de praticantes, pois são poucos, hoje, os jovens que se lhe dedicam, havendo, agora, apenas, clubes em Lisboa, no Porto e em Macau.

Destas três cidades é, no entanto, no Porto que existe um maior número de clubes e, consequentemente, de praticantes.

O hóquei em campo, entre nós, teve o seu apogeu em 1931, ano em que tomaram parte no «Regional» de Lisboa catorze equipas e que terminou com a vitória do Benfica. Vitória difícilíssima em que os «encarnados», na finalíssima, venceram o Hóquei, nas Amoreiras.

O primeiro desafio entre regiões realizou-se nas Amoreiras, tendo as equipas apresentado:

LISBOA — Fernando Adrião; Ernesto Dinis e Pedro Asseca; J. C. Duarte, Mário Montalvão e Hans Schutzenweiser; José Prazeres, Francisco Tinoco, Eng. Artur Reis, Raul Cartaxo e Leonel Costa.

PORTO — Joaquim Mirão; António Rijo e Fernando Rodrigues; Pedro Temudo, Neco Adrião e José Ferreira; José Mamede, Manuel Rijo, Manuel Neto, Brito e Cunha e José Epifanio.

Este encontro foi ganho pelos lisboetas que demonstraram nítida superioridade.

Oito anos depois os portugueses deslocaram-se a Vigo, onde fizeram a sua estreia internacional defrontando a turma lisboeta a equipa de Espanha, formada por jogadores de Madrid, Valência e Vigo.

A vitória pertenceu aos nossos vizinhos, por 2-1.

O primeiro encontro internacional, realizado em Lisboa, efectuou-se no Lumiar-A, então propriedade do Unidos, em 11 de Abril de 1941, tendo saído vencedores os portugueses, pela diferença mínima (3-2).

A equipa lisboeta era constituída pelos seguintes elementos: Fernando Adrião; Campos e José Eugénio; Espírito Santo, J. Ferreira e Ludgero; Perna, Glão, Humberto (depois Leonel Rodrigues), Olivério e Leonel Costa.

Dai para cá, com o caminho aberto, a modalidade em vez de progredir retrocedeu.

Embora falte o contacto internacional às equipas portuguesas, estas quando são chamadas a intervir dizem sempre presente, logrando resultados que muita gente crê impossíveis dado o progresso verificado nos países, onde algumas equipas portuguesas se tem deslocado.

Neste aspecto, merece uma citação especial o Futebol Benfica, a turma lusitana que em confrontos internacionais — já não falando no «team» do Hóquei Clube de Macau — mais tem prestigiado o hóquei em campo português.

Senão vejamos. Os «encarnados e pretos», em 1949, classificaram-se em 3.º lugar no Torneio Internacional de Bruxelas e venceram o «Torneio Internacional de Vigo»; em 1960, voltaram a sair vencedores do «Torneio Internacional de Vigo» defrontando as melhores equipas de Espanha, que, nesse ano, se classificou em terceiro lugar nos Jogos Olímpicos.

Com estes e outros êxitos alcançados em jogos contra equipas estrangeiras pelo Futebol Benfica e com a carreira magnífica do Hóquei de Macau, no Oriente, fica-nos a certeza de que, se a modalidade fosse mais acarinhada entre nós, os portugueses podiam ir longe.

Qualidades, pelo menos, não lhes faltam.



Pai e filho—Lerindio Santos e Eduardo Santos — adversários



ALVARO GLÃO
actual presidente da Federação e um dos praticantes que mais se distinguem em Portugal não só pela sua categoria como, também, pela correcção

A «Taça de Portugal» começou a disputar-se na época de 1941-42, tendo como primeiro vencedor o Futebol Benfica. Nas restantes quatro edições a prova teve os seguintes vencedores: 1942-43 — Futebol Benfica; 1943-44 — Benfica; 1945-46 — Futebol Benfica; e 1946-47 — Benfica.

Depois de ter sido suspensa a

O «Nacional» e a «Taça»

«Taça de Portugal» começou a disputar-se, na época de 1950-51, o Campeonato Nacional, que nas onze edições teve os seguintes vencedores: 1950-51 — Futebol Benfica; 1951-52 — Futebol Clube do Porto; 1952-53 — Futebol Benfica; 1953-54 — Futebol Benfica; 1954-55 — Ramaldense; 1955-56 — Futebol Benfica; 1956-57 — Ramaldense; 1957-58 — Ramaldense; 1958-59 — Ramaldense; 1959-60 — Futebol Benfica; e 1960-61 — Ramaldense.

RAMALDENSE, CAMPEÃO NACIONAL



O conjunto do Ramaldense, vencedor do «Regional» do Norte e actual detentor do título de campeão nacional